

DANIELE RENATA DA SILVA

***EU SOU PRINCESA, FORA CACHORRADA: UMA
ANÁLISE DO DISCURSO DA PASTORA SARAH SHEEVA
NOS ACONSELHAMENTOS SENTIMENTAIS***

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Letras, para obtenção do título de
Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2014

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S586e
2014
Silva, Daniele Renata da, 1987-
*Eu sou princesa, fora cachorrada: uma análise do discurso
da pastora Sarah Sheeva nos Aconselhamentos Sentimentais /
Daniele Renata da Silva. – Viçosa, MG, 2014.*
viii, 200f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Mônica Santos de Souza Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Fala - Aspectos psicológicos. 2. Argumentação.
3. Comunicação de massa - Aspectos religiosos - Cristianismo.
4. Sarah Sheeva. 5. Aconselhamentos Sentimentais.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 808.51

DANIELE RENATA DA SILVA

***EU SOU PRINCESA, FORA CACHORRADA: UMA
ANÁLISE DO DISCURSO DA PASTORA SARAH SHEEVA
NOS ACONSELHAMENTOS SENTIMENTAIS***

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Letras, para obtenção do título de
Magister Scientiae.

APROVADA: 27 de março de 2014.

Dylia Lysardo-Dias

Maria Carmen Aires Gomes

Mônica Santos de Souza Melo
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação representa para mim uma conquista, pois somente após terminá-la é que experienciei a sensação de completar um ciclo. Nessa jornada muitas pessoas passaram em meu caminho e me ajudaram a chegar aqui. Por isso, tenho muito a agradecer.

Agradeço primeiro a Deus, que me deu a oportunidade de estudar nessa universidade e por permitir que professores brilhantes cruzassem meu caminho e me ensinassem tudo o que era necessário para meu crescimento.

À Professora Mônica, pela paciência e orientação. Sem sua ajuda e colaboração essa dissertação não teria sido possível, pois graças a seus ensinamentos e sua dedicação as ideias apareceram e se tornaram reais.

À Professora Maria Carmen, que muito me ensinou durante esses anos, que me deu lições de vida que fizeram de mim a pessoa e profissional que sou.

À banca examinadora, pela atenciosa leitura e contribuições para que esse trabalho fosse concluído. Suas sugestões serão de suma importância para que esse trabalho se complete.

À minha família, pelo apoio incondicional e pela confiança em meu potencial. Principalmente ao meu pai e minha mãe, pois todas as oportunidades que tive foram graças a vocês.

Ao Ervéssio, por seu companheirismo, compreensão, amizade e infinitas ajudas na construção dessa pesquisa.

Aos queridos amigos, que passaram pelo meu caminho e que tanto me ensinaram e me escutaram. À Marina, Thaís, e Lunara pela amizade e pelos auxílios diretos ao meu trabalho, à Ailly pelo companheirismo nos momentos de alegria e desesperos, à Laís por me ouvir e me ajudar em todos os momentos que precisei. À Carol e ao Raphael por apoiarem virtualmente o meu processo de escrita e pelas palavras de incentivo e amizade.

À Adriana Santana, por ser muito mais que apenas a secretária da pós-graduação, sua alegria, amizade, gentilezas, e prontidão em ajudar, sobretudo nos momentos mais difíceis, foram muito importantes para mim.

À Capes, pelo apoio financeiro ao desenvolvimento da minha pesquisa, o que possibilitou a minha formação nesses 2 anos.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
LISTA DE TABELAS	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1- Contextualização	9
1.1. Neopentecostalismo	9
1.2. Mídia e Religião	16
1.3. Religião, sexualidade e poder	18
CAPÍTULO 2 - Procedimentos Metodológicos	25
2.1 O contexto	26
2.2 O <i>corpus</i>	27
2.3 O tipo de pesquisa	34
CAPÍTULO 3 - O Gênero Aconselhamento Sentimental	37
3.1. Gênero na perspectiva da Semiologia	37
3.1.1. Teoria Semiológica: pressupostos básicos	37
3.1.2 Gêneros Situacionais	43
3.1.3. Descrição do gênero Aconselhamento Sentimental	48
CAPÍTULO 4 - A Argumentação nos Aconselhamentos Sentimentais	54
4.1. Teorias Argumentativas: uma introdução	54
4.2. A dimensão do Logos nos Aconselhamentos Sentimentais	55
4.2.1. A argumentação de ordem lógica: alguns pressupostos	55
4.2.2. A Lógica Argumentativa nos Aconselhamentos Sentimentais	65
4.2.2.1. Elementos de base	65

4.2.2.2. Procedimentos e técnicas argumentativas	71
4.3. A dimensão do <i>Ethos</i> nos Aconselhamentos Sentimentais	85
4.3.1. A noção de <i>Ethos</i> Discursivo	85
4.3.2. Construção do <i>Ethos</i> nos Aconselhamentos Sentimentais	88
4.4. A dimensão do <i>Pathos</i> nos Aconselhamentos Sentimentais	106
4.4.1. <i>Pathos</i> : da Retórica ao Discurso	106
4.4.2. A patemização na fala de Sarah Sheeva	113
CAPÍTULO 5 - Os Imaginários Sociodiscursivos acerca da mulher nos	
Aconselhamentos Sentimentais da pastora Sarah Sheeva.	126
5.1. Imaginários: saberes de crença e de conhecimento	126
5.2. A mulher nos Aconselhamentos Sentimentais	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	144
ANEXOS	149
Transcrições dos Aconselhamentos Sentimentais	
Aconselhamento nº1	150
Aconselhamento nº2	160
Aconselhamento nº3	171
Aconselhamento nº4	176
Aconselhamento nº5	191
Aconselhamento nº6	197

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Crescimento e declínio dos fiéis nas religiões: Católica e Evangélica	10
Figura 2: Página principal do canal do <i>Youtube</i> da Pastora Sarah Sheeva	28
Figura 3: Situação de comunicação	49
Figura 4: Construção do Modo Argumentativo	61
Figura 5: Asserções	62
Figura 6: Três formas de persuasão do discurso oral	84
Figura 7: Contraposição da imagem de Sarah Sheeva	100
Figura 8: Princesas da Disney	102
Figura 9: Kate Middleton	102
Figura 10: Vestuário de Sarah Sheeva	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais diferenças entre católicos e evangélicos	11
Tabela 2: Principais diferenças entre Igrejas Pentecostais e Neopentecostais	14
Tabela 3: Principais <i>visadas</i> discursivas	46
Tabela 4: Asserções do Aconselhamento Sentimental 1	65
Tabela 5: Asserções do Aconselhamento Sentimental 2	66
Tabela 6: Asserções do Aconselhamento Sentimental 3	67
Tabela 7: Asserções do Aconselhamento Sentimental 4	68
Tabela 8: Asserções do Aconselhamento Sentimental 5	69
Tabela 9: Asserções do Aconselhamento Sentimental 6	70

RESUMO

SILVA, Daniele Renata da, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2014. ***Eu sou princesa, fora cachorrada: uma análise do discurso da pastora Sarah Sheeva nos Aconselhamentos Sentimentais.*** Orientadora: Mônica Santos de Souza Melo.

Pretendeu-se, através deste trabalho, analisar como o *ethos*, o *pathos* e o *logos* foram utilizados no discurso religioso da pastora Sarah Sheeva, tendo em vista sua intenção de buscar a adesão de novos fiéis e de manter os que já fazem parte da comunidade religiosa. Com esse objetivo, nosso *corpus* se constitui de 6 Aconselhamentos Sentimentais publicados pela pastora no *Youtube*. Na sequência, optamos por, após a transcrição, descrever a organização discursiva e interpretar os dados com base no arcabouço teórico referente aos estudos da argumentação, baseados no tripé *logos*, *ethos* e *pathos*; e também nos estudos sobre gêneros. Utilizamos, na análise, Amossy (2011), Charaudeau (2007, 2010, 2011), Perelman (1996), Maingueneau (2011), entre outros autores. Através da análise do *logos*, percebemos que Sarah Sheeva utiliza diversos argumentos lógicos na construção do seu discurso. No que se refere à dimensão do *ethos* nos Aconselhamentos, constatamos que os principais *ethos* relacionados à imagem de Sarah Sheeva foram o de *virtude*, *solidariedade* e *credibilidade* e que os *ethos* relacionados à imagem da pastora são construídos não só pelo seu discurso, mas também pela sua forma de se vestir e de se comportar. Concernente à análise do *pathos*, temos que a argumentação de Sarah Sheeva é construída não só a partir de uma lógica, mas também pautada no emocional, e que ela intenta articular a razão e a emoção com a principal finalidade dos aconselhamentos, que seria manter os sujeitos que já a seguem e captar os fiéis que ainda não compartilham dos seus preceitos. Por fim, através da análise dos imaginários sociodiscursivos sobre a mulher, constatamos que há no discurso de Sarah Sheeva a reprodução de um ponto de vista tradicional que condena a liberdade feminina, duramente conquistada ao longo dos anos.

ABSTRACT

SILVA, Renata Daniele da, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, March 2014. *I am a princess, not a beach: A discourse analysis of the Sentimental Counseling from Minister Sarah Sheeva*. Advisor: Mônica Santos de Souza Melo.

The intention of this paper was to analyze how the *ethos*, *pathos* and *logos* were used in the religious discourse of Minister Sarah Sheeva, whose intention was to seek new members to her community and to keep those who are already part of it. With this objective in mind, our corpus is composed by 6 Sentimental Counseling published by the Minister on Youtube. After the corpus transcription this paper describes the discursive organization and interprets the data based on the theoretical framework related to the study of argumentation – based on the tripod *logos*, *ethos* and *pathos*, and in studies of genres. In this analysis, Amossy (2011), Charaudeau (2007, 2010, 2011), Perelman (1996), Maingueneau (2011) were used, among other authors. Through *logos* analysis we noticed that Sarah Sheeva uses many logical arguments in her discourse construction. Regarding the dimension of *ethos* in Counseling, it was found that the main *ethos* related to the image of Sarah Sheeva were of virtue, solidarity and credibility and that *ethos* related to the image of the Minister are built not only on her speech, but also on her way of dressing and behaving. Concerning the analysis of *pathos*, Sarah Sheeva's argumentation is built not only from logic, but also on the emotional, as she tries to articulate emotion and reason with the primary purpose of counseling, which would be maintaining people that already follow her and capture the faithful ones who have not yet shared her precepts. Finally, by analyzing the imaginary socio-discursive on women, we find that in Sarah Sheeva's speech there is a traditional point of view that condemns female liberty, which women have conquered over the years.

INTRODUÇÃO

A religião é um dos mais importantes pilares da sociedade. Segundo Silva (2007), com o desdobramento da história, as religiões passaram de sua espontânea mística inicial para um sistema organizado e administrativo da fé, e neste processo colocaram-se como portadoras do conhecimento sobre a divindade, assumindo o papel de porta-vozes da mesma. Ora, “falar em nome de Deus, um Ser tão Onipotente, conferiu às religiões um poder fantástico, que lhes possibilitou durante muito tempo determinar e orientar a vida política, social, econômica, cultural e moral das sociedades” (SILVA, 2007, p. 62).

Durante muito tempo, a única religião oficial no Brasil foi o Catolicismo e este era estritamente ligado à política. Isto porque, até meados do século XVIII¹, o Estado controlava a atividade eclesiástica na colônia, responsabilizando-se pelo sustento da Igreja Católica e impedindo a entrada de outros cultos no Brasil, em troca de reconhecimento e obediência. Em 1750, o agravamento dos conflitos entre colonos e padres, devido às tentativas de escravização dos índios, levou à expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, o que marcou um estremecimento na relação Estado/Igreja. No entanto, só em 1890, após a proclamação da República, o Estado tornou-se laico, ocorrendo a separação entre Igreja e Estado, ficando garantida a liberdade religiosa. Enquanto² a monarquia adotava oficialmente o catolicismo como credo obrigatório e discriminava abertamente os não-católicos, a república desligou-se do catolicismo sem adotar nenhuma religião como credo oficial, ou seja, o Estado passou a ser laico, sendo-lhe proibido (pela Constituição) beneficiar ou prejudicar

1

Informações disponíveis em http://www.portalbrasil.net/religiao_catolicismo.htm. Acesso em 17/02/2013.

² Disponível em <http://revistaladoa.com.br/2008/05/para-pensar/estado-laico>. Acesso em 17/02/2013.

qualquer confissão religiosa: tornou-se indiferente e passou a zelar exclusivamente pela administração material do país e não mais, também, pelo estado da consciência das pessoas. Só então, novas religiões puderam surgir no país e coexistir com o Catolicismo.

As religiões cristãs não-católicas³, como as evangélicas, têm sua origem no começo do século XVI, quando um monge alemão chamado Martinho Lutero se insurgiu contra Roma. No ano de 1517, revoltado com a venda de indulgências pelo Papa, Lutero escreveu suas 95 teses, que pregou na porta da catedral de Wittenberg. Era o impulso que faltava para a Reforma Protestante, que ocasionou uma das mais profundas transformações sociais da história humana. Com o tempo, do tronco protestante antipapal, foram surgindo dezenas de denominações. Uma das mais expoentes dessas subdivisões, uma verdadeira explosão de fé, foi a do pentecostalismo, criada pelo pregador negro americano William Joseph Seymour. Atualmente, há mais pentecostais no mundo do que anglicanos, batistas, luteranos e presbiterianos somados.

Uma das características básicas do Cristianismo é o seu papel missionário, sendo a disseminação da palavra de Cristo um dos preceitos básicos da fé cristã. Na cultura protestante, a missão de espalhar a palavra de Deus não fica a cargo apenas das lideranças religiosas, mas também de todos os protestantes. Em resumo, eles devem converter seu semelhante, independente de onde eles estiverem. Uma característica comum entre as religiões cristãs e não cristãs é, além da doutrinação religiosa, a doutrinação moral, pois cada religião estabelece para seus fiéis regras de comportamento adequadas a cada Igreja. Estritamente ligada à religião e a essas regras de conduta moral, está a imagem da mulher.

Sabe-se, a partir de Bakhtin (2003), que os discursos não são “puros”, já que surgem a partir de outros anteriores a ele, dão origem a discursos posteriores e estão sempre em transformação. Assim ocorre também com o

³ Informações retiradas do artigo *A força do Senhor*. Disponível em: http://veja.abril.com.br/030702/p_088.html. Acesso em 05/02/14.

discurso religioso, que é responsável pela difusão e reprodução de uma série de valores na sociedade. Em relação ao comportamento feminino, as igrejas, em suas diversas manifestações, difundem, através de vários gêneros, discursos que ultrapassam uma orientação espiritual, e ditam normas de conduta feminina adequadas a cada igreja, regras que condizem com padrões tradicionalmente impostos de comportamento. Silva (2007, p.71) aponta que, por um longo período da história, ao invés de ser vista como uma pessoa, um ser humano, a mulher foi tratada como “um animal irracional adestrado, orientado para satisfazer as vontades sexuais do homem e servir-lhe como escrava nos trabalhos domésticos”. A autora coloca ainda que, em todas as vezes que as mulheres tentaram lutar e/ou expor a situação tão injusta a que eram submetidas, estas foram silenciadas, humilhadas, assassinadas, “vítimas de desonestas ideologias e dos violentos músculos machistas”. Silva cita Schmidt (1999, p.71), quando este destaca que:

a partir do momento em que o trabalho feminino foi se reduzindo ao lar e que os homens se tornaram os chefes incontestáveis de família, as mulheres se tornaram quase propriedades do marido. Começava uma longa história de opressão machista sobre as mulheres. Séculos e séculos com as mulheres sem direito de estudar tanto como os homens, sem direito de participar plenamente da vida pública e intelectual, obrigada a obedecer aos homens, como doces cabras. (SILVA, 2007, p. 71, 72)

Se as mulheres já eram impedidas de ter acesso ao direito de estudar, votar, e tomar as próprias decisões, em relação à sexualidade não seria muito diferente. Xavier Filha (2003), fazendo referência aos modos como a imprensa relata a sexualidade feminina, destaca que, por volta dos anos 50, a sexualidade aparece ligada à reprodução e vinculada ao casamento, tese que é até hoje defendida pelas igrejas mais tradicionais. O papel da mulher seria o de, uma vez casada, satisfazer as vontades do marido. Essa visão é

também adotada pelas Igrejas, em suas diversas denominações. Na Igreja Católica, por exemplo, há documentos oficiais, tais como *Sexualidade Humana: Verdade e Significado*⁴ e *Amor, Sexualidade, Castidade*⁵, que regulam/ditam normas sobre o comportamento sexual dos fiéis. Esses documentos se resumem a orientação central de que as relações sexuais devem se restringir ao espaço do casamento e à finalidade de reprodução,

porque a sexualidade só se "torna pessoal e verdadeiramente humana quando integrada na relação de pessoa a pessoa, no dom mútuo total e temporalmente ilimitado, do homem e da mulher", ambos unidos pelo sacramento do matrimônio (que é indissolúvel). Por isso, os atos sexuais fora do matrimônio constituem sempre um pecado grave⁶.

A autora ressalta, contudo, que, no decorrer do último século, a imagem da mulher sofreu mudanças bruscas. Com o impulso do movimento feminista e o advento da pílula anticoncepcional, deu-se início a uma maior liberdade sexual, na qual as mulheres podiam escolher conscientemente a maternidade. Em meados da década de 70, o discurso sobre a sexualidade feminina adquire novo sentido - a mulher deveria deixar sua condição de assexuada e poderia ir à busca de orgasmos múltiplos, segura de si e exigente de seus direitos sexuais.

Hoje, vivemos em uma época de maior liberdade sexual, se comparada ao século passado. O Catolicismo, contudo, assim como outras religiões da atualidade, continua com os mesmos ideais em relação à sexualidade, pregando, por exemplo, a castidade antes do casamento. Como exemplo, temos a Igreja Celular Internacional⁷ - fundada em 1999 e

⁴ Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_08121995_human-sexuality_po.html. Acesso em 15/02/2014.

⁵ IGREJA CATÓLICA. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000. N. 488 p. ISBN 972-603-349-7

⁶ IGREJA CATÓLICA. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (em português). Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000. N. 492 e 502 p. ISBN 972-603-349-7

⁷ Informações retiradas do site da Igreja Celular Internacional. Disponível em:

presidida por Ludmila Ferber, juntamente com seu marido, desde a fundação -, que prega a castidade total antes do casamento, e se classifica como uma Igreja Neopentecostal⁸. Discorreremos sobre as Igrejas Neopentecostais no capítulo de Contextualização.

Uma das mais famosas propagadoras da doutrina desta igreja foi a pastora Sarah Sheeva⁹, criadora do Culto das Princesas e dos Aconselhamentos Sentimentais. Hoje, Sarah Sheeva não pertence mais a Igreja Celular Internacional e atua como pastora missionária. O Culto surgiu, segundo a pastora, após ela perceber a carência dos ensinamentos religiosos para as mulheres em sua igreja. Devido aos cultos serem destinados apenas às mulheres, estes não podem ser registrados e nem veiculados pelas mídias, para que nenhum homem tenha acesso ao conteúdo pregado pela pastora. Paralelamente ao Culto, devido à grande quantidade de e-mails em busca de orientação e conselhos pessoais recebidos por Sarah Sheeva, a pastora decidiu gravar vídeos nos quais responde perguntas encaminhadas por mulheres de todo o país. Esses vídeos, denominados Aconselhamentos Sentimentais, são veiculados pelo *youtube*¹⁰, e são de domínio público. Foram as transcrições desses Aconselhamentos, o foco de análise deste trabalho. Optamos por analisar os Aconselhamentos Sentimentais, por ser este um material de extrema importância na divulgação das opiniões e preceitos que prega a pastora Sarah Sheeva; e devido ao amplo alcance desses Aconselhamentos, visto que se encontram disponibilizados em uma mídia tão abrangente como a internet. Uma evidência da relevância deste material é que, até o momento, os

<http://www.igrejacelular.com.br/>. Acesso em: 27/01/2013. Mais informações sobre a igreja não foram encontradas.

⁸ Informação retirada do site Cristianismo Genuíno. Disponível em: <https://sites.google.com/site/cristianismogenuino/varias-diferencas-do-cristianismo>. Acesso em 10/04/2013

⁹ Sarah se tornou evangélica há 12 anos e há pouco mais de um ano começou a escrever um livro chamado “Manual de princesices – Como deixar de ser cachorra, se tornar uma princesa e receber o amor que você merece”, prestes a ser lançado.

¹⁰ Alguns dos Aconselhamentos Sentimentais encontrados no youtube foram veiculados por meio de um quadro da pastora Sarah Sheeva que foi ao ar algumas vezes no programa da RedeTv Manhã Maior, hoje reformulado sob o nome de Se Liga Brasil.

aconselhamentos que compõem o corpus deste estudo somam mais de meio milhão de acessos¹¹.

A ampla visualização pelos fiéis e o alcance que esses vídeos propiciam aos Aconselhamentos nos fazem destacar outro importante aspecto da contemporaneidade, relacionado ao fato de as Igrejas Neopentecostais, como a Igreja Celular Internacional, utilizarem as mídias, como a internet, para alcançar e arregimentar fiéis. Referimo-nos ao fenômeno da Midiatização da Religião, que será explicado no capítulo de Contextualização desta dissertação.

Pretendemos, com essa pesquisa, analisar a argumentação presente no discurso de doutrinação religioso e moral da pastora Sarah Sheeva. Para tal, descrevemos a organização discursiva dos Aconselhamentos; verificamos a forma como Sarah Sheeva utiliza a Argumentação para captar fiéis e manter os que já a seguem; e, por último, identificamos como ocorre a construção dos imaginários sociodiscursivos acerca da mulher no discurso da pastora.

O título de nosso trabalho, “*Eu sou princesa, fora cachorrada*”, faz referência ao “grito de guerra” entoado pelas seguidoras de Sarah Sheeva em seu Culto das Princesas. Além disso, essa frase resume muito bem os ideais que Sarah Sheeva prega em seus discursos.

Nossa pesquisa se justifica por várias razões. Primeiro, por se tratar de um objeto nunca antes investigado, e considerada a importância de tal discurso para a promoção, manutenção e revisão de valores e comportamentos em nossa sociedade. É importante, também, estudar o discurso religioso, devido à influência e alcance cada vez maior que esse discurso exerce sobre a população, principalmente em consequência do processo de inserção da religião nas mídias (processo de midiatização da religião). Segundo, é relevante analisar os imaginários sociodiscursivos construídos acerca da mulher no discurso religioso, para que possamos

¹¹ Os acessos aos Aconselhamentos Sentimentais no *youtube* foram somados no dia 17/02/2014, e o número exato de visualizações, até esta data, foi 672. 391 visualizações.

identificar como esta vem sendo retratada em um discurso tão abrangente. Por último, a nossa temática integra-se à linha de pesquisa Estudos Discursivos do Núcleo de Estudos Discursivos (NEED) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa - linha esta que vem trazendo importantes discussões para as problemáticas em torno do discurso e dos fenômenos a ele relacionados -, e a três projetos de pesquisa coordenados pela Prof.^a Dr.^a Mônica Santos de Souza Melo, orientadora desse trabalho, a saber: (i) Mídia, Discurso e Imaginários Sociodiscursivos; (ii) Análise do Discurso Religioso, e (iii) Argumentação, emoção e ethos: um olhar discursivo.

Nosso trabalho está dividido em 5 capítulos. No capítulo 1, fazemos uma breve contextualização da pesquisa; discorremos, assim, sobre o Neopentecostalismo, acerca do fenômeno da Miatização da Religião, e sobre as relações entre Religião, Sexualidade e Poder.

O capítulo 2 trata dos procedimentos metodológicos que adotamos neste estudo. Nele, discutimos o contexto da pesquisa, o *corpus* selecionado e o tipo de pesquisa utilizado para a análise.

No capítulo 3, abordamos a questão do gênero nos Aconselhamentos Sentimentais. A argumentação varia de gênero para gênero, uma vez que cada gênero tem suas predominâncias. Sendo assim, discorremos sobre o gênero na perspectiva da Semiologia; na sequência, falamos sobre os pressupostos básicos da Teoria Semiológica; abordamos, então, a questão dos gêneros situacionais, e, por fim, realizamos uma descrição do gênero Aconselhamento Sentimental sob a luz da Semiologia.

Por isso, o capítulo seguinte aborda a questão da Argumentação nos Aconselhamentos Sentimentais e, conseqüentemente, a tríade de Aristóteles: *ethos, logos e pathos*. Neste capítulo, veremos uma introdução das Teorias Argumentativas; alguns pressupostos da argumentação de ordem lógica; a lógica argumentativa nos Aconselhamentos Sentimentais; os procedimentos e técnicas argumentativas; a noção de *ethos* discursivo e a construção do

ethos nos aconselhamentos; a noção de *pathos* da Retórica ao Discurso e a patemização na fala de Sarah Sheeva.

O capítulo 5 trata dos imaginários sociodiscursivos acerca da mulher nos Aconselhamentos Sentimentais da pastora Sarah Sheeva. Por fim, temos as Considerações Finais, as referências utilizadas na construção deste trabalho, e os anexos, nos quais se encontram as transcrições dos Aconselhamentos Sentimentais.

CAPÍTULO 1

Contextualização

1.1. O Neopentecostalismo

Em entrevista ao site Web Evangelista¹², em 14 de maio de 2011, Sarah Sheeva, questionada sobre qual linhagem doutrinária ela seguia, respondeu:

(1) Eu me converti há 14 anos atrás (2007) numa "geração" neopentecostal. Mas não sou uma pessoa "fechada", inclusive eu atendo a convites para todos os tipos de Igrejas, pentecostais, tradicionais, etc. Porque creio que para o nosso Senhor a Igreja é uma só, sem "placa de identificação", ou separação de pessoas por linhagem doutrinária.

Como se observa, Sarah Sheeva vincula a sua crença e o seu trabalho ao Neopentecostalismo. Dessa forma, para compreender o teor de suas mensagens, é essencial conhecer um pouco sobre essa vertente evangélica. Nos países anglo-saxões, onde a Reforma Protestante eclodiu no século XVI, o termo “evangélico”¹³ foi utilizado para denominar quase todas as doutrinas cristãs protestantes. Na Alemanha, o uso desse termo é mais específico: evangélicos são os membros da Igreja Luterana e excluem-se o restante dos protestantes. No Brasil, o termo “evangélico” funciona como uma forma genérica de se referir às correntes tradicionais, e protestantes pentecostais e neopentecostais, surgidas no século XX.

¹² Disponível em <http://www.webevangelista.com/2011/05/sarah-sheeva-concede-entrevista.html> . Acesso em 12/02/2014.

¹³ Algumas informações foram retiradas do Glossário da Veja online. Disponível em

A seguir, temos um quadro com o crescimento e o declínio de fiéis atólicos, evangélicos e espíritas¹⁴:



Figura 1 – Crescimento e declínio dos fiéis nas religiões: Católica e Evangélicas

Como podemos perceber pelo infográfico, o número de brasileiros que se declaram católicos caiu de 64% em 2007, quando houve a última visita de um Papa ao país, para 57% em 2013, segundo pesquisa Datafolha¹⁵. Os dados foram divulgados na véspera da chegada do Papa Francisco ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro. No mesmo período, a população de evangélicos pentecostais passou de 17% para 19%, a de evangélicos não pentecostais de 5% para 9% e a de espíritas

¹⁴ Infográfico elaborado em 21/07/2013 pelo G1.com.br. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/populacao-catolica-cai-de-64-para-57-diz-datafolha.html>. Acesso em: 20/02/14.

¹⁵ Pesquisa publicada pelo jornal “Folha de S. Paulo” no dia 21/07/2013, um dia antes da visita do Papa Francisco. Disponível em: <http://bomlugarnoticias.com.br/curiosidades/pesquisa-datafolha-2013-sobre-religiao-evangelicos-crescem-e-catolicos-diminuem/>. Acesso em 18/02/14.

kardecistas se manteve em 3%. Na tabela a seguir, podemos entender as principais diferenças entre o catolicismo e as religiões evangélicas.

	CATÓLICOS	EVANGÉLICOS
Paraíso	A salvação está nas obras que se realizam durante a vida.	A salvação está na fé: basta aceitar Jesus para ter lugar no Paraíso.
Dinheiro	Condenam o lucro. A riqueza afasta os homens de Deus e do Paraíso.	A prosperidade é sinal de que o fiel está predestinado à felicidade eterna.
Doutrina	Ao lado da Bíblia, aceitam as reflexões de teólogos como base da doutrina.	Recusam qualquer ensinamento que não venha diretamente da Bíblia.
Maria	Acreditam na santidade de Maria, a mãe virgem de Deus.	Recusam a santidade de Maria e sua ascensão aos céus.
Imagens	Conferem valor sagrado para estátuas que representam santos.	Rejeitam qualquer forma de santidades e representações.
Celibato	O sacerdócio pode ser realizado apenas por homens com voto de celibato.	O sacerdócio é exercido por homens e mulheres, que podem constituir família.
Papado	O Papa é seu líder infalível, sucessor de São Pedro.	Recusam a liderança e a infalibilidade do Papado.
Interpretação Da Bíblia	A interpretação da Bíblia é exclusividade dos bispos e dos teólogos.	Todo fiel pode (e deve) ler e estudar sozinho a Bíblia.

Tabela 1. Principais diferenças entre católicos e evangélicos¹⁶

Observamos, portanto, que católicos e evangélicos diferem em vários aspectos, especialmente no que diz respeito à visão de paraíso, ao valor que se dá ao dinheiro, à doutrina seguida, ao tratamento das imagens, ao celibato, ao Papado, à santidade de Maria e à interpretação da Bíblia.

Entre as denominações evangélicas¹⁷, encontramos três divisões. As tradicionais, que vêm do período da Reforma Protestante, ocorrida no século

¹⁶ As informações utilizadas para montar a tabela foram encontradas na reportagem “Evangélicos” da revista Super Interessante. Disponível em: <http://super.abril.com.br/religiao/evangelicos-444350.shtml>. Acesso em 18/02/2014.

XVI; as pentecostais, que se originaram em uma época de reavivamento do protestantismo nos Estados Unidos, no início do século XX; e as neopentecostais, fenômeno bem mais recente, que estimula o fiel a procurar a prosperidade em lugar da graça.

As Tradicionais nasceram a partir de um movimento iniciado na Europa no século XVI, cujo marco célebre foram as 95 teses do teólogo cristão Martinho Lutero criticando uma série de práticas e doutrinas da Igreja Católica. Lutero, ao romper com o Vaticano, desencadeou a Reforma protestante, que culminou na criação de correntes cristãs divergentes, como a Igreja Luterana, a Calvinista, a Metodista, e a Batista. A maioria das igrejas protestantes rejeita o culto a Maria e aos santos e o celibato clerical, além de admitir práticas como o divórcio e os métodos anticoncepcionais.

Por sua vez, O Protestantismo Pentecostal foi uma corrente que apareceu nos Estados Unidos nos primeiros anos do século XX, entre fiéis metodistas insatisfeitos com a falta de fervor em suas igrejas. Devido aos cultos vibrantes, marcados por expressões de êxtase e fortes emoções, sua difusão pelos EUA foi rápida e, posteriormente, se difundiu, também, por países mais pobres, especialmente na América Latina. De forma simplificada, os pentecostais acreditam em aspectos milagrosos da fé, como o poder de cura do Espírito Santo, e enfatizam a pregação do Evangelho aos não convertidos. A maioria das igrejas pentecostais cobra dízimo de seus fiéis.

Por fim, as Igrejas Neopentecostais, surgidas a partir dos anos 1970, apostavam na divulgação por meio do rádio e da TV. O movimento neopentecostal se difere do pentecostalismo tradicional, principalmente por incentivar o fiel a buscar a prosperidade em lugar da graça. Seus rituais são grandiosos e pomposos, e não dispensam curas milagrosas e exorcismos. Além disso, grande parte das igrejas neopentecostais não são muito rígidas no que diz respeito aos hábitos e costumes de seus fiéis. Algumas delas

¹⁷ Dados disponíveis em Veja Online http://veja.abril.com.br/030702/p_088.html Acesso em 12/02/2014.

mantém forte presença na mídia eletrônica, controlando a programação – e às vezes, as finanças -, de centenas de emissoras de rádio e televisão Brasil afora.

O Neopentecostalismo é um movimento que resultou da transformação e readaptação das Igrejas Pentecostais, que começou na segunda metade da década de 70, cresceu e se fortaleceu nas décadas de 80 e 90, e hoje está presente nas mais diversas áreas do contexto nacional, desde a mídia até o cenário político. Segundo Mariano (1999) esta é a vertente pentecostal que mais cresceu nas últimas décadas, despertando a atenção da imprensa, dos meios de comunicação, dos pesquisadores e da própria Igreja Católica, que vem perdendo cada vez mais fiéis no Brasil para igrejas evangélicas. Paulo Ribeiro¹⁸ reforça a afirmação de Mariano (1999) ao explicitar que, em relação à essa nova roupagem do protestantismo no Brasil, pode-se dizer que as igrejas neopentecostais realizaram as mais profundas acomodações à sociedade (se pensarmos em termos de mutações do protestantismo através dos tempos), abandonando o velho estereótipo pelo qual os “crentes” eram reconhecidos e implacavelmente estigmatizados, abolindo certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, propondo novos ritos, crenças e práticas e estabelecendo costumes e comportamentos mais brandos, como em relação às vestimentas. O prefixo “neo” é utilizado para marcar sua recente formação, bem como seu caráter de “novidade” dentro do protestantismo, mais especificamente do pentecostalismo. Segundo Mariano (1999, p. 226):

a promessa de salvação paradisíaca no pentecostalismo sempre foi acompanhada de forte rejeição e desvalorização do mundo. O Neopentecostalismo transformou as tradicionais concepções pentecostais acerca da conduta e do modo de ser do cristão no mundo. Ser cristão tornou-se um meio primordial para permanecer liberto do Diabo e obter prosperidade

¹⁸ Informações retiradas do site Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/o-advento-neopentecostalismo-no-brasil.htm>. Acesso em 10/04/2013.

financeira, saúde e triunfos nos empreendimentos terrenos. Manter uma boa relação com Deus passou a significar o mesmo de se dar bem nessa vida.

De acordo com a citação, diferentemente da concepção pentecostal, para o Neopentecostalismo, manter uma boa relação com Deus passou a significar o mesmo de obter prosperidade nessa vida. As igrejas neopentecostais se distinguem das pentecostais nos detalhes. Na sequência, podemos visualizar esses detalhes que se configuram como as principais diferenças entre as igrejas pentecostais e neopentecostais.

	PENTECOSTALISMO	NEOPENTECOSTALISMO
Quem é	Congregação Cristã no Brasil, Deus é Amor, Assembleia de Deus, Brasil para Cristo.	Universal, Evangelho Quadrangular, Sara Nossa Terra, Internacional da Graça de Deus, Renascer, Celular Internacional.
Paraíso	A vida na Terra é uma fase de espera. Qualquer sofrimento é mínimo se comparado às maravilhas do céu.	Após a morte, todo cristão será recompensado com o Paraíso. Mas é possível vivê-lo na Terra, recebendo as graças de Deus.
Dízimo	O fiel deve dar à Igreja regularmente 10% de seu salário, como determina a Bíblia.	Idem, mas pagando o dízimo o fiel ganha o direito de exigir que Deus o recompense.
Prazeres	Quem é atraído por prazeres mundanos está se concentrando menos em Deus – e abrindo espaço para o Diabo.	Não há nada de errado em se divertir, desde que isso seja feito de forma moderada, sem excessos.
Sexo	Sexo serve para reprodução. Quem busca prazer sexual está se entregando ao demônio.	Prazer sexual é uma bênção de Deus, desde que a relação aconteça dentro do matrimônio.
Vida Social	Deve ficar restrita à comunidade. É proibido beber e/ou fumar.	Não se deve beber nem fumar, mas não é necessário se isolar da sociedade.
Aparência	Algumas igrejas impõem trajes formais e proíbem a depilação e o corte de cabelo. Crianças não podem brincar.	A escolha da roupa é uma questão de gosto pessoal. Usar maquiagem e ser moderadamente vaidoso não é proibido.
Tabus	Adultério, homossexualidade e aborto são inaceitáveis.	Adultério, homossexualidade e aborto são inaceitáveis.

Tabela 2. Principais diferenças entre Igrejas Pentecostais e Neopentecostais

Vale ressaltar que, em relação ao sexo, as Neopentecostais consideram o prazer sexual uma bênção que deve ser aproveitada no casamento, opinião que Sarah Sheeva defende em seu discurso.

Comparadas com as instituições de maior tradição do protestantismo brasileiro, nas igrejas neopentecostais verifica-se um aumento no número de fiéis que se mostram contrários ao tipo de sectarismo exacerbado proposto pelo pentecostalismo mais clássico. De acordo com Mariano (1999), a capacidade de maleabilidade do Neopentecostalismo quanto às mudanças da sociedade torna-se latente ao nos depararmos com a forma com que usam os meios de comunicação para a evangelização nos quatro cantos do mundo. Inserem-se, de forma peculiar, na linguagem das mídias – televisão, rádio, gravadora, jornal, internet, arregimentando, dessa maneira, um número cada vez maior de fiéis. Essa utilização da mídia, cada vez maior, por parte das igrejas neopentecostais e de outras denominações, se configura como um fenômeno conhecido como midiatização da religião.

1.2. Midiatização da Religião

Para Gasparetto (2011, p. 16), a “noção de midiatização é entendida como fenômeno técnico-social-discursivo pelo qual as mídias se relacionam com outros campos sociais, afetando-os e por eles sendo afetadas”. Estritamente relacionada a este fenômeno da midiatização, uma ocorrência vem chamando a atenção de estudiosos, tanto da mídia quanto da religião: o fenômeno da apropriação de campos midiáticos pelo espaço religioso. Ou seja, o campo religioso faz uso dos espaços midiáticos como instâncias de realização e atualização da fé. Segundo Gomes (2004), a consequência mais imediata disto é o deslocamento do espaço tradicional, acanhado e restrito dos templos, para um campo aberto e multidimensional, isto é, a lógica do templo, direta e dialogal, é substituída pela lógica da mídia moderna que se

dirige a um público anônimo, heterogêneo e disperso. Assim, as táticas dos pregadores, suas oratórias e performances deixam-se impregnar pelas leis da comunicação de massa, principalmente do rádio e da televisão. Os cultos e ações das Igrejas, cada vez mais, perdem espaço no coração do homem contemporâneo. Assim, criam-se novas formas de levar a religião até esse homem. Entretanto, esse movimento de deslocar-se do centro para as margens, via processos midiáticos, exige que se façam concessões aos padrões de comportamento ditados pelos meios de comunicação, tanto no que diz respeito à lógica de produção de mensagens quanto no que se refere ao consumo de bens culturais, neste caso, religiosos.

Gasparetto (2011) compartilha da opinião de Gomes (2004) e ressalta que a midiaticização afeta as práticas religiosas e sociais, constituindo uma experiência religiosa que resulta no modo de oferta de sentido, e na constituição de uma comunidade de pertencimento. O autor afirma que existe uma ação de processos midiáticos no interior do religioso, reconfigurando e dando a ele uma nova forma de existência. Sobre essa comunidade de pertencimento, temos que:

A comunidade de pertencimento é um efeito de operações de comunicação apropriadas pelo campo religioso, que, ao fazer uso dessas novas tecnologias, acaba instituindo novas formas de viver a religião, convertendo os fiéis em atores de suas práticas. É justamente essa relação entre midiaticização e comunidade de pertencimento que constitui a essência da complexidade do fenômeno religioso midiático nos dias de hoje. Podemos dizer, assim, que, para entender esse modo de fazer religião, que emerge da mídia e que se especifica numa nova forma de aglomeração, chamada aqui de comunidade de pertencimento, só é possível compreender esse fenômeno, seu funcionamento, sua dinâmica, seu dispositivo, tendo passado e refletido sobre as dissidências das dimensões sociotécnico-discursivas, que nós estamos denominando midiaticização. (GASPARETTO, 2011, p. 58)

Ou seja, é na esfera dos processos de comunicação, portanto, na lógica das mídias, que as instituições religiosas definem seus lugares, constituem suas identidades e suas relações com seu “outro” - seja esse outro uma instituição, o mundo dos fiéis e/ou os candidatos à salvação (FAUSTO NETO, 2002).

Sarah Sheeva é um exemplo claro da utilização das mídias para estabelecer uma relação com os seus fiéis. Os próprios Aconselhamentos Sentimentais, foco de investigação desta pesquisa, são veiculados por uma mídia: a internet. Além disso, Sarah Sheeva mantém um canal no youtube¹⁹, um blog²⁰, um site²¹, um twitter²², e uma página no facebook²³, nos quais posta, quase que diariamente, informações sobre suas pregações e cultos, vídeos, além de reflexões religiosas e comportamentais. Nesses termos, de acordo com Gasparetto (2011, p. 110), “a midiatização é um fenômeno que colabora para produzir um novo tipo de vivência religiosa, espécie de atividade na qual estruturam-se novos protocolos de interação”, no qual o viver religioso se estabelece apoiado pelas operações da modalidade de comunicação midiática. Como constatamos, Sarah Sheeva utiliza amplamente o fenômeno da midiatização da religião para se manter próxima dos fiéis. Um dos principais tópicos sobre o qual a pastora posta reflexões e discussões na internet refere-se aos relacionamentos amorosos e, conseqüentemente, à sexualidade. Dessa forma, é preciso, então, discorrer sobre esse conceito, o que realizaremos na sequência.

¹⁹ <http://www.youtube.com/user/SarahSheeva>

²⁰ <http://sarahsheeva.wordpress.com/>

²¹ <http://www.sarahsheeva.com/>

²² <https://twitter.com/SarahSheeva>

²³ <https://www.facebook.com/pages/Pastora-Sarah-Sheeva/167117100009958>

1.3. Religião, Sexualidade e Poder

No decorrer da história da humanidade, religião, sexualidade e poder sempre estiveram relacionados. Através da religião, o homem consegue dar sentido a sua vida e responder aos questionamentos universais: de onde viemos, pra onde vamos, entre outros. Aproximando-se do sagrado, o ser humano busca aceitar a finitude de sua existência no mundo e conseqüentemente lidar com o desamparo ao qual está fadado.

De acordo com Foucault (2004 [1978], p. 62), a história da sexualidade, se desenvolve em tempos. O primeiro tempo é a "Antiguidade grega e romana, na qual a sexualidade era livre, se expressava sem dificuldade e efetivamente se desenvolvia; sustentava em todo caso um discurso na forma de arte erótica". O cristianismo interveio, e levou a um silêncio sobre a sexualidade, baseado principalmente em proibições morais. Contudo, a burguesia que, a partir do século XVI se encontrava em uma posição de hegemonia econômica e cultural,

teria retomado de qualquer modo a seu cargo, para aplicá-lo mais severamente ainda e com meios ainda mais rigorosos, esse ascetismo cristão, essa recusa cristã da sexualidade e conseqüentemente a teria prolongado até o século XIX, no qual finalmente, em seus últimos anos, se teria começado a levantar o véu com Freud. (FOUCAULT 2004 [1978], p. 63)

Segundo Foucault, esse é o esquema histórico comumente utilizado quando se pretende fazer uma história da sexualidade no Ocidente, estudando, primeiramente, "os mecanismos da repressão, da interdição, daquilo que rejeita, exclui, recusa, e depois fazendo recair a responsabilidade dessa grande recusa ocidental da sexualidade sobre o

cristianismo” (FOUCAULT, 2004 [1978], p. 63). Dessa forma, teria sido o cristianismo que teria dito não à sexualidade. Contudo, Foucault considera que esse esquema histórico tradicionalmente aceito não é exato, e que ele não pode ser mantido por inúmeras razões. Para o autor, o mais interessante e profícuo seria fazer a história da sexualidade a partir do que a motivou e impulsionou, em detrimento do que a proibiu. O autor afirma, também, que, geralmente, quando se quer caracterizar a moral cristã quanto à sexualidade, opondo-a a moral pagã, são propostas as seguintes características:

(i) em primeiro lugar, o cristianismo teria imposto às sociedades antigas a regra da monogamia;

(ii) em segundo, o cristianismo teria atribuído como função, não somente privilegiada ou principal, mas como função exclusiva, como única função da sexualidade, a reprodução - somente fazer amor com a finalidade de ter filhos.

(iii) Finalmente, em terceiro lugar, há uma desqualificação geral do prazer sexual. O prazer sexual é um mal - mal que precisa ser evitado e ao qual, conseqüentemente, é preciso atribuir a menor importância possível. Atribuir ao prazer sexual apenas a menor parcela possível de importância, apenas utilizar-se desse prazer, de qualquer forma a despeito dele mesmo, para fazer filhos, e não fazer esses filhos, ou seja, apenas praticar as relações sexuais e encontrar nelas o prazer no casamento, no casamento legítimo e monogâmico. (FOUCAULT 2004 [1978], p. 64)

Para Foucault, essas três características definiriam o cristianismo. Contudo, para o autor, o cristianismo não pode ser responsabilizado por toda essa série de proibições, de desqualificações, de limitações da sexualidade frequentemente atribuídas a ele. Foucault (2004 [1978]) recorre aos trabalhos de Paul Veyne para mostrar que esses três princípios de moral sexual já existiam no mundo romano antes do surgimento do cristianismo, e

que a poligamia, o prazer fora do casamento, a valorização do prazer, a indiferença em relação aos filhos já havia desaparecido, em sua essência, do mundo romano antes do cristianismo, e apenas uma pequena casta social de privilegiados, de pessoas ricas e, conseqüentemente, livres, não praticavam esses princípios, mas basicamente eles já estavam incorporados.

Para Foucault, o papel que o cristianismo desempenhou na história da sexualidade não foi o de introduzir novas ideias morais, ou novas interdições. Para o autor (2004 [1978], p.65) o que o cristianismo trouxe para a história da moral sexual foram novas técnicas, novos mecanismos de poder para impor essa moral, e esses mecanismos se mantêm até os dias atuais.

Em *Microfísica do poder*, Foucault (2002) define poder como algo presente em toda parte, em todas as relações humanas, porém, enigmático, às vezes oculto, simultaneamente visível e invisível. Os grandes poderes, por exemplo, as Instituições e o Estado, se baseiam e se sustentam através das pequenas relações de poder cotidianas. Relacionando o poder com a sexualidade, Foucault (2004) afirma que esta se apresenta como um dispositivo a serviço do poder, dispositivo no sentido de estratégias de relações de força que sustentam e são sustentadas por tipos de saber. O poder, no âmbito da religião, se apresenta tanto de forma sutil como de forma enfática, e no meio evangélico ainda vem revestido do poder pastoral. Para Foucault, esse é o poder que o cristianismo introduziu no mundo romano, que valorizava as proibições já reconhecidas e aceitas na sociedade. Ele define o pastorado como:

uma categoria de indivíduos totalmente específicos e singulares, que não se definem inteiramente por seu status, sua profissão nem por sua qualificação individual, intelectual ou moral, mas indivíduos que desempenhavam, na sociedade cristã, o papel de condutores, de pastores em relação aos outros indivíduos que são como suas ovelhas ou o seu rebanho. (FOUCAULT 2004 [1978], p.65)

Para o autor, esse tipo de poder se opõe ao poder político tradicional, por não se aplicar a um território e sim sobre pessoas. O poder pastoral tem como objetivo fazer o bem para aqueles que cuida, garantindo a subsistência tanto do indivíduo, quanto do grupo, e isso faz com que ele se diferencie do poder tradicional, que tem como principal manifestação o triunfo sobre os dominados. A característica moral do pastorado é se sacrificar pelo bem de seus seguidores. O poder pastoral, ao contrário do poder tradicional que visa salvar a totalidade dos cidadãos e do território, é um poder individualista, que intenciona cuidar dos indivíduos particularmente. Para Foucault (2004 [1978], p. 67) “através da organização do pastorado na sociedade cristã, a partir do século IV d. C., e mesmo do século III, desenvolveu-se um mecanismo de poder muito importante para toda a história do Ocidente cristão e, particularmente, para a história da sexualidade”, pois o fato de haver um pastor significa que, para todos os indivíduos, existe uma obrigação em conseguir a própria salvação. Para o autor:

a salvação é simultaneamente, no Ocidente cristão, um assunto individual – todos buscam sua salvação -, porém essa salvação não é objeto de uma escolha. [...] as sociedades cristãs não dão liberdade para os sujeitos livres dizerem: “Pois bem, eu não quero buscar a minha salvação.” Cada indivíduo é instado a buscar sua salvação: “Tu serás salvo, ou melhor, será necessário que faças tudo o que é preciso para seres salvo e nós te puniremos neste mundo caso não faças aquilo que é necessário para seres salvo.” O poder do pastor consiste precisamente na sua autoridade para obrigar as pessoas a fazerem tudo o que for preciso para a sua salvação: salvação obrigatória. (FOUCAULT, 2004 [1978], p. 67)

Além disso, o indivíduo não busca a salvação sozinho, pois para alcançá-la é preciso que ele aceite a autoridade de um outro, neste caso, do

pastor, que é quem pode autorizar ou não os comportamentos do sujeito. Dessa forma, além das leis comuns já existentes na sociedade, que tinham sua própria forma de punição, surge outra forma de condenação do comportamento, de atribuição de culpa, mais sutil e sustentável, que é a atribuída pelo pastor, visto que este detém o poder de guiar as pessoas para a própria salvação e, portanto, de vigiar se seus preceitos estão sendo seguidos. Ou seja, o pastor, na sociedade cristã, tem o poder de impor uma obediência plena aos indivíduos, fenômeno até então só existente através das leis e dos juízes. O poder pastoral trouxe para o cristianismo o mérito da obediência incondicional perante o pastor; ser obediente é a condição essencial das outras virtudes.

Foucault (2004 [1978]) explica que o pastorado trouxe uma gama de técnicas e procedimentos que referiam-se à verdade e à produção desta. Para ele, o

pastor cristão ensina – e nisso ele se inclui, certamente, na tradição dos mestres de sabedoria ou dos mestres de verdade, que podiam ser, por exemplo, os filósofos antigos, os pedagogos. Ele ensina a verdade, ele ensina a escritura, a moral, ele ensina os mandamentos de Deus e os mandamentos da Igreja. Nisso ele é um mestre, porém o pastor cristão, para exercer sua tarefa de pastor, deve saber, é claro, tudo o que fazem as suas ovelhas, tudo o que faz o seu rebanho e cada um dos membros do rebanho a cada instante, mas ele deve também conhecer o interior do que se passa na alma, no coração, no mais profundo dos segredos dos indivíduos é absolutamente exigido para o exercício do pastorado cristão (FOUCAULT, 2004 [1978], p. 69)

Segundo o autor, o cristianismo encontrou uma maneira de implantar uma forma de poder que controlava os sujeitos por meio de sua sexualidade. Mas, ao mesmo tempo, se tudo relacionado ao corpo fosse considerado

prejudicial, se cairia num ascetismo radical, então, era vital que o corpo, os prazeres e a sexualidade pudessem existir na sociedade, que por sua vez, tinha suas necessidades de reprodução e de organização familiar. Sendo assim, era preciso

uma concepção no fundo relativamente moderada quanto à sexualidade, que fazia com que a carne cristã jamais fosse concebida como o mal absoluto do qual era preciso desembaraçar-se, mas sim como a perpétua fonte, dentro da subjetividade, dentro dos indivíduos, de uma tentação que corria o risco de levar o indivíduo a ultrapassar as limitações impostas pela moral corrente, ou seja: o casamento, a monogamia, a sexualidade para a reprodução e a limitação e a desqualificação do prazer. (FOUCAULT, 2004 [1978], p. 71)

Assim, o cristianismo, através do pastorado, instaurou e conseguiu que funcionasse uma moral comedida entre a sociedade civil e o ascetismo, baseando-se em um conhecimento dos indivíduos por meio deles próprios e dos outros, de seus corpos, suas fraquezas, sua carne e sua sexualidade. Essa foi a contribuição fundamental do cristianismo para a história da sexualidade, na opinião de Foucault. Portanto, o verdadeiro papel do cristianismo na história da sexualidade, não foi a recusa, a interdição, a repressão, mas sim o estabelecimento de um mecanismo de poder e controle que era, simultaneamente, um mecanismo de saber dos indivíduos sobre os indivíduos e dos indivíduos sobre eles mesmos.

O que buscamos investigar em nossa pesquisa, entre outros, é justamente como os padrões de comportamento sexual são representados nos Aconselhamentos Sentimentais da pastora Sarah Sheeva.

No próximo capítulo, descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa. Entre eles, explicitaremos o *corpus*, o contexto e o tipo de pesquisa utilizada.

CAPÍTULO 2

Procedimentos Metodológicos

Segundo Charaudeau (2010a), no campo semiolinguístico, o ato de linguagem deve ser concebido como um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. Dessa forma, temos que o Objeto do Conhecimento “é o *do que* fala a linguagem, através do *como* fala a linguagem, *um constituindo o outro*”. Dessa maneira, o mundo *se faz* através da estratégia humana de significação. O Método seguido deverá, então, ser duplo: “elucidante do ponto de vista do *como* e abstratizante do ponto de vista do *do quê*”. (CHARAUDEAU, 2010a, p. 21). Assim, podemos dizer que uma análise semiolinguística do discurso é Semiótica, já que o objeto de interesse desta somente se constitui em uma intertextualidade, que, por sua vez, irá depender dos sujeitos da linguagem, que buscam extrair dela possíveis significantes. Além de Semiótica, uma análise semiolinguística do discurso é, também, Linguística, uma vez que o instrumento utilizado para “interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos languageiros”. (CHARAUDEAU, 2010a, p. 21).

Para analisar o discurso, Charaudeau (1999), em sua Teoria Semiolinguística (TS), se serve de três problemáticas: primeiro, de uma problemática comunicativa, já que aborda os fatos do discurso mais por suas condições situacionais de produção (contrato de comunicação) do que por suas marcas linguísticas; segundo, de uma problemática representacional, uma vez que seu trabalho sobre o reconhecimento das estratégias discursivas deve resultar na descrição de imaginários sociodiscursivos de base; por fim, da problemática cognitiva, visto que é importante que os imaginários sejam descritos com as categorias semiolinguísticas. A Teoria Semiolinguística coloca, ainda, os *sujeitos* no centro de suas postulações.

Machado (2006) afirma que a análise da TS é crítica, no sentido em que desconstrói os discursos para melhor ressaltar os motivos que lhes

deram origem, o porquê de sua produção e, de certo modo, as ideologias que presidiram esta construção. Por todos os aspectos apresentados, escolhemos analisar o objeto Aconselhamento Sentimental à luz da Teoria Semiolinguística. Corroboramos, também, com o exposto de que o reconhecimento das estratégias discursivas deve resultar na descrição de imaginários sociodiscursivos. É justamente isso que realizaremos ao final desta pesquisa.

Definido o objeto de investigação deste estudo - os Aconselhamentos Sentimentais -, e a principal teoria utilizada na análise - a Teoria Semiolinguística -, faz-se necessário, também, explicitar o contexto da coleta dos dados que compõem este *corpus* e suas características; o *corpus* selecionado; e, por fim, descrever o tipo de pesquisa selecionada para a análise.

2.1. O contexto

O conceito de contexto está relacionado a vários campos do conhecimento que estudam a relação entre o ser humano e a sociedade. Algumas pesquisas enfocam a importância do contexto como definidor de ações e práticas sociais, ou seja, as propriedades contextuais afetam diretamente as práticas sóciodiscursivas; já outras pesquisas apontam que entre contexto e prática sóciodiscursiva há fundamentalmente o papel da relevância. Sendo assim, podemos considerar que nem todas as informações são relevantes, e que o leitor nem sempre terá acesso a todas elas, por isso a necessidade de se recuperar o contexto, que auxiliará os leitores a resgatarem que informações são mais ou menos relevantes para o seu propósito.

Charaudeau e Maingueneau (2004) afirmam que o contexto pode estar relacionado à situação de comunicação, sendo, portanto, associado a um quadro espaciotemporal, composto por sujeitos que trocam ações e

interações verbais, podendo também estar vinculado à estrutura institucional. É neste sentido que podemos assumir que o contexto é, ao mesmo tempo, construído na e pela prática social. Isso implica dizer que qualquer transformação em uma dada situação comunicativa ou institucional pode modificar a prática social. Dessa forma, tanto o contexto modifica a prática social, quanto esta pode modificar o contexto. Como apontam os autores, “o contexto também é um produto da linguagem” (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004, p. 128).

2.2. O corpus

O *corpus* desta pesquisa foi coletado em um contexto virtual, especificamente no canal do *youtube* da pastora Sarah Sheeva. Dessa forma, faz-se necessário discorrer, mesmo que brevemente, acerca do aspecto individual do sujeito Sarah Sheeva.

Sarah Sheeva²⁴ começou sua carreira de cantora em 1994, como back-vocal de seus pais, Pepeu Gomes e Baby do Brasil. Atuou por cinco anos no grupo musical “SNZ”, o qual deixou em 2003, para seguir seu chamado Ministerial e trabalhar por tempo integral na obra de Deus, como missionária e pregadora da Palavra. A ex-cantora conta que sua transformação começou durante um ensaio da banda com suas irmãs, Nana Shara e Zabelê, a SNZ. Segundo Sarah, em entrevista ao site da UOL²⁵, um músico começou a ter um surto se debatendo e proferindo palavras malignas. Ela assegura que era a possessão de um espírito maligno e que, nervosa, se trancou no quarto e começou a orar: “Aconteceu uma coisa muito louca, sobrenatural. Comecei a rezar, a falar com Deus. Na minha ignorância, dentro do meu quarto, de repente, senti uma presença forte, que era Deus. Cai no chão, me prostrei e ali me converti”, afirma.

²⁴ Disponível em <http://sarahsheeva.wordpress.com/sobre/>. Acesso em 06/03/2013.

²⁵ Disponível em Gnotícias. <http://noticias.gospelmais.com.br/pastor-questiona-sarah-sheeva-tem-preparo-para-ser-pastora-28214.html>. Acesso em 13/02/14.

Ela passou, então, a frequentar uma igreja evangélica em Copacabana, no Rio. Estudou as escrituras, leu e releu a Bíblia, e se converteu em pastora. A primogênita do casal Baby Consuelo e Pepeu Gomes era uma jovem que não conseguia ficar três dias sem ter uma relação sexual. Sarah - à época com 25 anos de idade (hoje ela tem 40) - era ninfomaníaca²⁶. Segundo a própria, em entrevista ao Programa Muito Mais da apresentadora Adriane Galisteu²⁷, ela tentava preencher seu vazio interior através de relacionamentos e sexo que, segundo ela, eram o seu vício. Contudo, depois da conversão, o prazer pelo sexo diário e a procura por um homem novo a cada dia, ficaram para trás: “Quis mudar a minha vida sexual, que era promíscua. Eu não parava com homem. Minha vida era vazia e eu procurava o sexo masculino para preencher esse vazio. Comecei a orar, ler as escrituras e minha vida tomou outro rumo”, afirma. Em 2014, completam-se 12 anos em que ela tem praticado abstinência de sexo, beijo na boca e masturbação.

Em 2007, a pastora criou o canal do *youtube*, do qual coletamos os aconselhamentos. Em 2010, Sarah Sheeva foi ungida e consagrada Pastora Aspirante da ICI (Igreja Celular Internacional) em Copacabana, RJ, onde inaugurou o “Culto das Princesas”, em 2011, e na qual permaneceu por 16 anos (de 1998 até 2013), quando deixou o trabalho na “Igreja local” para servir como Pastora-Missionária pelo Brasil. Hoje (2014) a Pra. Sarah reside na cidade de Goiânia-GO, e tem servido o Corpo de Cristo (a Igreja) em todo o Brasil como Missionária, com o trabalho de Santificação, Culto das Princesas, entre outros.

Como já dito, apesar de muitos aconselhamentos serem encontrados no blog pessoal e no site de Sarah Sheeva, analisamos aqui os aconselhamentos publicados originalmente no canal do *youtube* da pastora, no qual a mesma reuniu-os na seção *vídeos*.

²⁶ Informação disponível em Gnotícias. <http://noticias.gospelmais.com.br/sarah-sheeva-conta-sobre-sua-conversao.html>. Acesso em 13/02/14.

²⁷ Disponível em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=BfuSkdfbzCg. Acesso em 06/03/2013.

Dessa forma, falaremos brevemente do *Youtube*²⁸. O termo vem do Inglês “*you*” que significa “você” e “*tube*” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. Portanto, o significado do termo “youtube” poderia ser “você transmite” ou “canal feito por você”. É, portanto, um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. A ideia é idêntica à da televisão, em que existem vários canais disponíveis. A diferença é que os canais são criados pelos próprios usuários, que podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas. No *YouTube*, os vídeos estão disponíveis para qualquer pessoa que queira assistir. Também é possível adicionar comentários sobre o vídeo. Podemos visualizar a seguir o cabeçalho do canal do *YouTube* da pastora Sarah Sheeva:

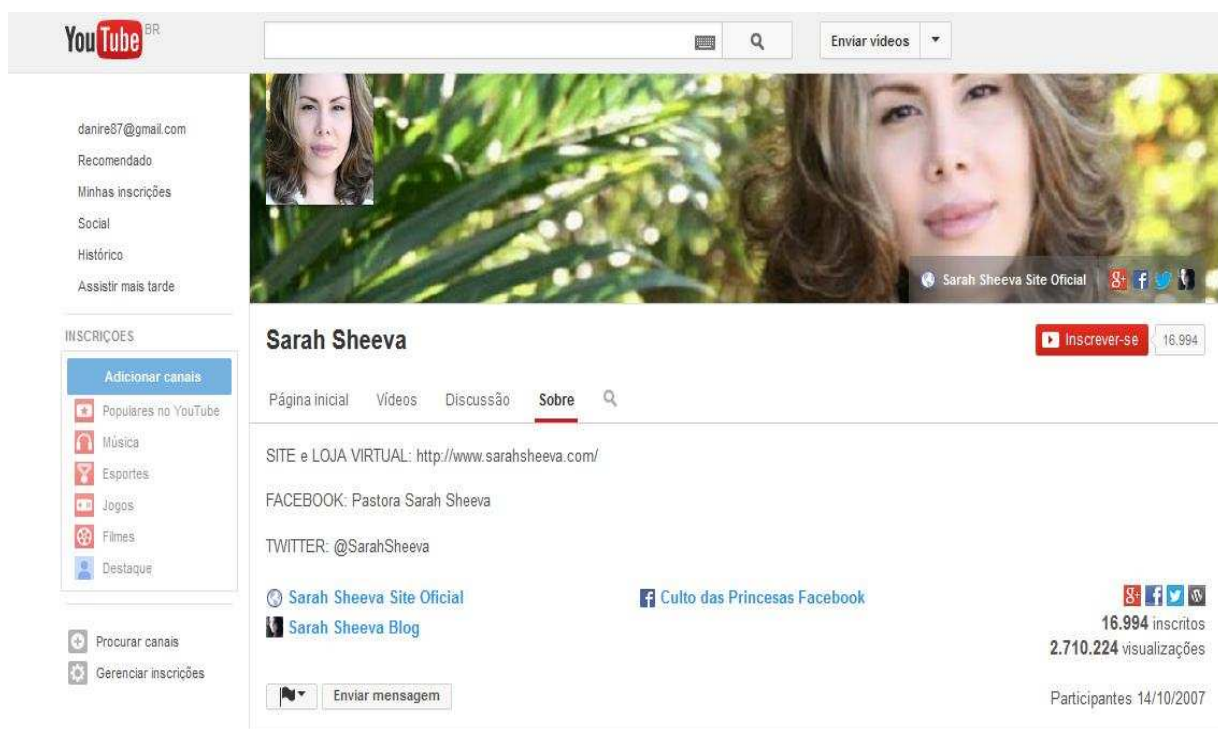


Figura 2 – Página principal do canal do *youtube* da pastora Sarah Sheeva

²⁸ Disponível em: <http://www.significados.com.br/youtube> . Acesso em 13/02/14.

Como percebemos pela imagem, o canal do *youtube* da pastora se estrutura em 4 links: “Página inicial”, “Vídeos”, “Discussão” e “Sobre”. Na seção “Página inicial”, encontramos vídeos agrupados em outras 5 seções: *Miss. Sarah Sheeva – Governo da Alma x Governo do Espírito*; *Sarah Sheeva – A Raiz do Humanismo*; *Testemunho Missionária Sarah Sheeva*; *Envios recentes*; *Vídeos que as pessoas gostaram*; *Vídeos favoritos*. A seção “Vídeos” elenca todos os vídeos publicados sem separação por categorias; foi dessa seção que retiramos os aconselhamentos. A parte denominada “Discussão” contempla os comentários enviados pelos seguidores do canal da pastora. Por fim, a seção “Sobre”, que é retratada na imagem anterior, veicula informações gerais, como o número de usuários inscritos no canal (16.994 inscrições) e o número de visualizações até o momento (2 milhões 710 mil e 224 visualizações).

Para compor o *corpus* desta pesquisa selecionamos 8 vídeos de Aconselhamentos Sentimentais disponibilizados no canal do *Youtube* de Sarah Sheeva, em que a pastora aconselha pessoas que mandaram mensagens pedindo ajuda. Desconsideramos 2 vídeos, por serem aconselhamentos apresentados, originalmente, no programa de televisão Manhã Maior e não obedecerem ao mesmo formato dos demais. Nestes aconselhamentos veiculados pelo programa, encontramos mais de um aconselhamento por vídeo, todos de curta extensão. Posteriormente ao fechamento do *corpus*, Sarah Sheeva publicou mais um vídeo, que foi também incorporado ao nosso material de análise, perfazendo, assim 9 vídeos. Nestes, encontramos um total de 6 aconselhamentos, pois alguns são divididos em mais de um vídeo. Dessa forma, o *corpus* desta pesquisa é composto por 6 Aconselhamentos Sentimentais, a respeito dos quais, discutiremos, brevemente, a partir desse momento.

Em cada um dos Aconselhamentos Sentimentais, Sarah Sheeva responde a uma pergunta que foi encaminhada para ela por e-mail, carta ou mensagens na internet. Sarah Sheeva, então, responde a essas perguntas publicamente, pois, dessa forma, segundo ela, o aconselhamento atinge um

número maior de pessoas e, conseqüentemente, ajuda mais indivíduos. Contudo, ela não fornece nenhuma informação que possa identificar quem fez o pedido do conselho, a identidade dos sujeitos permanece anônima. Algumas respostas, devido à maior extensão, são divididas em mais de um vídeo, entretanto, é preciso deixar claro, que todos os vídeos com o mesmo título, separados em partes, são integrantes da mesma resposta a um pedido de aconselhamento realizado por uma só pessoa.

O Aconselhamento Sentimental número 1, com duração de 23 minutos e 53 segundos, foi publicado no *Youtube* no dia 16 de agosto de 2010, e é dividido em três vídeos. Estes três vídeos compõem uma resposta a um pedido de aconselhamento feito por uma mulher não identificada. A mulher que pediu o aconselhamento segue uma religião não mencionada, tem 29 anos e um filho de 8 anos. Segundo ela, sempre cuidou da área sentimental da sua vida, até que, ao ver um rapaz por mais de uma vez, começou a pedi-lo a Deus em oração. Ao se declarar para este homem, ele disse que iria observá-la, e esta mulher afirma, então, que ele não é como ela sonhou. Ela termina o e-mail perguntando à Sarah Sheeva o que deve fazer. Até o momento desta pesquisa²⁹, os três vídeos que compõem o aconselhamento número 1 somavam 104. 540 acessos.

O Aconselhamento Sentimental número 2 foi publicado no *Youtube*, por Sarah Sheeva, originalmente no dia 27 de outubro de 2010, mais ou menos dois meses após a publicação do seu primeiro aconselhamento. Dividido em dois vídeos, com duração total de 17 minutos e 05 segundos, esse aconselhamento constitui uma resposta a um pedido de ajuda de uma mulher não identificada. Essa mulher conta à Sarah Sheeva que conheceu um homem pela internet e começou a orar com ele, mas que ela percebia que ele ainda nutria sentimentos pela ex-namorada. Segundo a mulher, após um tempo, ela foi até a cidade do rapaz conhecê-lo e eles tiveram relações sexuais e, depois disso, tudo ficou estranho. Ela, então, pediu um tempo no

²⁹ O número de acessos deste aconselhamento e dos aconselhamentos subsequentes foi verificado no dia 17 de fevereiro de 2014.

relacionamento, não conseguiu sustentar a decisão e pediu para voltar, porém o rapaz não aceitou, alegando que ainda amava a ex-namorada. A mulher alega que, antes de pedir o tempo ao rapaz, e após o término, ela pediu a Deus alguns sinais que, se atendidos, mostrariam a ela que a relação deles era algo bom e da vontade do Senhor. Segundo ela, esses sinais foram atendidos, apesar de o rapaz ter parado de falar com ela. Ela, então, questiona Sarah Sheeva se esses sinais são reais ou se ela estaria entendendo tudo errado. Até o momento desta pesquisa, os dois vídeos que compõem o aconselhamento número 2 somavam 76.924 acessos.

O Aconselhamento Sentimental número 3, publicado no canal da pastora no *Youtube* em 30 de setembro de 2011, tem duração de 11 minutos e 04 segundos e é direcionado a uma irmã que é cristã há 2 anos e que assistiu uma pregação de Sarah Sheeva sobre defraudação emocional, direcionada para solteiros. A mulher afirma ser separada há seis anos, mas ainda amar o ex-marido. Ela explica, ainda, que durante esses seis anos, mesmo separados, ela continuou se relacionando com ele esporadicamente. Contudo, ela descobriu que o marido tinha uma namorada fixa e resolveu se afastar dele, e apesar de ele afirmar que iria se separar da namorada, porque ainda a amava, ele ainda assim mantinha o relacionamento com esta outra pessoa. A mulher finaliza o pedido de aconselhamento falando que o Espírito Santo já usou pessoas para falar que iria restaurar o casamento dela, e pergunta à Sarah Sheeva o que deve fazer. Esse aconselhamento soma, até o momento, 109.892 visualizações.

O Aconselhamento Sentimental número 4, cujo título é 26 de outubro de 2011, foi publicado no canal do *Youtube* de Sarah Sheeva dois dias depois, em 28 de outubro. A mulher que pediu o conselho faz parte de uma igreja e conta que namorou um rapaz por 5 anos, e que, durante o namoro, apesar dele frequentar a igreja às vezes, ele não era crente. Mas que depois de 1 ano e meio de namoro, ele resolveu se batizar por vontade própria, e se tornou uma bênção dentro da igreja, no namoro, com os pais e os amigos. Apesar de se amarem muito, segundo a mulher, eles sempre brigavam

porque ela não conseguia confiar nele. Então eles marcaram o casamento. Faltando um ano, ele foi até a casa dela orar e, quando ele foi embora, o coração dela não ficou em paz. Ela saiu para procurá-lo e o encontrou no estacionamento do prédio dele, dentro do carro com uma menina, que saiu correndo quando ela chegou. Ele confessou a traição, ela o perdoou e faltando quatro meses para o casamento, eles tiveram uma briga séria e terminaram. Ela achou que seria algo passageiro, mas na data do pedido de aconselhamento já havia passado um ano desde o término e eles ainda não haviam reatado o noivado; ela sofreu muito, mas começou a se relacionar com ele esporadicamente. No fim do mesmo ano, ele a convidou para passar o réveillon na praia, ela foi e eles acabaram tendo relações sexuais. Quando voltaram, eles não mais se encontraram, apenas conversaram por telefone e e-mail, pois ele disse que não queria ferir os sentimentos dela. Após o término, ele começou a curtir as “coisas do mundo” e ela também. Ela, então, explicita para Sarah que não consegue esquecer esse rapaz, que ainda sonha com a transformação da vida dele e com o casamento deles, e pede a ajuda da pastora. Esse aconselhamento tem duração de 29 minutos e 06 segundos, e 255.743 visualizações no *Youtube*.

O Aconselhamento Sentimental número 5, cujo título é 25 de janeiro de 2012, foi postado no canal do *Youtube* da pastora Sarah no mês seguinte, no dia 15 de fevereiro de 2012. Esse aconselhamento tem duração de 11 minutos e 52 segundos, 86.167 visualizações no *Youtube*, e é a resposta a uma garota que diz estar enamorada de um rapaz na sua igreja, e que não sabe como se comportar perto dele, por ser muito tímida e ele também. Ela afirma que, às vezes, acha que ele também gosta dela, pois sente que ele a olha da mesma forma que ela olha para ele, mas como ela quer fazer tudo conforme a vontade de Deus, colocou o sentimento dela diante de Deus, e pediu para que se esse sentimento não fosse da vontade d’Ele, que fosse então retirado de seu coração. Por fim, pergunta à Sarah Sheeva sobre como deve se comportar.

Por fim, o Aconselhamento Sentimental número 6, do dia 31 de agosto de 2013, cuja duração é 10 minutos e 46 segundos, e que tem, até o momento, 39.125 visualizações, se configura de uma forma um pouco diferente. Nesse aconselhamento, ao invés de responder a uma pergunta de uma pessoa, Sarah Sheeva afirma que, por receber muitas questões relacionadas ao tema, resolveu discorrer a respeito das coisas que irritam os solteiros e as solteiras. Segundo ela, a principal irritação é com pessoas que fazem os solteiros e as solteiras perderem o tempo dedicado ao relacionamento.

2.3. O tipo de pesquisa

Na tentativa de elucidar as questões que motivaram esta pesquisa, optamos pela pesquisa qualitativa. Essa opção justifica-se por acreditarmos que, por meio desta, possamos evidenciar os diferentes aspectos que compõem a argumentação presente no discurso de doutrinação religioso e moral da pastora Sarah Sheeva, nos Aconselhamentos Sentimentais. Nesse mote, torna-se necessário explicar o que entendemos por pesquisa qualitativa, haja vista a existência das várias concepções e utilizações deste conceito. Nas palavras de Rey (2002, p. 51),

a pesquisa qualitativa se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto. A história e o contexto que caracterizam o desenvolvimento do sujeito marcam sua singularidade, que é expressão da riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo.

Nesse sentido temos que, para Rey (2002), o conhecimento se constitui enquanto uma produção construtivo-interpretativa. Ou seja, o

conhecimento não se limita a combinar os fatos empíricos, e sim a um movimento de significar e res-significar as relações estudadas. Nesse sentido, uma análise qualitativa não tem o objetivo de limitar o estudo a uma suposta verdade essencial às relações, mas sim constituir possibilidades de interpretação que permitam problematizar o sujeito estudado, mediante a emergência de novos questionamentos e novas inquietações.

Patton (1999) afirma que a principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição compreensiva ou interpretativa. Este autor parte do pressuposto de que as pessoas envolvidas em uma pesquisa qualitativa agem em função de “[...] suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado” (PATTON, 1999, p.131).

Em linhas gerais, em acordo com os autores apresentados anteriormente, Neves (1996) diz que a pesquisa qualitativa detecta a presença ou não de algum fenômeno, sem se importar com sua magnitude ou intensidade. É denominada qualitativa em contraposição à pesquisa quantitativa, em função da forma como os dados são tratados e da forma de apreensão de uma realidade, em que, no caso da pesquisa qualitativa, o mundo é conhecido por meio de experiência e senso comum (conhecimento intuitivo), em oposição às abstrações (modelos) da pesquisa quantitativa.

Os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos. De acordo com Godoy (1995) apesar de os trabalhos qualitativos serem de natureza diversa, existe um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa deste tipo. São elas, (i) um ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (ii) um caráter descritivo do objeto pesquisado; (iii) significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; e por fim (iv) um enfoque indutivo. Sampson (1991, p.30) afirma que:

A pesquisa qualitativa é mais utilizada quando se possui pouca informação, em situações em que o fenômeno deve ser observado ou em que se deseja conhecer um processo, determinado aspecto psicológico complexo, ou um problema complexo, sem muitos dados de partida. Alguns problemas de pesquisa requerem uma abordagem mais flexível, e nestas circunstâncias a aplicação de técnicas qualitativas é recomendada.

Neste contexto, podemos dizer que nossa pesquisa se caracterizou como qualitativa e descritiva, uma vez que transcrevemos o objeto de estudo, no caso os Aconselhamentos, do lócus oral para o escrito. Os procedimentos de ação consistiram, primeiramente, no *download* dos vídeos do *Youtube* através do programa Keepvid³⁰. Em seguida, realizamos a transcrição dos vídeos para o estrato verbal. Na sequência, optamos por, após a transcrição, descrever a organização discursiva e interpretar os dados com base no arcabouço teórico referente aos estudos da argumentação, baseados no tripé *logos*, *ethos* e *pathos*; e também nos estudos sobre gêneros.

Com relação ao *logos*, analisamos os procedimentos discursivos disponibilizados por Charaudeau (2010a) na exposição do Modo Argumentativo, e as técnicas argumentativas de Perelman, no Tratado de Argumentação (1996). Em relação ao *ethos*, utilizamos Amossy (2011), Charaudeau (2011), assim como a noção de *ethos* corpóreo de Maingueneau (2011). Para analisar o *pathos*, nos pautamos, basicamente, nas condições para o surgimento de efeitos patêmicos no discurso, definidos em Charaudeau (2007). Para a descrição do gênero, nos baseamos nas considerações de Charaudeau sobre o tema, identificando os aspectos situacionais, discursivos e formais; e, por fim, no capítulo sobre os imaginários sociodiscursivos construídos a respeito da mulher, nos fundamentamos nos apontamentos sobre imaginários na perspectiva Semiolinguística, além de teorias feministas e estudos sobre masculinidade.

³⁰ Disponível em: <http://keepvid.com/program>.

CAPÍTULO 3

O Gênero Aconselhamento Sentimental

3.1. Gênero na perspectiva Semiolinguística

3.1.1. Teoria Semiolinguística: pressupostos básicos

A Teoria Semiolinguística, do autor Patrick Charaudeau, surgiu em 1983, na época em que o formalismo, especialmente o gerativismo³¹ entrou em crise. A Semiolinguística considera a linguagem do ponto de vista das diversas semioses, incorporando o psicológico e o social à análise linguística. É uma teoria que trabalha com a noção de intencionalidade, ou seja, com a utilização intencional dos signos em determinados contextos, para atingir determinados resultados. Uma análise do discurso semiolinguística tem como objetivo, portanto, analisar os diferentes discursos sociais e suas variantes de uma cultura para outra.

Segundo Machado (2006), Charaudeau, de maneira consciente ou inconsciente, juntou conceitos de Benveniste com outros provenientes de Bakhtin, e engendrou um dos principais pontos da teoria, que a torna inovadora:

um dos pontos inovadores da citada teoria é [justamente] essa volta do sujeito, conceito que havia sido completamente “pulverizado” por Barthes, nos anos 60 e depois, de certa forma, por Pêcheux e seus seguidores. Estamos nos referindo aqui, é claro, não ao “sujeito-assujeitado” de quem fala Foucault, mas, ao sujeito histórico, com suas idiosincrasias e crenças e também com o seu “estilo”. (MACHADO, 2006, p. 14)

³¹ O gerativismo é uma abordagem que defende o inatismo. É centrado na estrutura frasal, sintática; não leva em conta o social, o ideológico; não considera o falante como ser social e sim como ser pensante.

Para Charaudeau (2003) o sujeito está passível a restrições, mas utiliza estratégias, faz escolhas, ou seja, não é completamente assujeitado. Além disso, o sujeito não tem liberdade completa, ele depende da “fala da sociedade”, do sistema em que se integra, pois todo o sistema fala através dele. O sujeito para Charaudeau (2003) tem uma dupla identidade: como “ser individual”, ele apresenta comportamentos estratégicos e posicionamento pessoal dentro dos saberes (é um sujeito relativamente livre); como “ser social”, ele apresenta comportamentos discursivos segundo as normas e a situação de comunicação e é portador de conhecimentos compartilhados (é um sujeito sobredeterminado). Por exemplo, o enunciado “vão embora todos!” pode ter vários significados dependendo da situação de comunicação e de quem fala: pode ser um grito de dor, um grito de liberdade, um discurso populista, entre outros. Sendo assim, o sujeito é individual na medida em que escolhe as estratégias e é coletivo na medida em que utiliza a língua, a linguagem e o discurso como ferramentas para se constituir enquanto ser social frente ao outro.

Na Teoria Semiociológica, temos três áreas de competência: a situacional; a semi-discursiva; e a semiociológica. O conceito geral de competência é *saber fazer, saber fazer e conhecer e saber fazer com regularidade*. Quando dizemos que uma pessoa é competente nos referimos ao propósito de uma atividade humana; competência seria, nesse sentido, a aptidão a fazer algo. Além disso, uma pessoa é competente em algo não apenas por saber fazer, mas também por possuir um conhecimento global sobre o funcionamento do sistema em que se insere, o que lhe possibilita agir com autonomia diante de um problema. Não devemos confundir competência com ato de criação, pois a competência está na regularidade.

Na competência situacional temos: (i) as finalidades (informar, explicar, incitar, prescrever, instruir, etc.), que selecionam as visadas discursivas; (ii) a identidade (estatuto dos parceiros EU/TU); e (iii) as circunstâncias (monolotivo, interlocutivo; oral/escrito; outro dispositivo). É possível descrever e definir a situação de comunicação a partir das

finalidades. Uma mesma situação pode combinar várias finalidades, mas sempre haverá uma dominante, assim como uma mesma finalidade pode aparecer em situações comunicativas diferentes. São as finalidades que selecionam as visadas discursivas, e estas, por sua vez, são os elementos que caracterizarão um gênero.

Na competência semiodiscursiva temos a *organização discursiva* da enunciação em alocutiva (EU → TU), elocutiva (EU → EU) e delocutiva (impessoal). A enunciação alocutiva implica o TU (interrogação e imperativo, por exemplo). A enunciação elocutiva é a do sujeito que fala dele mesmo de maneira mais ou menos explícita (cada vez que eu digo “acho que”, “penso que”, não estou afirmando e sim modalizando, dizendo algo sobre o meu pensamento, de maneira implícita ou explícita). A enunciação delocutiva é a que se apresenta como se não houvesse nenhum responsável pela fala: são as condições impessoais, uma maneira de amenizar a responsabilidade do sujeito. Ao organizar o enunciado de maneira impessoal parece que o sujeito responsável pela enunciação desaparece (dizer “eu estou seguro de/que...” remete ao sujeito, ao ser que fala, ou seja, é elocutivo; já a expressão “é evidente que...” remete ao elemento, é delocutivo, impessoal).

A competência semiolinguística se refere às categorias gramaticais da língua (forma-sentido): o léxico (sentido denotativo e social); as regras de combinação (fraseologia); e a composição textual.

Um ato de linguagem é bem sucedido quando o EU comunicante (EUc) faz uso de contratos, de forma que esses sejam aceitos pelo TU interpretante (Tui). Além disso o Euc também faz uso de estratégias de maneira que essas possam surtir o efeito desejado. Segundo Charaudeau (2004, p. 26),

todo domínio de comunicação propõe a seus parceiros um certo número de condições que definem a expectativa (enjeu) da troca comunicativa, que, sem o seu reconhecimento, não haveria possibilidade de

intercompreensão. As situações particulares seriam, então, consideradas como variantes (ou sub-contratos) de um contrato global.

Portanto, podemos afirmar que o contrato de comunicação é o conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação (seja sua forma oral ou escrita, monolocutiva ou interlocutiva). Existem três tipos principais de componentes que regem a relação contratual. São eles, o (i) comunicacional, que representa o quadro físico da situação comunicativa no qual se apresenta o reconhecimento recíproco dos parceiros (quem fala a quem? Em que canal? Qual o suporte?); o (ii) psicossocial, o qual representa o estatuto dos parceiros (idade, sexo, profissão, as percepções que sentem um do outro) e a legitimação dos saberes dos parceiros (tenho credibilidade?); e por último, o (iii) intencional, representando o reconhecimento a priori do outro e do mundo para se construírem imaginários (para que falar? Como falar? Qual a intenção?). No espaço das restrições se articulam as relações entre os parceiros do ato de comunicação e se colocam para eles certas direções e parâmetros. No espaço das estratégias se articulam os elementos discursivos do ato de comunicação.

Segundo Charaudeau (2004), a TS apreende a linguagem como algo indissociável de seu contexto histórico. O texto seria o objeto que representa um espaço de materialização da encenação do ato de linguagem e o resultado desse mesmo ato, que depende de um sujeito falante particular e de circunstâncias de produções particulares. O discurso, por sua vez, seria um conjunto de características da linguagem que contribuem para construir o texto, e é visto como um jogo comunicativo que se estabelece entre a sociedade e suas produções languageiras. Na ritualização das trocas languageiras, o contrato comunicativo é determinado por regras preexistentes que podem ser efetivadas ou transgredidas. Sendo assim, de modo geral, podemos afirmar que o discurso, visto pela TS, é um jogo comunicativo, um jogo de representações sócio languageiras que, naturalmente, é estabelecido entre uma sociedade e seus membros.

Dessa forma, compreendemos o ato de linguagem como uma encenação: falar é atuar. Sendo assim, o significado das palavras e expressões só se constituem plenamente dentro de um contexto, de uma situação de fala, ou seja, uma ideia nunca traz sentido em si mesma, ela tem sentido em função de como se configura, e isso faz com que o analista do discurso estude não somente o dizer, mas também a maneira de dizer.

Melo (2011) ressalta que um dos principais pressupostos teóricos que embasam a TS de Charaudeau é a relação que essa teoria pressupõe entre a linguagem e o contexto sócio-histórico em que ela se insere. Ou seja, de acordo com essa abordagem não podemos analisar os atos de linguagem sem considerarmos as condições em que foram produzidos, visto que são essas condições que determinam tanto a produção quanto a interpretação dos enunciados. Charaudeau (2008) aponta que o signo só tem sentido no discurso. Sendo assim, podemos afirmar que o ato de linguagem depende dos saberes que circulam entre os participantes do ato de comunicação, sendo que esses saberes incluem conhecimentos implícitos (sentidos que dependem da situação comunicativa) e explícitos (informações expressas). Dessa maneira, o ato de fala seria o resultado de um jogo comunicativo entre o implícito e o explícito. É justamente nessa perspectiva que o sujeito é considerado um ser falante psicossocial, pois este assimila e reproduz crenças e valores do grupo no qual está inserido, mas mantém sua individualidade, tornando-se uma espécie de mescla entre coletivo e individual, que assegura que todo ato de linguagem seja único.

Para Charaudeau (2010a), o discurso se articula em níveis, os quais ele denomina como modos de organização do discurso para o estudo da *mise en scène* (encenação discursiva). São estes modos: o (i) enunciativo, que diz respeito à relação entre os interlocutores, o (ii) narrativo, que organiza personagens e eventos em sequências de ações que se desenrolam no tempo e no espaço; o (iii) descritivo, que diz respeito à forma como os seres do universo textual são nomeados e qualificados; e o (iv) argumentativo, que

diz respeito às estratégias adotadas para levar o interlocutor a compartilhar certo ponto de vista.

De acordo com Charaudeau, são através destes modos que as categorias da língua se organizam em função das finalidades discursivas do ato de comunicação. Cada um desses modos possui um princípio de organização e uma função, que se relaciona à finalidade discursiva do propósito de fala do locutor, sendo estas: (i) enunciar, (ii) descrever, (iii) narrar e (iv) argumentar.

Na Semiologia, o Modo Enunciativo assume importante papel no funcionamento dos outros modos de organização, visto que ele evidencia a posição do locutor em relação ao seu interlocutor, ao mundo e ao que se diz. Dessa forma, podemos afirmar que o Enunciativo comanda os outros modos, no sentido de que é a partir da relação do falante com o ouvinte que o primeiro seleciona as estratégias utilizadas para organizar seu texto em argumentativo, narrativo e descritivo.

O nível enunciativo configura-se, então, como um espaço no qual são organizados os lugares dos seres de fala, e definidos os regulamentos dos protagonistas, assim como as relações que os associam. Dessa maneira, o Modo Enunciativo constrói um aparelho enunciativo a partir da posição do locutor em relação ao interlocutor, a si mesmo, e aos outros, possibilitando assim que este modo intervenha na encenação discursiva dos demais modos de organização do discurso.

Podemos afirmar que a enunciação discursiva é perpassada por alguns atos locutivos, que podem tanto estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor, quanto à posição do locutor em relação ao seu dito, e a relação do locutor com o discurso de um terceiro. Charaudeau (2010a, p. 82) distingue, dessa maneira, três funções básicas do modo enunciativo:

- Estabelecer uma *relação de influência* entre locutor e interlocutor num comportamento ALOCUTIVO.
- Revelar o *ponto de vista* do locutor, num comportamento ELOCUTIVO.

- *Retomar* a fala de um terceiro, num comportamento DELOCUTIVO.

O uso da modalidade pode funcionar como mais um recurso para favorecer a sedução do interlocutor. No ato alocutivo, o locutor enuncia sua posição em relação ao interlocutor, sendo este último determinado por pronomes pessoais (tu, você, senhor, entre outros), em frases imperativas ou interrogativas. As regras languageiras podem ser da ordem de superioridade ou inferioridade; e pode haver, também, uma simulação de diálogo direto entre os sujeitos.

O modo enunciativo elocutivo não requer, aparentemente, o interlocutor. No ato elocutivo, o dizer do locutor é acerca de si mesmo, de sua própria posição, suas emoções e avaliações. As marcas do locutor aparecem através dos pronomes pessoais *eu* e *nós*.

O ato delocutivo não explicita a presença do locutor nem a do interlocutor, uma vez que os enunciados se apresentam de forma impessoal. Ou seja, no ato delocutivo, o *eu* se apaga e coloca a voz de outro; demonstra sua opinião de forma mais objetiva, sugerindo que é o senso comum; faz uso também do argumento de autoridade.

3.1.2. Gêneros Situacionais

Charaudeau (2004) considera que os gêneros textuais ou discursivos são construtos sociais que determinam os “domínios da palavra” e que para sua compreensão faz-se necessária três análises. Dessa forma, para a teoria Semiolinguística, o gênero discursivo seria o resultado do cruzamento de três níveis de restrições: i) situacionais, que, instituídas pelo contrato comunicacional, determinam a expectativa (*enjeu*) da troca e correspondem à dimensão situacional do ato; ii) discursivas, que se referem às atividades de ordenamento do discurso (os modos discursivos); e as iii)

formais, que se referem ao emprego obrigatório de certas maneiras de dizer que configuram o gênero. Dessa forma, os gêneros estão organizados em três níveis, sendo que cada nível condiciona a organização do outro.

A primeira restrição é referente à *ancoragem social do discurso* (as restrições situacionais): É preciso observar nesses domínios quais os contratos de comunicação existentes, pois é a partir dos mesmos que as restrições situacionais surgirão. Sobre a noção de contrato, Charaudeau afirma que:

Denominamos *Contrato de comunicação* o ritual sociolinguageiro do qual depende o *Implícito codificado* e o definimos dizendo que ele é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (Circunstâncias de Discurso) do ato de linguagem. O *Contrato de comunicação* fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem. (CHARAUDEAU, 2010a, p. 60)

O contrato é caracterizado, ainda, por um conjunto de restrições que condicionam as práticas sociolinguageiras. São elas, a *finalidade*, o *propósito*, a *identidade dos parceiros* e as *circunstâncias materiais*.

Charaudeau (2010b, p. 69) define a *finalidade* como “a condição que requer que todo ato de linguagem seja ordenado em função de um objetivo”. A finalidade é um dos principais elementos da constituição da expectativa (*enjeu*) da troca linguageira, visto que é ela que determina a orientação discursiva da situação de comunicação. A pergunta a ser respondida pela finalidade é: “Estamos aqui para dizer o que?”. É possível descrever e definir uma situação de comunicação a partir das finalidades discursivas. Uma mesma situação comunicativa pode combinar várias finalidades, contudo, sempre haverá uma dominante. O contrário também ocorre, dessa forma, uma mesma finalidade pode aparecer em situações comunicativas

diferentes. São as finalidades que selecionam as visadas discursivas, e estas, por sua vez, são o elemento que caracterizará um gênero.

O *propósito* é a condição que requer que todo ato de comunicação seja construído em torno de um domínio de saber; o propósito responde a pergunta “do que se trata?” (CHARAUDEAU, 2010b, p. 70), ou seja, sobre o que se fala, o que se tem em mente no momento do dizer, o que está sendo proposto através do ato linguageiro.

A *identidade dos parceiros* engajados na troca “é a condição que requer que todo ato de linguagem dependa dos sujeitos que aí se acham inscritos”. (CHARAUDEAU, 2010b, p. 68). A identidade é definida pelas respostas às perguntas: “quem troca com quem?”, “quem fala com quem?”, “quem se dirige a quem?”, em termos de “natureza social e psicológica, por uma convergência de traços personológicos de idade, sexo, etnia, de traços que sinalizam o status social, econômico e cultural e que indicam a natureza ou estado afetivo dos parceiros”. (CHARAUDEAU, 2010b, p. 69)

Por fim, as *circunstâncias materiais* são constituídas pelo dispositivo material por meio dos quais se faz a transmissão da informação. O dispositivo, por sua vez, é o que “determina variantes de realização no interior de um mesmo contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2010b, p. 70), ou seja, é o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem.

Através dessa noção de contrato, são definidas algumas condições para a produção e interpretação de discursos, como a existência de dois sujeitos participantes do ato de comunicação, convenções, acordos e normas que regulamentam a troca linguageira e os saberes compartilhados.

A segunda restrição refere-se à *natureza comunicacional* do gênero (tipos de atividade linguageiras envolvidas - as restrições discursivas): os gêneros são formados por tipos textuais e certas características formais e situacionais que se organizam a partir da complexidade e nível de estruturação discursiva de uma prática social existente. Dessa forma, segundo Charaudeau (2010c), as restrições discursivas se caracterizam pela escolha dos *modos enoncivos* (descritivo, narrativo, argumentativo), que

deve empregar o sujeito falante; pelos dados da identidade dos parceiros que determinam certos *modos enunciativos* (alocutivo, elocutivo, delocutivo), nos quais o sujeito deve se engajar; através dos dados do propósito, que determinam a organização dos temas e sub-temas a serem tratados, ou seja, os *modos de tematização*; finalmente, pelos dados das circunstâncias materiais determinam a organização textual (verbal e/ou visual) do ato de comunicação, isto é, os *modos de semiologização*.

Por fim, a restrição sobre as *recorrências das marcas formais*: a forma é um item caracterizador de um gênero, mas não o define, pois, como sabemos, devido à polissemia, não podemos precisar o real sentido das palavras que utilizamos sem acesso ao contexto. Dessa forma, segundo Charaudeau (2004), as recorrências de marcas formais não determinam um gênero específico, já que uma mesma forma pode não apresentar o mesmo significado. Sendo assim, as restrições formais são definidas pela *mise en scène* textual, pela construção textual interna, pela fraseologia e pela construção gramatical.

Devido ao fato de as restrições situacionais subordinarem as restrições formais, por meio das restrições discursivas, o gênero do discurso – na Teoria Semiolinguística – é denominado gênero situacional. Por todos esses aspectos, consideramos que as proposições teóricas da Semiolinguística sobre gêneros textuais são promissoras e produtivas para a nossa pesquisa, pois indicam claramente a vinculação do gênero com o social e, além disso, fornecem ferramentas mais claras que outras teorias, por exemplo as restrições, que nos permitem analisar e compreender melhor o gênero em questão.

Em relação às visadas discursivas, elas são selecionadas pela finalidade e correspondem a “uma intencionalidade psico-socio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, da própria troca languageira” (CHARAUDEAU, 2004, p.23). Na tabela a seguir, encontramos as principais visadas discursivas:

Visada Discursiva	EU (posição)	TU (posição)	Exemplos
Prescrição	mandar fazer/ autoridade → “dizer de fazer”	“dever fazer”	Relação entre um chefe e um funcionário.
Informação	fazer saber/ autoridade → “dizer” (é um dizer que informa, que transmite um saber)	“dever saber”	Propagandas do Ministério da Saúde e da Justiça.
Incitação	mandar fazer/ não autoridade → “fazer crer”	“dever crer”	Publicidade
Instrução	fazer saber-fazer, e ele se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de saber fazer e de legitimação para transmitir o saber fazer.	“dever saber fazer”, segundo um modelo (ou modo de emprego) que é proposto por <i>EU</i> .	Situação de sala de aula; relação professor e aluno.
Demonstração	quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas”, segundo uma certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, expert)	está em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo.	Descobertas científicas

Tabela 3 – Principais visadas discursivas

Percebemos, na tabela, que há 5 principais visadas discursivas: *prescrição, informação, incitação, instrução e demonstração*. Cada uma dessas visadas é definida por uma intenção pragmática do *EU* quanto à posição enunciativa que ocupa em relação ao *TU* e vice-versa.

No tópico a seguir realizaremos uma descrição do gênero Aconselhamento Sentimental, em relação à situação de comunicação, às características físicas, identitárias dos parceiros, e contratuais, e aos aspectos situacionais, discursivos e formais.

3.1.3. Descrição do gênero Aconselhamento Sentimental

O foco deste estudo é o gênero Aconselhamento Sentimental. Destarte, torna-se necessário descrever a configuração do gênero situacional em questão de acordo com o aparato teórico da Semiologia.

Charaudeau (2010c, p. 70) afirma que “o sujeito falante (locutor) ocupa o centro de uma situação de comunicação que constitui um espaço real de troca no qual ele se põe em relação com um parceiro (interlocutor)”. O autor afirma, ainda, que essa relação depende de algumas características: físicas, identitárias dos parceiros, e contratuais. Em relação à situação de comunicação dos aconselhamentos temos como enunciativa a pastora Sarah Sheeva, e como interlocutor o sujeito que pediu o aconselhamento.

Em relação às *características físicas*, as parceiras da troca comunicativa não estão presentes fisicamente, já que se trata de uma resposta ao aconselhamento através de vídeos, ou seja, mediada pela internet. Sarah Sheeva é única, mas apesar de o aconselhamento se destinar a uma mulher específica, o mesmo pode ser assistido e internalizado por milhares de outros internautas, o que faz com o que interlocutor da troca comunicativa se torne múltiplo. O canal de transmissão é oral, indireto por se veicular através de uma mídia (internet), e o código semiológico utilizado pela pastora é o oral-visual-gestual.

No que se refere às *características identitárias* dos parceiros da troca, temos acesso às de Sarah Sheeva, e somente a algumas características referentes aos sujeitos interpretantes - idade de algumas, se têm filhos ou não, se são casadas ou solteiras -, que transparecem nos aconselhamentos, mesmo porque, nas respostas aos aconselhamentos, a pastora omite propositalmente a identidade dos aconselhados. Quanto as características de Sarah Sheeva, temos que ela é do sexo feminino, nasceu em 1973³², e é de classe econômica alta. Na época em que os aconselhamentos foram

³² <http://portalsnz.zip.net/biografia.html>. Acesso em 09/06/2013.

veiculados na internet, Sarah era pastora aspirante na Igreja Internacional Celular e, através do vídeo, percebemos que ela se mostra irônica, amigável, dócil, carinhosa e serena. Como características relacionais, os parceiros da troca comunicativa não têm uma relação de familiaridade, já que o contato das mulheres que pedem o aconselhamento com a pastora acontece através de mensagens enviadas pela internet. Contudo, apesar disso, Sarah procura estabelecer uma relação de amizade/proximidade com a interlocutora, chamando-a diversas vezes de “querida”, “meu bem”, “amada”, “querida irmã”, além de fazer afirmações, como: “você é uma princesa”, e “você provavelmente é uma mulher especial, uma mulher linda”.

Em relação às *características contratuais*, o contrato não admite uma troca dialogal, e implica, assim, uma situação *pseudomonologal*, pois Sarah Sheeva simula um diálogo com o interlocutor e, além disso, responde perguntas encaminhadas por este. No que concerne aos rituais de abordagem – apesar da resposta do aconselhamento ser direcionada para a mulher que pediu o conselho – Sarah estabelece um contato de aproximação também com os outros interlocutores (internautas), ao conversar com eles (“olá queridos”; “não é possível, gente”), e destinar toda a primeira parte do aconselhamento a contar para os internautas a história da pessoa que pediu o aconselhamento.

No que diz respeito à *finalidade*, podemos identificar dois tipos. A principal, que é a finalidade geral de um gênero midiático religioso é doutrinar. Essa finalidade relaciona-se ao objetivo de um aconselhamento sentimental, que é auxiliar na solução do problema da pessoa que está em busca de ajuda. A outra finalidade, que transparece em alguns dos aconselhamentos, se refere ao fato de a pastora utilizar o espaço do aconselhamento para promover um de seus projetos, o livro *Defraudação Emocional*, como podemos perceber nas passagens a seguir:

(2) [...] é um comportamento super comum nas mulheres, no livro Defraudação Emocional eu falo

sobre isso, tem um capítulo inteiro dedicado a esse assunto, o nome do capítulo é: *O homem procura, a mulher espera*. (AS 1/ parte 1)

(3) [...] ela deve ter ido a ministração sobre defraudação emocional que é direcionada principalmente para solteiros e líderes. (AS 3)

(4) Quando há as afinidades há paz, tranquilidade, o relacionamento, leia lá no meu blog, complemento do livro Defraudação Emocional, tem os oito sinais³³ que Deus dá. (AS 4)

Na situação de comunicação dos aconselhamentos, a pastora Sara Sheeva (Eu-comunicante), assume a postura de um enunciador que não se “esconde” ou se apaga por detrás do aconselhamento, mas que, pelo contrário, através das marcas formais como o uso de 1ª pessoa e também da modalidade alocutiva (“meu bem”; “minha querida”), faz questão de se mostrar como amiga, confidente, alguém íntima do *TUc*, que conhece seus problemas, desejos e anseios a fundo, e tem as respostas que ele procura. Poderíamos expressar o circuito subjacente a essa situação de comunicação, mediada pela internet, através do seguinte esquema:

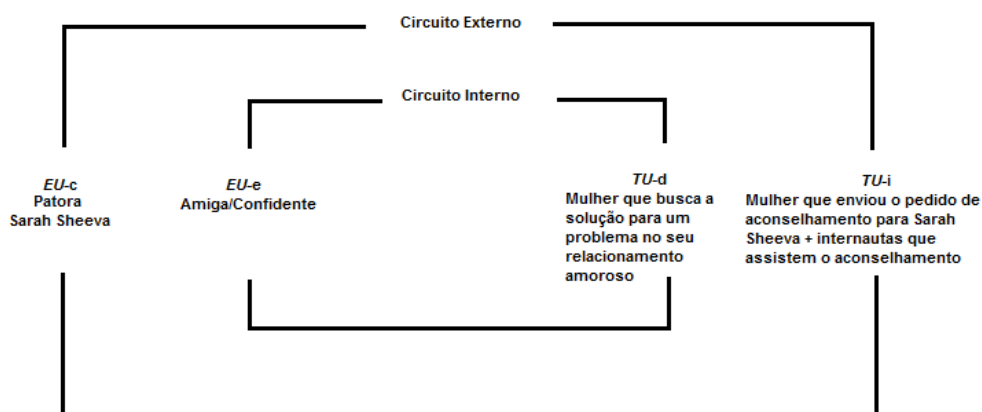


Figura 3 – Situação de Comunicação

Fonte: Quadro adaptado de Charaudeau (2007a) para o gênero aconselhamento.

³³ Disponível em <http://sarahsheeva.wordpress.com/complemento-do-livro-defraudacao-emocional/>. Acesso em 31/03/2013.

O sujeito questionante, por sua vez, assume, no circuito interno, a imagem de uma mulher que está em busca de algo, neste caso, a realização no relacionamento amoroso. É um sujeito cheio de expectativas, e que conta com a ajuda de Sarah Sheeva para concretizá-las.

Com relação aos níveis de restrições do gênero situacional aconselhamento sentimental, podemos propor a seguinte configuração:

a) Aspectos situacionais: o gênero situacional aconselhamento sentimental, mas também promocional, religioso e moral, é um gênero cujo domínio de comunicação é o domínio midiático, visto que tal gênero foi veiculado pela internet. Tal domínio institui uma situação de comunicação de aconselhamento (contrato religioso, e também de aconselhamento midiático), na qual o *EUC*, desdobra-se em um *EUE*, assumindo a identidade de aconselhador espiritual. Esse desdobramento funciona como uma estratégia discursiva de captação e de credibilidade do discurso. O sujeito enunciador - *EUE* - se dirige a um sujeito interpretante (*TU_i*), formado essencialmente por mulheres, com uma finalidade, que é a de aconselhar, ou seja, sugerir ao sujeito destinatário (*TU_d*) uma ação futura que o beneficiará e o retirará de uma situação sentimental atual desfavorável. O *EUE* aconselha o *TU_d* a adotar ou não o modelo de mulher estabelecido em seu discurso, em relação ao comportamento sentimental que estas devem assumir em seus relacionamentos. Para tal, o sujeito enunciador seleciona duas visadas: i) visada de incitação (*fazer fazer*), e ii) visada de informação (*fazer saber*), podendo, quando o propósito o permite, selecionar outras visadas, tais como a visada de instrução (*fazer saber-fazer*) e a de demonstração. Dessa maneira, a partir dessas restrições situacionais, a pastora Sarah Sheeva irá selecionar estratégias visando atingir seus objetivos.

Em relação às visadas discursivas selecionadas nos aconselhamentos sentimentais, encontramos, em uma primeira análise, as visadas de incitação, de instrução e de credibilidade.

A visada de credibilidade refere-se ao fato de que o *EU* do discurso religioso quer fazer o *TU* crer, para *fazer fazer*, ou seja, Sarah Sheeva quer que o sujeito acredite que os conselhos que ela oferece são os melhores para ele e, conseqüentemente, termine por fazer o que ela propõe.

Na visada de incitação, o *EU* quer *mandar fazer*, mas, não estando em posição de autoridade, não pode senão incitar a fazer; ele deve, então, *fazer acreditar* (por persuasão ou sedução) ao *TU* que ele será o beneficiário de seu próprio ato. *TU* está, então, em posição de *dever acreditar* que, se ele age, é para o seu bem.

Na visada de instrução, *EU* quer *fazer saber-fazer*, e a pastora se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de *saber fazer* e de legitimação para transmitir o *saber fazer*. Neste caso, Sara Sheeva quer fazer a mulher saber como atrair “príncipes” para a sua vida. *TU* está em posição de *dever saber fazer*, segundo um modelo (ou modo de emprego) que é proposto por *EU*; ou seja, a mulher deve saber aplicar os ensinamentos transmitidos pela pastora para alcançar seu objetivo.

b) Aspectos discursivos: As restrições discursivas, no gênero em questão, demonstram que, em relação aos modos de organização do discurso, o aconselhamento se caracteriza como um gênero predominantemente argumentativo, já que a descrição aparece a favor da argumentação. Já em relação aos modos enunciativos, ou seja, aos comportamentos alocutivo, elocutivo e delocutivo, o gênero aconselhamento faz uso dos três comportamentos enunciativos, sendo o delocutivo o modo predominante. Os modos de tematização revelam que, no aconselhamento, o propósito maior é doutrinar as mulheres, levando-as a seguirem um modelo de comportamento ideal de uma mulher que se valoriza, nos moldes da Bíblia.

c) Aspectos formais: o gênero situacional Aconselhamento Sentimental, em relação à composição textual interna, não apresenta nenhuma seção delimitada, contudo é possível encontrar dois diferentes momentos no texto: i) o momento introdutório (organizado discursivamente

pelo comportamento delocutivo) evidencia, através da leitura do pedido de aconselhamento, qual é a situação desfavorável em que o TUD se encontra; e ii) momento de aconselhamento (organizado discursivamente pelos comportamentos alocutivo e elocutivo), em que de fato o EUE aconselha o TUD sobre algum propósito. Na seleção lexical do gênero aconselhamento encontramos algumas expressões, tais como “minha querida” “meu amor”, “querida irmã”, “meu bem”, aproximando locutor e interlocutor nesta situação de comunicação. Por sua vez, a construção gramatical deste gênero explicita que o EUE utiliza, predominantemente, dois tipos de construções para atingir sua finalidade: (i) construções com frases no modo imperativo e (ii) construções de frases com verbos modais – por exemplo, os verbos dever e ter -, assim como utiliza, também, a pronominalização do “você” e correspondentes.

Explicitadas algumas teorias de gêneros, a conceituação do termo gênero para a Teoria Semiociuística, e a descrição do gênero Aconselhamento Sentimental com base no arcabouço teórico da teoria supracitada, apresentaremos, a partir desse momento, uma visão geral sobre as Teorias Argumentativas. Na sequência, devido ao gênero Aconselhamento ser um gênero argumentativo por excelência, faz-se necessário, então, analisar a Argumentação nos Aconselhamentos Sentimentais.

CAPÍTULO 4

A Argumentação nos Aconselhamentos Sentimentais

4.1. Teorias Argumentativas: uma introdução

O ser humano é um ser pensante e, como tal, estabelece juízos de valor e porta vontades, julgamentos, críticas, e opiniões. Por intermédio do discurso, o sujeito busca influenciar o comportamento do seu interlocutor e/ou fazer com que o mesmo assuma e compartilhe das suas opiniões. Sendo assim, em concordância com Koch (2006), percebemos que a interação social por meio da linguagem caracteriza-se, basicamente, pela argumentatividade.

A argumentação tem sido estudada por vários autores em diferentes áreas. Neste trabalho, nos baseamos principalmente nos estudos de Charaudeau, na Teoria Semiolinguística e de Perelman, na Nova Retórica. Não poderíamos, contudo, deixar de citar Aristóteles, que foi quem primeiro se interessou pelos estudos argumentativos. Aristóteles se vincula à antiga Retórica, que visava utilizar a linguagem para se comunicar de forma eficaz e persuasiva. Aristóteles buscava a capacidade de descobrir os meios capazes de persuadir no tratamento de qualquer assunto. Era a arte de falar ou de escrever de modo persuasivo, a fim de ganhar ou intensificar a adesão do auditório às teses apresentadas à aprovação. Para o autor, o discurso oral fornece três formas de persuasão:

a primeira depende do caráter pessoal do orador; a segunda resulta da inserção da audiência em determinado estado psicológico; a terceira espécie depende da prova ou da prova aparente fornecida pelos termos do próprio discurso. (ARISTÓTELES, 2007, p. 23)

O caráter pessoal do orador atinge a persuasão, quando leva o auditório a acreditar no discurso emitido. Da mesma forma, a persuasão pode ser alcançada por meio dos ouvintes, quando o discurso proferido perturba as emoções dos mesmos. Por fim, o próprio discurso pode afetar a persuasão, o que ocorre “quando provamos uma verdade ou verdade aparente por meio de argumentos persuasivos apropriados para o caso em questão”. (ARISTÓTELES, 2007, p. 24). Dessa maneira, Aristóteles define três tipos de argumentos fornecidos pelo discurso oral e que visam à persuasão: o *logos*, que é de ordem racional e diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso, e o *ethos* e o *pathos*, que são de ordem afetiva e se referem, respectivamente, ao caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório e as emoções que o orador visa provocar no mesmo. As categorias *logos*, *ethos* e *pathos*, retomadas por autores ao longo da história dos estudos linguísticos, tornaram-se os pontos centrais das teorias argumentativas, em suas várias perspectivas e vêm norteando as investigações em torno da argumentação. Nossa pesquisa também adotará o estudo dessas 3 dimensões da argumentação para compreender nosso objeto de estudo, partindo do *logos*, do qual trataremos a seguir e abordando, em seguida, o *ethos* e o *pathos*.

4.2. A dimensão do Logos nos Aconselhamentos Sentimentais

4.2.1. A argumentação de ordem lógica: alguns pressupostos

Séculos após a contribuição de Aristóteles, alguns postulados são reformulados pela Nova Retórica, livro de Reoul que recupera o conceito aristotélico de raciocínio dialético e propõe novas reflexões sobre o discurso argumentativo. A Nova Retórica apresenta uma lógica dos juízos de valor que se referem não ao verdadeiro, mas ao preferível, cujas proposições são compostas pelas premissas normalmente aceitas e, por conseguinte,

pertencentes ao campo do plausível, do questionável, do mutável, cujo objetivo é convencer e persuadir. Um dos principais nomes a que a Nova Retórica faz referência é Perelman. Este autor considera que todo discurso se dirige a um auditório e o ato de persuadir busca, por meio de argumentos plausíveis, atingir o desejo e o sentimento do interlocutor. Segundo o autor:

É muito comum acontecer que o orador tenha de persuadir um auditório heterogêneo, reunindo pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções. Ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. É a arte de levar em conta, na argumentação, esse auditório heterogêneo que caracteriza o grande orador. (PERELMAN, 1996, p. 24)

Assim, percebemos que as características do auditório são responsáveis pelo alcance e pela adesão dos interlocutores aos argumentos apresentados pelo enunciador. Perelman (1996) destaca, também, o discurso como um elemento fundamental da argumentação, pois é através dele que ocorre a interação entre orador e auditório, e entre emissor e destinatário. Em relação ao auditório, Perelman o diferencia entre particular e universal, e é essa diferenciação que fará com que a argumentação seja desenvolvida por meio das estratégias de persuasão ou de convencimento. O autor propõe “chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional” (PERELMAN, 1996, p. 31). Assim, convencer seria a capacidade de selecionar informações, de buscar atingir a razão do interlocutor, demonstrando ou comprovando determinada afirmação, no campo das ideias. Já persuadir seria a capacidade de gerenciar relações, buscando alcançar a emoção do sujeito; é tentar sensibilizar o outro para fazê-lo agir. Dessa forma, a persuasão estaria relacionada à perspectiva de fazer com que o outro acate como verdadeiras as assertivas do locutor. Conforme Perelman (1996), persuadir é mais que convencer. Para o autor,

convencer seria uma primeira fase que levaria a persuasão, que, por sua vez, conduziria à ação.

Sobre Perelman, Amossy (2011, p. 123) afirma que “a 'nova retórica' concebe a argumentação como o conjunto de meios verbais pelos quais um orador tenta provocar ou reforçar a adesão de um auditório às teses que ele submete a seu assentimento”. Assim, o discurso do orador é sempre orientado para seu público, pois toda argumentação se desenvolve em função do auditório ao qual ela se dirige e ao qual o orador deve se adaptar.

Perelman (1996, p. 29) acredita que um dos maiores interesses da argumentação seja a descoberta de técnicas argumentativas passíveis de se impor “a todos os auditórios indiferentemente ou, pelo menos, a todos os auditórios compostos por homens competentes ou racionais”. Isso seria possível mediante um discurso pautado na objetividade, alcançando um modelo ideal de argumentação. Como esse ainda não é o caso, Perelman (1996) divide as técnicas argumentativas em três principais tipos de argumentos: os *argumentos quase lógicos*; os *argumentos baseados na estrutura do real*; e *argumentos que fundam a estrutura do real*.

Os *argumentos quase lógicos* são aqueles que lembram os raciocínios formais, dedutivos, no entanto, pelo fato de empregarem a linguagem informal, são suscetíveis de interpretações variadas, o que não ocorre com a linguagem formal que, para Perelman, é uniforme.

Os *argumentos baseados na estrutura do real* fazem referência ao que existe, ao que é real e ao que não é admissível como fazendo parte da realidade. São argumentos que se referem à forma como a realidade se comporta e assentam na descrição de fatos. O real, por sua vez, seria o que é admitido pelo auditório como existente. Há auditórios que consideram reais entidades que são irreais para outros auditórios. Por exemplo, para um auditório de pessoas evangélicas o demônio pode ser real, enquanto que para um auditório de cientistas, não. Por isso o orador, em um discurso persuasivo, deve se referir à realidade tal como ela é vista pelo auditório.

Geralmente, esse tipo de argumento assenta em um consenso entre os diversos interlocutores, ou entre o orador e o auditório.

Por fim, *os argumentos que fundam a estrutura do real* são argumentos explicativos - que apresentam as causas, as razões, os porquês, dos problemas que estão em discussão. Esse tipo de argumento assume uma importância fundamental na argumentação científica.

Inserido nos estudos sobre a Nova Retórica, Reboul (1998) compartilha da concepção sobre auditório apresentada por Perelman. Segundo ele, para que o discurso se realize é preciso que exista um entendimento mínimo entre orador e auditório, pois até o desacordo só é possível no âmbito de um acordo comum. Conforme o autor, os meios pelos quais um discurso é persuasivo são tanto de ordem racional como de ordem afetiva. O autor reitera ainda que, em retórica, razão e sentimentos são inseparáveis. Dessa forma,

os meios que dizem respeito à afetividade são, por um lado, o *etos*³⁴, o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório, e por outro lado o *pathos*, as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido. (REBOUL, 1998, p. XVII)

Em resumo, o ato de argumentar se vale da persuasão, campo no qual prevalece o emocional, e do convencimento, campo em que predomina o racional. Essa distinção opõe os meios de persuadir aos meios de convencer: os primeiros concebidos como racionais, dirigindo-se ao entendimento; os segundos como irracionais, dirigindo-se à vontade. Inicialmente, investe-se no convencer (vencer junto com o outro), acompanhando-o, sempre com base na ética; em seguida, lança-se mão do persuadir (levar o outro a acreditar, a aceitar o que se defende), seduzindo-o, apelando para suas emoções.

³⁴ Essa grafia sem a letra H corresponde ao texto original de Aristóteles.

No âmbito da Teoria Semiolinguística, Charaudeau (2010a, p. 201) considera que a argumentação é um “setor de atividade da linguagem que sempre exerceu fascínio, desde a retórica dos antigos que dela fizeram o próprio fundamento das relações sociais (a arte de persuadir) até hoje, quando voltou à moda”. O autor considera, ainda, que,

a argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva. Esse texto, total e parcialmente, poderá apresentar-se sob forma *dialógica* (argumentação interlocutiva), *escrita* ou *oratória* (argumentação monolocutiva), e é nesse quadro que poderão ser utilizadas as expressões “desenvolver uma boa argumentação”, “bem argumentar”, etc. (CHARAUDEAU, 2010a, p. 207).

O que irá permitir a produção de argumentações sob essas diferentes formas (dialógica, escrita, ou oratória) é o chamado Modo de Organização Argumentativo, no qual, para Charaudeau, estão descritos os procedimentos argumentativos e os dispositivos da encenação argumentativa. Esse modo de organização do discurso tem por finalidade permitir “a construção de *explicações* sobre as asserções feitas acerca do mundo (quer essas asserções tratem de experiência ou de conhecimento)” (CHARAUDEAU, 2010a, p. 207).

De acordo com Charaudeau (2010a), o processo de argumentação requer dois sujeitos: um que elabore uma proposta sobre determinado assunto; e outro a quem o primeiro sujeito tenta persuadir a compartilhar dessa mesma proposta. Vale ressaltar que o sucesso do processo argumentativo, a verossimilhança da argumentação, depende também das representações socioculturais partilhadas pelos protagonistas da interlocução, pois na argumentação não existe uma verdade absoluta; o que há é um sujeito argumentante, que busca convencer o sujeito alvo da verdade (ou verossimilhança) daquilo que defende. Desse modo, em

concordância com Melo (2011), a forma particular que assumirá a argumentação em um texto dependerá dos fatores situacionais, isto é, da influência determinada pela situação de troca e pelo contrato de fala³⁵. Melo (2011) retoma Charaudeau ao afirmar que toda argumentação tem como principal objetivo promover a adesão de seus interlocutores à suas teses, de maneira que crie nos ouvintes uma predisposição à ação ou uma ação efetiva. Para que exista a argumentação, estabelece-se entre os indivíduos um contrato intelectual baseado principalmente no fato de os enunciadores pertencerem aos mesmos contextos sóciohistóricos.

Melo (2011), baseada em Charaudeau, afirma que o sujeito desenvolve estratégias de argumentação em função das finalidades de influência que correspondem a seu projeto de fala. O dispositivo argumentativo será constituído, então, pela tese a ser postulada, e pelos universos de problematização e contextualização, implícito e explícito. Essas estratégias se desenvolvem de forma a determinar a posição de autoridade do sujeito falante, reforçando sua legitimidade. Servem também para dotar o discurso de credibilidade para atrair o ouvinte e, finalmente, levá-lo a compartilhar um ponto de vista. Para tanto, o sujeito se valerá de procedimentos argumentativos a fim de legitimar ou atribuir credibilidade à sua fala, ou ainda captar o seu interlocutor.

De modo geral, a noção de *legitimidade*, segundo Charaudeau (2009), designa o estado ou a qualidade de quem é autorizado a agir da maneira pela qual age. Sendo assim, a legitimidade irá depender de normas institucionais, que regem cada domínio da prática social e que atribuem funções, lugares e papéis aos que são investidos através de tais normas. A credibilidade, por sua vez, está ligada, segundo o autor, à necessidade do sujeito falante de que se acredite nele, tanto no valor de verdade de suas asserções, quanto no que ele pensa realmente, ou seja, em sua sinceridade. Assim, na tentativa de legitimação, o enunciador se apoiará numa posição de autoridade (seja institucional ou pessoal) para se pronunciar; já na tentativa

³⁵ A noção de contrato foi definida na página 19.

de alcançar credibilidade, o locutor se posicionará de maneira a determinar uma posição de verdade. Ora o enunciador optará pela aparente “neutralidade”, ora pelo engajamento. E por fim, quando estiver em cena o jogo de captação, o locutor tentará convencer o interlocutor sobre a pertinência de sua tese.

A eficiência do discurso pode ser obtida na medida em que esse é capaz de provocar a adesão àquilo que se apresenta como tese, ou seja, conseguir que o interlocutor adote certo comportamento ou partilhe determinada opinião, sempre mantendo a coerência argumentativa que diz respeito a ser admissível, verossímil e aceitável. Dessa forma, podemos considerar que os argumentos só se constituem, de fato, se estiverem situados no entorno de uma tese defendida, visto que a argumentação é um procedimento através do qual o sujeito, valendo-se principalmente de argumentos, objetiva levar seu interlocutor a adotar uma posição, a aceitar e a crer naquilo que é dito. Nesse sentido, o argumento é uma manifestação linguística, constituída por enunciados que, relacionados uns com os outros, incluem uma asserção capaz de levar a uma conclusão.

De acordo com Charaudeau (2010a), a argumentação caracteriza-se por uma relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito alvo, como podemos perceber através da figura abaixo, que expressa a construção do modo de organização argumentativo:

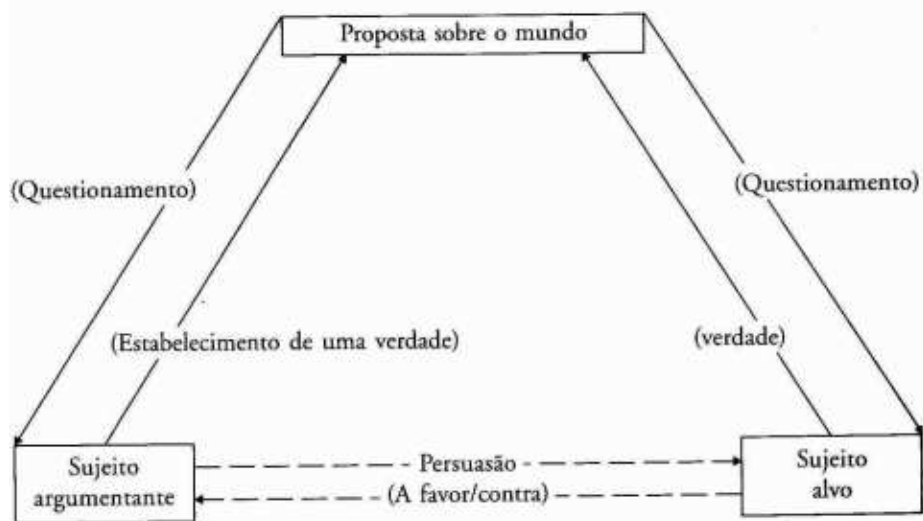


Figura 4 – Construção do modo argumentativo
 Fonte: Charaudeau, 2010a, p. 205

Conforme a figura, para que haja argumentação, é necessário que exista:

a) uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento em alguém quanto à sua legitimidade;

b) um sujeito que se engaje nesse questionamento e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade própria ou universal sobre a proposta;

c) um outro sujeito que questiona a verdade dessa mesma proposta e que se constitua no alvo da argumentação. É a pessoa a quem o sujeito tenta persuadir, na esperança de fazê-la compartilhar a mesma crença, sabendo que ela pode aderir ou refutar a argumentação.

Podemos afirmar, então, que toda relação argumentativa é composta por no mínimo três elementos de base: uma asserção de partida (A1), que seria o dado, a premissa; uma asserção de chegada (A2), que seria a conclusão, o resultado, e uma ou mais asserções de passagem, que são as inferências, provas e argumentos que permitem justificar a relação de causalidade que liga A1 e A2. No quadro a seguir, retirado de Charaudeau

(2010a, p. 210), visualizamos a representação da relação argumentativa entre esses elementos:

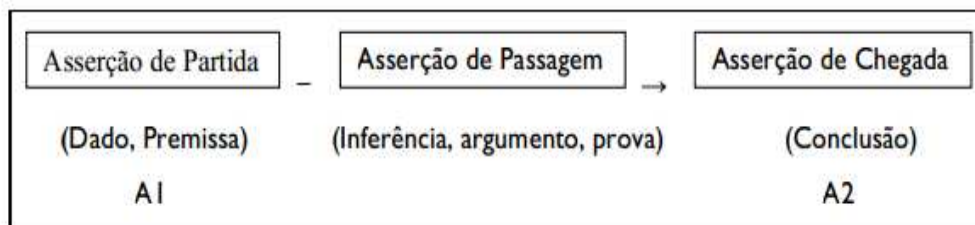


Figura 5 – Asserções
Fonte: Charaudeau, 2010a, p. 210

Dessa forma, temos que a asserção de passagem representa um universo de crença, que deve ser compartilhado entre os interlocutores integrantes da argumentação, a respeito de como os fatos se definem reciprocamente no conhecimento de mundo ou na experiência. Deste modo, podemos considerar que a asserção de passagem se constitui, então, “argumento que, do ponto de vista do Sujeito Argumentante, deveria incitar o interlocutor ou o destinatário a aceitar a proposta como verdadeira” (CHARAUDEAU, 2010a, p. 209). É através da asserção de passagem que o sujeito argumentante busca convencer o sujeito alvo da veracidade do que defende, buscando alterar a opinião e/ou as crenças deste último e incitando-o a agir, falar ou pensar de determinada maneira.

Essa seria, então, a principal função do modo argumentativo, de acordo com Charaudeau (2010^a, p. 207): “permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo”, em uma dupla perspectiva de razão demonstrativa - “ligada ao sentido das asserções, às relações que as unem e aos tipos de validação que as caracterizam” -, e razão persuasiva – que busca estabelecer a prova com a ajuda de argumentos que justifiquem as propostas sobre o mundo – encenação argumentativa.

Por sua vez, a encenação argumentativa consiste, para o sujeito argumentante,

em utilizar procedimentos que, com base nos diversos componentes do modo de organização argumentativo, devem servir ao seu propósito de comunicação em função da situação e da maneira pela qual percebe seu interlocutor (ou destinatário). (CHARAUDEAU, 2010a, p. 231)

Baseando-nos no quadro de Charaudeau (2010a, p. 231) que resume os elementos que compõem a encenação argumentativa, podemos verificar que esta é formada pelos seguintes componentes:

i) o dispositivo argumentativo – que envolve uma proposta (tese), uma proposição (quadro de questionamento) e a persuasão (quadro de raciocínio).

ii) os tipos de configuração – que abrangem as situações de troca (monologais ou dialogais) e o contrato de comunicação (que pode ser explícito ou implícito).

iii) as posições do sujeito – em relação à proposta (tomada de posição a favor/contra ou não tomada de posição), ao emissor da proposta (rejeição ou aceitação do estatuto ou autojustificativa), e em relação à sua própria argumentação (engajamento e argumentação polêmica ou não engajamento e argumentação racional).

São esses procedimentos que têm, cada um a sua maneira, a função de provar a validade da argumentação, baseando-se ora no valor dos argumentos (*procedimentos semânticos*), ora na utilização de categorias linguísticas para produzir certos efeitos de discurso (*procedimentos discursivos*) e, por fim, quando a situação de comunicação permite, organizam o conjunto da argumentação (*procedimentos de composição*).

Em nosso trabalho, focaremos nos procedimentos discursivos - por acharmos que estes são mais relevantes em nosso *corpus* -, destacando como eles são utilizados pelo sujeito argumentante na construção do discurso. Entre os procedimentos discursivos, Charaudeau (2010a) destaca a definição, a comparação, a descrição narrativa, a citação, a acumulação e o

questionamento. Desse conjunto, utilizaremos os procedimentos discursivos da definição, da comparação, da citação e da descrição narrativa - presentes em nosso corpus. Apontaremos as características específicas de cada um desses procedimentos no decorrer de nossa análise.

4.2.2. A Lógica Argumentativa nos Aconselhamentos Sentimentais

4.2.2.1. Elementos de base

A principal tese defendida pela pastora Sarah Sheeva nos Aconselhamentos Sentimentais é a de que *o homem procura, a mulher espera*. Podemos encontrar várias repetições dessa ideia no decorrer do discurso da pastora e, para exemplificar, identificaremos, nos 6 aconselhamentos que compõem nosso *corpus*, asserções de partida, de passagem, e de chegada que comprovam a tese que Sarah Sheeva defende. O discurso é construído através de relações de diversas ordens (comparação, causa, consequência, etc.). Abaixo, apresentaremos quadros sintetizando A1 e A2 nos aconselhamentos analisados e algumas das principais asserções de passagem.

A seguir, analisaremos o Aconselhamento Sentimental 1.

Aconselhamento Sentimental 1 (16/08/10)		
Asserção de partida (A1)	Asserções de passagem	Asserção de chegada (A2)
Então as mulheres, cada vez mais, tem tido esse comportamento, comportamento de procurar homem, comportamento de tomar a iniciativa,	<p>1) no livro Defraudação Emocional eu falo sobre isso, tem um capítulo inteiro dedicado a esse assunto, o nome do capítulo é: <i>O homem procura, a mulher espera</i>. Este valor foi perdido na humanidade, este valor é um valor hoje totalmente destruído no mundo, mas dentro da igreja nós precisamos restaurar este valor.</p> <p>2) Então as mulheres, cada vez mais, tem tido esse comportamento, comportamento de procurar homem, comportamento de tomar a iniciativa, quando ela na verdade deveria esperar o homem tomar a iniciativa.</p> <p>3) Todo esse simbolismo, ele representa o que? O homem procura, a mulher espera. [...] Nós mulheres não temos estrutura pra ficar procurando homem, tá errado, mulher que é princesa não procura homem, não fica olhando, não fica se deixando levar pelas fantasias, seja inteligente.</p> <p>4) Primeiro, Deus não viola o princípio que Ele estabeleceu. Ele estabeleceu esse princípio, é o homem que procura e a mulher espera.</p>	quando ela na verdade deveria esperar o homem tomar a iniciativa.

Tabela 4 – Asserções do AS 1

Na tabela 4, temos, entre a asserção de partida e a asserção de chegada, uma relação de consequência. A pastora mostra na asserção de partida que atualmente as mulheres têm desenvolvido um comportamento errado de tomar a iniciativa no relacionamento, portanto, para agirem corretamente, elas deveriam esperar o homem procurá-las (asserção de chegada). Nas asserções de passagem, Sarah Sheeva justifica porque esse comportamento é errado através de argumentos como: *Nós mulheres não temos estrutura pra ficar procurando homem, tá errado (...)* e *Deus não viola o princípio que Ele estabeleceu. Ele estabeleceu esse princípio, é o homem que procura e a mulher espera.*

Na tabela 5, encontramos outro exemplo que corrobora com a tese da pastora de que o *homem procura, a mulher espera*.

Aconselhamento Sentimental 2 (27/10/10)		
Asserção de partida (A1)	Asserções de passagem	Asserção de chegada (A2)
Isso não é comportamento de princesa.	1) Ele queria saber se você era uma princesa, que valeria a pena ele pagar o preço por você, ou se você era mais uma cachorra, como tantas cachorronas que tem por aí. 2) A cachorra ela faz isso, ela não é difícil, ela é fácil, ela, qualquer um consegue alguma coisa com ela. 3) E o que você fez? Você agiu como uma cachorra.	É o homem que vai até você, ele que tem que demonstrar esforço por você.

Tabela 5 – Asserções do AS 2

Evidenciamos o fragmento que se apresenta como Asserção de Partida (A1): *Isso não é comportamento de princesa*. Nessa afirmação, Sarah refere-se ao comportamento inadequado da mulher que pediu o conselho. Isso implica dizer que o sujeito argumentante terá que apresentar argumentos que sustentem essa tese inicial, convencendo o interlocutor do seu ponto de vista. Analisando as asserções de passagem, destacam-se os seguintes trechos que justificam a afirmação inicial da pastora: 1) *Ele queria saber se você era uma princesa, que valeria a pena ele pagar o preço por você, ou se você era mais uma cachorra, como tantas cachorronas que tem por aí*; 2) *A cachorra ela faz isso, ela não é difícil, ela é fácil, ela, qualquer um consegue alguma coisa com ela*; 3) *E o que você fez? Você agiu como uma cachorra*. Na asserção de chegada, a pastora demonstra que o comportamento ideal de uma mulher é esperar: *É o homem que vai até você, ele que tem que demonstrar esforço por você*.

A tabela a seguir traz as asserções de partida, passagem e chegada do Aconselhamento Sentimental 3.

Aconselhamento Sentimental 3 (30/09/11)		
Asserção de partida (A1)	Asserções de passagem	Asserção de chegada (A2)
[...] homens não expressam e não revelam o que sentem de verdade com palavras;	1) As atitudes dos homens revelam quem eles realmente são e o que eles querem e o que eles sentem. 2) Eles podem falar: ah, eu te amo. Não acredite, acredite na atitude. 3) Qual a atitude dele? Ele está com quem, com ela ou com você? Com ela? Então ele não ama você, ele ama ela, ok?	homens revelam o que eles sentem com atitudes.

Tabela 6 – Asserções do AS3

Nesse aconselhamento Sarah Sheeva, através das asserções de passagem, demonstra que os homens não revelam os sentimentos através de palavras, e sim de atitudes. Ela mostra para a mulher que pediu o aconselhamento, que se o ex-marido dela afirma que a ama, mas continua com a outra namorada, então na verdade quem ele ama é a namorada, como podemos perceber na asserção de passagem: *Qual a atitude dele? Ele está com quem, com ela ou com você? Com ela? Então ele não ama você, ele ama ela, ok?*

Na tabela 7, mais uma vez encontramos passagens que contribuem para confirmar a tese defendida pela pastora Sarah Sheeva.

Aconselhamento Sentimental 4 (26/10/11)		
Asserção de partida (A1)	Asserções de passagem	Asserções de chegada (A2)
O homem quando ele gosta ele corre atrás, ele vai atrás da mulher, o homem quando gosta ele mostra com atitudes que ele gosta,	1) (..) palavras não têm valor, atitudes têm valor, não entra no meu ouvido, eu quero ver a atitude. 2) Um homem nós nunca conhecemos pelas palavras, os homens sabem o que as mulheres gostam de ouvir e sabem que a gente cai pelo ouvido, então você não pode acreditar no que um homem diz, você tem que ver o que ele faz. 3) Você verá quem ele é pelo caráter dele, na atitude dele.	1) Homem quando gosta de uma mulher vai atrás. 2) Só se conhece um homem pelas suas atitudes.

Tabela 7 – Asserções do AS 4

Nos trechos desse aconselhamento, encontramos a seguinte asserção de partida: *O homem quando ele gosta ele corre atrás, ele vai atrás da mulher, o homem quando gosta ele mostra com atitudes que ele gosta.* Através de A1, Sarah insiste na sua tese de que a mulher deve esperar o homem encontrá-la, pois só assim a mulher terá certeza de que esse homem realmente gosta dela. Para comprovar sua asserção de chegada (A2), a pastora utiliza alguns argumentos que intencionam desqualificar as demonstrações de afeto do homem através de palavras, em benefício das atitudes, como: *Você verá quem ele é pelo caráter dele, na atitude dele; você não pode acreditar no que um homem diz, você tem que ver o que ele faz.*

Na tabela número 8, identificamos outras asserções de passagem que confirmam a tese que a pastora defende nos aconselhamentos:

Aconselhamento Sentimental5 (25/01/12)		
Asserção de partida (A1)	Asserções de passagem	Asserção de chegada (A2)
Porque uma mulher quando é princesa, ela não fica procurando o homem pra gostar.	<p>1) [...] você pode estar ocupando o teu coração com alguém que Deus não falou com ele, é o homem que procura a mulher e a mulher é procurada. O homem procura, a mulher espera, né? O cara está procurando, né? O homem é esperado por nós. E nós olhamos pro Senhor, adoramos o Senhor, prosseguimos nosso dia a dia esperando o cara certo nos encontrar.</p> <p>2) quem tem que tomar a iniciativa é o homem, é o homem que tem que chegar em você e falar: eu quero orar com você. Não é você. Mulher não toma iniciativa. Depois que ele tomar a iniciativa, ai você pode retribuir como uma linda princesa que eu creio que você é.</p> <p>3) Então se você realmente quer fazer segundo a vontade de Deus, a primeira coisa, pare de olhar e de procurar homem. Princesas não procuram homem. Princesas esperam o cara encontrá-la. Amém?</p>	Essa é uma característica de princesa. Princesa espera o homem procurar.

Tabela 8 – Asserções do AS 5

Nesse aconselhamento, temos entre A1 e A2 uma relação de causa (A2 porque A1), já que a princesa espera o homem procurar porque *uma mulher quando é princesa não fica procurando homem pra gostar*. Como argumentos para comprovar essa afirmativa, encontramos, nas asserções de passagem, fragmentos que justificam essa espera da princesa: *O homem é esperado por nós. E nós olhamos pro Senhor, adoramos o Senhor, prosseguimos nosso dia a dia esperando o cara certo nos encontrar*.

A tabela 9 traz exemplos do Aconselhamento Sentimental 6.

Aconselhamento Sentimental 6 (31/08/13)		
Asserção de partida (A1)	Asserções de passagem	Asserção de chegada (A2)
Há várias causas de irritações nos relacionamentos dos solteiros	1) Uma das coisas mais terríveis, que mais irritam os homens solteiros são mulheres que não mostram o que querem de verdade, realmente, e mulheres que não mostram quem elas realmente são. 2) [...] a mulher, ela fica extremamente irritada quando ela vê um cara que não tem condição de estar com ela, de casar com ela, cortejá-la.	A principal causa são as pessoas que os fazem perder tempo.

Tabela 9 – Asserções do AS 6

O Aconselhamento Sentimental 6 segue uma estrutura um pouco diferente dos demais. Neste aconselhamento, Sarah não responde a apenas uma pessoa que pediu um conselho. Ela explicita que, devido a várias reclamações dos solteiros, ela resolveu publicar um aconselhamento que elencasse as principais causas de irritações nos relacionamentos amorosos, para os homens e mulheres solteiras. Nas assereções de passagens temos um exemplo de irritação para os homens: as mulheres não mostrarem o que realmente querem de um relacionamento; e um exemplo do que irrita as mulheres, que seriam os homens que insistem em manter um relacionamento sem ter condições (materiais, sociais) de estar com elas.

4.2.2.2. Procedimentos e técnicas argumentativas

No que se refere à estrutura geral da argumentação, em termos de logoi, o que predomina é o argumento por comparação, “nas quais se cotejam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro.” (PERELMAN, 1996, p. 274). Na releitura do Tratado de Argumentação (TA), realizada por Reboul, temos que o argumento por comparação é

aquele que permite “justificar um dos termos a partir do outro ou dos outros”. (REBOUL, 1998, p. 183). Para Charaudeau (2010a, p. 237), “a comparação é utilizada para reforçar a prova de uma conclusão ou de um julgamento”. Sarah Sheeva utiliza amplamente esse argumento, por exemplo, para contrapor o comportamento do homem e o da mulher. Para ela, os homens são racionais, calculistas, enquanto as mulheres são mais românticas, e os homens se aproveitam disso para iludir as mulheres. Este tipo de discurso de Sarah Sheeva se configura como um discurso heterossexista, no qual temos o homem como base e a mulher como complemento. Esse discurso binário (homem x mulher) trata o histórico como natural e reforça as relações de poder. A sexualidade, nesse sentido, é produzida por um tipo de discurso, um regime de verdade, que é reproduzido e imposto: “o homem deve ter o pé atrás”, “os homens são o cabeça da mulher”, como podemos visualizar nos exemplos abaixo:

(5) [...] pra nós mulheres é muito fácil tomar iniciativa, nós somos muito corajosas na área sentimental. O homem é mais pé atrás e deve ser, porque emocionalmente o homem, ele é forte pra fase da conquista, ele é frio pra fase da conquista, ele consegue na fase da conquista ser mais racional, mas a mulher não, a mulher na fase da conquista já está sonhando. Enquanto o homem está pensando em levar ela pra jantar a primeira vez, ela já está sonhando com o casamento, com as bodas de ouro, velhinha do lado dele, com filho e com neto. A realidade é que na fase da conquista o homem é mais seguro, ele é mais firme, ele é mais racional, nós mulheres não. Porém quando há um envolvimento, quando se apaixonam, quando se envolvem, muda tudo, a mulher se torna mais confiante e o homem fica mais sensível. Por isso o homem deve realmente ter o pé atrás, isso é bom, não é ruim; e nós mulheres é que temos que aprender a vigiar nessa questão. (AS 1/ parte 1)

(6) [...] eles [os homens] não dizem isso para as mulheres, porque eles não são bobos, eles são

inteligentes, não é atoa que Deus escolheu os homens para serem o cabeça da mulher. Deus dotou eles de um racional que a gente não tem, eles são muito espertos. (AS 2/ parte 1)

Da mesma forma, ao falar sobre a auto defraudação, tema de seu livro, Sarah Sheeva isenta os homens do efeito desse sentimento, ao afirmar que as mulheres têm muito maior o costume de se auto-defraudar (gerar expectativas amorosas em relação a alguém que não serão supridas) por serem muito sonhadoras, ao contrário dos homens que são mais racionais.

(7) [...] a auto defraudação ela tem vários efeitos sobre nós mulheres, sobre os homens também, mas sobre nós mulheres é muito pior. (AS 2/ parte 1)

(8) A defraudação, auto defraudação, ela é gerada por nós, por você mesma. A pessoa cria uma fantasia com alguém que nunca olhou na cara dela. É muito comum nas mulheres, os homens já não tem esse costume. As mulheres têm muito maior esse costume por serem muito sonhadoras. (AS 5)

Através dos exemplos, percebemos que todo o esforço da pastora é para caracterizar o homem como uma espécie de “inimigo” com o qual é necessário ter cuidado. Para comparar o comportamento do homem e da mulher, Sarah Sheeva utiliza, entre outros recursos, a descrição. Charaudeau (2010a), afirma que a descrição narrativa ocorre quando o Sujeito Argumentante descreve um fato, ou conta uma história, para reforçar uma prova ou produzi-la. Através desta, a pastora explicita, por exemplo, como os homens se comportam quando estão interessados em uma mulher. Além de caracterizar os homens como inteligentes e calculistas, Sarah Sheeva também afirma que eles são falsos no que dizem e que, por isso, é necessário desconfiar das palavras deles e observar as atitudes:

(9) Homem não se conhece pelas palavras que eles dizem, se conhece pelas atitudes. Eles não demonstram o que sentem com palavras, e sim com atitudes. (AS 2/ parte 1)

(10) [...] o homem quando gosta ele corre atrás, ele vai atrás da mulher, o homem quando gosta ele mostra com atitudes que ele gosta, é assim que você descobre quando um homem gosta de uma mulher, ele faz, ele tem atitudes. (AS 4)

(11) Um homem nunca nos conhecemos pelas palavras, os homens sabem o que as mulheres gostam de ouvir e sabem que a gente cai pelo ouvido, então você não pode acreditar no que um homem diz, você tem que ver o que ele faz. Você verá quem ele é pelo caráter dele, na atitude dele. (AS 4)

(12) Homem quando gosta de uma mulher vai atrás. Homem não fala, não, homem faz, meu bem. (AS 5)

Da mesma forma, a ex-integrante do grupo SNZ contrapõe o comportamento da princesa *versus* cachorra. Para a pastora, as mulheres que se comportam como princesas, ou seja, esperam que o homem as procure, irão encontrar relacionamentos respeitáveis e atrair maridos amorosos, como podemos perceber nos exemplos abaixo:

(13) Princesas se comportam como princesas e aí atraem quem para elas? Os príncipes de Deus. Mas mulheres que se comportam como as mundanas, vão atrair homens mundanos, com coração mundano, vão ser tratadas sem carinho, sem respeito. (AS 1/ parte 3)

(14) Meu bem, não é assim. Isso não é comportamento de princesa. É o homem que vai até você, ele que tem que demonstrar esforço por você. Você já tava babando, lambendo o pé dele já, igual cachorra. Como assim, meu amor? É o fim isso, que falta de princesisse. (AS 2/ parte 2)

(15) Porque uma mulher quando é princesa, ela não fica procurando o homem pra gostar. Essa é uma característica de princesa. Princesa espera o homem procurar. Princesa espera o cara tirar ela pra dançar. É uma forma de expressar, né? Espera pra ver se ela vai realmente se interessar por ele. Mas já as mulheres viciadas em relacionamento, eu já fui uma dessas, elas são acostumadas a ter sempre alguém pra ocupar a história do coração delas, pra ocupar a vaga emocional, ocupar a mente, ocupar a história, e querem sempre alguém pra estar gostando. (AS 5)

(16) Princesas não procuram homem. Princesas esperam o cara encontrá-la. Amém? (AS 5)

Como podemos perceber pelos recortes anteriores, para Sarah Sheeva, uma princesa é aquela que espera pacientemente ser encontrada pelo seu futuro marido, enquanto a cachorra é aquela que apresenta comportamentos mundanos, como beijar na boca ou ter qualquer tipo de relação sexual. Nos trechos abaixo, Sarah descreve alguns comportamentos da cachorra, comparando-os com os da princesa.

(17) Quando você permite que ele te toque não sendo casado com você, você está se rebaixando ao que eu sempre chamo de cachorra. O que é a cachorra em outras palavras? Mulher fácil. (AS 3)

(18) Princesas não são cegas, essa é uma característica das cachorras. As cachorras são mulheres fáceis, mulheres que vão de qualquer jeito. Princesas não acreditam em papo não, se comporte como uma princesa, isso aqui não é comportamento de princesa, você precisa mudar, ok? (AS 4)

(19) Ele queria saber se você era uma princesa, que valeria a pena ele pagar o preço por você, ou se você era mais uma cachorra, como tantas cachorronas que tem por aí. Cachorra é assim mesmo, entendeu? A cachorra ela faz isso, ela não é difícil, ela é fácil, ela,

qualquer um consegue alguma coisa com ela, só jogar um bom papo no ouvido dela, que ela cai, ela não consegue dizer não. Essa é uma característica da cachorra, entendeu? [...] Presta atenção, eu creio que você realmente pode ser uma princesa, mas você não tem agido como princesa. Você está agindo, se comportando, pensando, sentindo e vivendo como uma cachorra. Esse é um comportamento de cachorra, querida, não de princesa! (AS 2/ parte 1)

(20) Meu amor, isso é um comportamento que eu chamo de comportamento de cachorra. Mulher que mendiga migalhas emocionais, que pede, que está ali aceitando qualquer olhadinha [...] (AS 5)

Nos trechos apresentados, notamos que, para a pastora, o comportamento ideal de uma mulher é se resguardar para o marido, comportando-se de maneira discreta e recatada. Através do discurso de Sarah Sheeva, há uma reprodução de um ponto de vista tradicional que condena a liberdade feminina, duramente conquistada ao longo dos anos.

Sarah Sheeva faz uso, também, do argumento de autoridade, o qual, segundo Perelman (1996, p. 348), “utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”. Reboul (1998, p. 177), em sua releitura do Tratado de Argumentação, define o argumento de autoridade como aquele “que justifica uma afirmação baseando-se no valor de seu autor”. Para Charaudeau (2010, p. 240), esse argumento corresponderia ao procedimento discursivo da citação, que “consiste em referir-se, o mais fielmente possível, (ou pelo menos dando uma impressão de exatidão), às emissões escritas ou orais de um outro locutor”. Na argumentação, o principal valor da citação está no fato de que ela produz um efeito de autenticidade, funcionando como uma fonte de verdade, testemunho de um dizer. A principal autoridade a que a pastora recorre é a Bíblia, como podemos perceber nos trechos a seguir:

(21) Então sempre você vai ver na Bíblia, a mulher não procura homem. (AS 1/ parte 1)

(22) A Bíblia fala que o inimigo lança setas, setas são pensamentos na primeira pessoa do verbo. [...] Porque ele quer que você pense que aquele pensamento veio de você ou até mesmo de Deus. (AS 1/ parte 1)

(23) Meu bem, você não conhece então a personalidade de Deus, você não conhece o caráter de Deus, você tem que ler mais a Bíblia. (AS 1/ parte 1)

(24) Provérbios 4:23³⁶, quando fala pra gente guardar o coração, está falando pra gente guardar os nossos pensamentos, coração na bíblia é alma. (AS 2/ parte 1)

Percebemos, nas passagens, que Sarah Sheeva recorre à Bíblia para dar credibilidade ao seu discurso. A pastora tenta convencer as mulheres de que a tese que ela defende é a correta, baseando-se nos ensinamentos da Bíblia e nos exemplos do texto sagrado, para então persuadi-las a mudar:

(25) Deus não deseja que as princesas dele, que as filhas dele fiquem babando um homem que nunca olhou pra cara dela, isso não vem de Deus, isso não procede. Vai ler a história de Rute³⁷, vai estudar o livro de Rute, vai ver como foi com Rute. Boaz foi o homem com quem Rute se casou, Boaz era o homem de Deus pra Rute, e a Bíblia mostra que Boaz viu Rute, tanto que Boaz virou pra Rute e disse pra Rute: não vá pegar espigas em outro campo, fique aqui, venha pegar aqui, aqui você está segura. Boaz virou pra todos os empregados dele e disse: não toquem nela. Boaz estava se agradando dela, ele já tinha gostado dela. Depois quando ela contou pra sua sogra,

³⁶ Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida. Provérbios 4:23. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/pv/4>. Acesso em 25/03/2013.

³⁷ A história de Rute passa-se no tempo em que o povo de Israel era governado por juízes. Rute, uma jovem do país de Moabe, casa com um israelita. Este morre, e então Rute se apega à sua sogra [Noemi], demonstrando profunda devoção ao Deus de Israel. Depois de algum tempo, Rute casa de novo, agora com um parente do seu primeiro marido [Boaz]. E foi por causa desse segundo casamento que Rute veio a ser bisavó de Davi, o maior rei de Israel.

que era ali a figura da liderança dela, e a sogra, sabendo que Boaz era parente, sabendo do costume daquela época de haver o resgate da viúva, a Noemi orientou ela, então ela fez como Noemi orientou, e Boaz foi logo logo resolver e se casou com ela. Então sempre você vai ver na Bíblia, a mulher não procura homem, é o homem [que procura]. (AS 1/ parte 1)

A pastora, ao resgatar, na Bíblia Sagrada, a história de Boaz e Rute, utiliza o comportamento de Rute como um exemplo a ser seguido pelas princesas do Senhor, estabelece uma analogia forçada e ignora as mudanças comportamentais ocorridas com o passar dos séculos, já que o tempo em que vivemos é completamente diferente do tempo em que viveram os personagens da Bíblia. Identificamos, também, nessa passagem, a utilização do princípio discursivo da comparação, pelo sujeito argumentante, para traçar um paralelo entre o comportamento das mulheres atuais com as mulheres da Bíblia. Como vimos, para Charaudeau (2010, p. 237), “a comparação é utilizada para reforçar a prova de uma conclusão ou de um julgamento”, no caso dessa passagem do aconselhamento, produzindo um efeito pedagógico (comparar para ilustrar e fazer melhor compreender), pois Sarah explicita a atitude correta das mulheres da Bíblia, intencionando que as mulheres que assistem o seu aconselhamento e que sigam a mesma religião, ajam da mesma forma.

Dessa forma, percebemos que a narração das histórias da Bíblia realizada por Sarah Sheeva está perpassada pela finalidade argumentativa, pois Sarah resgata estes exemplos recorrendo ao argumento de autoridade (PERELMAN, 1996) ou da citação (CHARAUDEAU, 2010) para persuadir as mulheres que a seguem a se comportarem da mesma maneira. O mesmo ocorre quando a pastora cita a história de Rebeca e Isaque:

(26) Na história de Rebeca e Isaque³⁸ é a mesma coisa, a mesma coisa sempre, né? E quando Rebeca foi se aproximando, é, de longe ela viu Isaque quando o servo de Abraão disse: ali está o seu noivo. Quando ela de longe, a Bíblia conta que ela foi e cobriu o rosto com o véu. Por que que ela cobriu? Numa forma de que? De representar a Santidade, representar a Reverência, ela era uma princesa, “princesa”³⁹. Ela não ia chegando assim, aquele véu significava que ela era a noiva, a santa, a virgem, pura, imaculada pra aquele homem. Isso tem muito valor. Todo esse simbolismo, ele representa o que? O homem procura, a mulher espera. (AS 1/ partes 1 e 2)

No trecho destacado, Sarah Sheeva faz uso da citação *de um saber* (quando emana de uma pessoa que representa autoridade – neste caso, a Bíblia) ao trazer, para o aconselhamento, a história de Rebeca e Isaque, personagens bíblicos, objetivando demonstrar qual o comportamento adequado em um relacionamento, e reforçando, assim, o valor de verdade da sua asserção.

Deste modo, Sarah Sheeva utiliza, em seu discurso, a dupla atividade *convencer-persuadir*, pois ela ensina o comportamento ideal de uma mulher que se valoriza, de uma “mulher de Deus”, através de exemplos bíblicos relacionados ao comportamento feminino ideal, ao mesmo tempo em que objetiva tocar o coração dessas mulheres, ao evocar a religião e a fé das mesmas. Ela recorre à autoridade sintetizada nos textos bíblicos citados para fundamentar a tese da necessidade da fé. Ao adotar e recorrer ao argumento de autoridade, no intuito de fortalecer a sua tese, a pastora visa imprimir maior credibilidade ao seu discurso.

É interessante ressaltar que a autora faz referência a todo o momento, mesmo que implicitamente, ao seu livro *Defraudação Emocional* e, em uma

³⁸ A segunda parte do livro Gênesis, do capítulo 12 ao 50, conta a história dos patriarcas hebreus: Abraão, Isaque, Jacó e os seus doze filhos, que foram o começo das doze tribos de Israel. O capítulo 24 do livro Gênesis conta a história de Rebeca e Isaque.

³⁹ As aspas foram transcritas aqui porque no vídeo a pastora faz sinal de entre aspas com as mãos.

passagem refere-se explicitamente a um capítulo deste livro denominado *O homem procura, a mulher espera*. Defraudação emocional, para a pastora, é um processo pelo qual uma pessoa gera em outra ou em si mesma uma expectativa sentimental que não poderá ser suprida. No capítulo citado, Sarah Sheeva utiliza o argumento de autoridade bíblico para exemplificar que as mulheres devem esperar pelo homem, assim como, na Bíblia, “Rebeca, Raquel, Ester, Maria e muitas outras mulheres esperaram o homem tomar a iniciativa” (SHEEVA, 2007, p. 25). No decorrer do capítulo, a pastora discorre acerca do comportamento ideal do homem e da mulher interessados em encontrar o parceiro ideal.

Como vimos, a pastora, no Aconselhamento Sentimental número 1, exemplifica o comportamento ideal de uma mulher da igreja, de uma “princesa do senhor”, em relação aos relacionamentos, referindo-se a duas histórias pertencentes à Bíblia Sagrada: a história de Rute e de Rebeca e de seus respectivos maridos. Ao contar essas histórias, Sarah Sheeva faz uso, também, do *argumento por exemplo* e do *argumento por modelo*. De acordo com Reboul (1998, p. 182), o “modelo é mais que exemplo; é um exemplo dado como algo digno de imitação”. É o que ocorre no discurso da pastora, já que ela resgata as histórias de Rute e Rebeca para exemplificar o modelo de conduta ideal para as mulheres, uma vez que Rute e Rebeca foram ambas mulheres recatadas e submissas, que esperaram em santidade o homem que Deus reservou para elas.

Sarah Sheeva faz uso, igualmente, do argumento por sacrifício, que “consiste em estabelecer o valor de uma coisa – ou de uma causa – pelos sacrifícios que são ou serão feitos por ela”. (REBOUL, 1998, 184). A pastora utiliza amplamente este argumento em seu discurso, no sentido de que ela prega a necessidade de abstinência total de sexo e beijo na boca antes do casamento, para que o casal alcance a felicidade plena. Ela própria serve de modelo para tal comportamento, ao afirmar: “sou uma mulher solteira de 40 anos que vive em santidade há muitos anos. Há mais de 10

anos espero em santidade o homem de Deus que o Senhor tem pra mim, me encontrar” (AS 6).

Sarah Sheeva utiliza, também, o *argumento de incompatibilidade: ridículo*, que Reboul (1998) resgata do Tratado de Argumentação de Perelman. Segundo Reboul (1998, p. 169):

a incompatibilidade está vinculada à retorsão, que consiste em retomar o argumento do adversário mostrando que na verdade este é aplicável contra ele mesmo. [...] é preciso ressaltar uma incompatibilidade, e a ironia é a figura que condensa esse argumento pelo riso.

Compartilhando dessa ideia, Perelman (1996), no Tratado de Argumentação, afirma que, geralmente, o ridículo está relacionado ao fato de se combater ou transgredir uma regra de modo inconsciente, seja por desconhecer a regra em questão ou por ignorância das consequências desastrosas de um comportamento ou de uma tese. Conforme Perelman (1996, p. 235):

[...] a mais caracterizada argumentação quase-lógica pelo ridículo consistirá em admitir momentaneamente uma tese oposta àquela que se quer defender, em desenvolver-lhe as consequências, em mostrar a incompatibilidade destas com o que se crê por outro lado e em pretender passar daí à verdade da tese que se sustenta.

O autor afirma, ainda, que uma das figuras que podem traduzir esse gênero de raciocínio é a ironia, figura esta amplamente utilizada por Sarah Sheeva em seus aconselhamentos. A pastora cria uma imagem de superioridade através da ironia com que, às vezes, ela trata a internauta que pediu o conselho. Nas passagens que se seguem, por exemplo, Sarah desconstrói e desqualifica os sinais aparentemente divinos recebidos pela mulher que pediu o conselho:

(27) Sarah, será que esses sinais são reais? Ou eu posso estar entendendo tudo errado? Já que nunca mais nos falamos, sendo assim acho que ele realmente não gosta de mim. Você acredita nesse tipo de sinal, ou você observa as circunstâncias? (AS 2/ parte 1)

(28) Em primeiro lugar (risos), você pediu isso antes de pedir o tempo, você pediu o sinal de Deus, mas aí depois você pediu pra ele pra terminar. Quer dizer, você tem que se decidir, você não sabe se você vai, se você não vai. Antes você pede um sinal pra Deus, mas aí no meio disso você termina com ele. Então você esquece o sinal. Mas não, você terminou com ele e agora você quer reaver o sinal que você pediu lá atrás? Tá esquisito, tá completamente confuso. Agora vamos analisar o sinal, que sinal mais absurdo é esse, meu bem? Tem outros sinais que você pode pedir. Eu tenho uma amiga, que ela uma vez pediu um sinal pra Deus. [...] Quando ela já era amiga do cara, ela orou assim: "Deus, se por acaso for ele...". Olha só o sinal que ela pediu para Deus, ela não falou, ela orou em pensamento com Deus, em oração no joelho: "Senhor, eu te peço que quando ele vier me encontrar amanhã, ele traga uma torta de maçã". Não, uma torta de morangos. Ela conta que ele tocou a campainha dela, quando ela abriu a porta ele tava com uma torta de morangos na mão. Isso é um sinal, absurdo. Mesmo assim, não significa que seja de Deus. Por que Sarah? Porque eu já vi o diabo falsificar sinais com uma precisão, gente. O diabo, ele é mestre em disfarces, ele é perito em disfarces, ele sabe, ele sabe fazer, assim, é, disfarçar, enganar. Ele é muito bom nisso. Então, não se pode confiar em sinais somente, os sinais vêm como mais uma confirmação. (AS 2/ parte 2)

(29) Pra mim isso não é uma confirmação do seu pedido. Pra mim você manipulou os sinais, que você queria que fosse assim e o inimigo aproveitou pra te confundir. Não veio de Deus pra mim isso, de jeito nenhum. . (AS 2/ parte 2)

Percebemos, nestas passagens, que Sarah Sheeva primeiramente ridiculariza o teor do aparente que a mulher teria recebido, e em seguida, através do exemplo de um caso ocorrido com uma amiga, demonstra o que seria um sinal verdadeiro. Por fim, a pastora questiona a veracidade de qualquer sinal por si só, explicitando que eles possam ser forjados pelo diabo. Dessa forma, a pastora reforça tanto a ideia de que o sinal funciona antes como uma confirmação de um relacionamento já abençoado, quanto a sua opinião de que o “inimigo” teria confundido a cabeça da mulher que buscou o aconselhamento. Podemos perceber a presença da figura de ironia também em outros trechos, como “Sim, você pediu um tempo na esperança de que? Você percebeu que ele ia pedir um tempo, você quis pedir primeiro, foi isso? Medo de ser rejeitada, rejeitou”. (AS nº 2/ parte 1)

Outro argumento utilizado por Sarah Sheeva, em seu discurso, é o argumento por definição. A definição, segundo Reboul (1998, p. 172) é um “caso de identificação, pois com ela se pretende estabelecer uma identidade entre o que é definido e o que define, de tal modo que se tenha o direito de substituir um pelo outro no discurso, sem mudar o sentido”. Segundo Perelman (1996, p. 242), “o uso argumentativo das definições pressupõe a possibilidade de definições múltiplas, extraídas do uso ou criadas pelo autor, entre as quais é indispensável fazer uma escolha”. Por fim, Charaudeau (2010, p. 236) afirma que o procedimento discursivo da definição “consiste em descrever os traços semânticos que caracterizam uma palavra num certo tipo de contexto”. É exatamente isso que Sarah Sheeva faz quando utiliza esse argumento para definir o que seria uma cachorra e uma princesa, caracterizando-as e relacionando-as, respectivamente, com as mulheres do mundo e as mulheres da igreja:

(30) Princesas não são cegas, essa é uma característica das cachorras. As cachorras são mulheres fáceis, mulheres que vão de qualquer jeito. Princesas não acreditam em papo não, se comporte como uma

princesa, isso aqui não é comportamento de princesa, você precisa mudar, ok? (AS 4)

(31) Meu amor, isso é um comportamento que eu chamo de comportamento de cachorra. Mulher que mendiga migalhas emocionais, que pede, que está ali aceitando qualquer olhadinha [...] (AS 5)

(32) Cachorra é assim mesmo, entendeu? A cachorra ela faz isso, ela não é difícil, ela é fácil, qualquer um consegue alguma coisa com ela, só jogar um bom papo no ouvido dela, que ela cai, ela não consegue dizer não. Essa é uma característica da cachorra, entendeu? (AS 2/ parte 1)

(33) Dentro da igreja, também o mundo, o costume do mundo tem entrado dentro da igreja, né, o costume mundano, que não é dos princípios da Palavra. Então as mulheres, cada vez mais, tem tido esse comportamento, comportamento de procurar homem, comportamento de tomar a iniciativa, quando ela na verdade deveria esperar o homem tomar a iniciativa. (AS 1/ parte 1)

(34) As mulheres têm sofrido. Porque não têm aprendido a se olhar, a se valorizar. E aí o que acontece? Os homens vão ficando mal acostumados, o costume do mundo entra dentro da igreja, a mulherada começa a fazer igual as mulheres do mundo, que que acontece, meu bem? Você começa a ser tratada como uma mulher do mundo. [...] mulheres que se comportam como as mundanas, vão atrair homens mundanos, com coração mundano, vão ser tratadas sem carinho, sem respeito. (AS 1/ parte 3)

De acordo com Sarah Sheeva, as mulheres da igreja têm sofrido porque se comportam como as mulheres mundanas, e isso faz com que os homens não as respeitem. Podemos concluir que, segundo o discurso da pastora, se as mulheres agirem como princesas, e se resguardarem para o

casamento, as chances de serem tratadas com carinho e respeito aumentarão exponencialmente.

Podemos perceber, através da análise do *logos*, que Sarah Sheeva utiliza diversos argumentos lógicos na construção do seu discurso. Através das variadas estratégias argumentativas, juntamente com o *ethos* e o *pathos*, que serão tratados nas páginas seguintes, a pastora intenta manter os seguidores que já tem e arrebanhar cada vez mais fiéis à sua causa e à tese que defende.

4.3. A dimensão do Ethos nos Aconselhamentos Sentimentais

4.3.1. A noção de Ethos Discursivo

A questão do *ethos* vem da Antiguidade. Aristóteles propôs dividir os meios discursivos que influenciam o auditório em três categorias: o *logos*, de um lado, que pertence ao domínio da razão e torna possível convencer; o *ethos* e o *pathos*, de outro, que pertencem ao domínio da emoção e possibilitam emocionar. Se o *pathos* é voltado para o auditório, o *ethos* é voltado para o orador, e nessa perspectiva, o *ethos* seria ao lado do *pathos* e do *logos*, uma das três formas de persuasão fornecidas pelo discurso oral, como podemos visualizar no quadro⁴⁰ abaixo:



Figura 6 – Três formas de persuasão do discurso oral

⁴⁰ Quadro retirado do artigo de Jean-Michel Adam (p. 94-117). In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2011.

Séculos mais tarde, numa perspectiva discursiva, Maingueneau (2011, p. 17) retoma a discussão e identifica alguns princípios relacionados ao *ethos*. Segundo o autor:

- (i) o *ethos* é uma noção discursiva, construída através do discurso, e não uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- (ii) o *ethos* é um processo interativo de influência sobre o outro;
- (iii) o *ethos* é uma noção sóciodiscursiva, um comportamento socialmente avaliado, que deve ser apreendido numa dada situação de comunicação, esta, por sua vez, integrada em uma conjuntura sóciohistórica.

Considerando os princípios destacados por Maingueneau, percebemos que o *ethos* é a imagem de si que o locutor constrói através do discurso, e não uma representação exterior a fala. O interlocutor, por sua vez, pode reagir positivamente ou negativamente ao *ethos* apresentado pelo enunciador, o que influenciará diretamente na adesão, ou não, às teses propostas.

Maingueneau ressalta, ainda, o fato de que as escolhas do enunciador não são motivadas somente pelo desejo de persuadir, mas também obedecem a uma série de restrições que são ditadas pelos tipos e gêneros do discurso, que, por sua vez, relacionam-se ao momento da enunciação:

O enunciador não é um ponto de origem estável que se “expressaria” dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado. (MAINGUENEAU, 2011, p. 75)

Nesse sentido, não podemos considerar o *ethos* apenas como um meio de persuasão. É necessário considerá-lo como parte integrante do todo da enunciação. De acordo com Melo (2011), podemos perceber que Charaudeau corrobora a posição de Maingueneau, em relação a vários aspectos. Segundo a autora, para Charaudeau (2006) a questão da identidade do sujeito depende das representações que circulam num grupo e que se configuram como imaginários sociodiscursivos. Estes imaginários direcionam a construção do *ethos*, e este apoia-se em um duplo imaginário (corporal e moral). Constatamos assim, a existência de um *ethos* coletivo, como evidencia Charaudeau *apud* Melo (2011):

Na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos. Em último caso, os grupos julgam os outros grupos com base em um traço de sua identidade (CHARAUDEAU, 2006, p. 117).

Em relação ao sujeito, Charaudeau (2011, p. 115) afirma que este aparece ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos e o *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, mas ele termina por se fundir em uma única.

Amossy (2011, p. 9) aponta que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Para que isso ocorra, não é preciso que o locutor faça seu autorretrato, especifique suas qualidades, ou que fale explicitamente de si. O estilo, as competências linguísticas e enciclopédicas e as crenças implícitas são suficientes para construir a representação de uma pessoa. Dessa forma, deliberadamente ou não, o locutor efetiva em seu discurso uma apresentação de si. Charaudeau (2011) corrobora com essa colocação de Amossy, quando este afirma que,

não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dissermos (CHARAUDEAU, 2011, p. 86).

Ou seja, todo ato de linguagem pressupõe, por parte do falante, a criação de uma imagem de si, imagem que não se trata tanto dos ideais ou do conteúdo do pensamento do sujeito, e sim da opinião deste, do que sobressai da relação que o sujeito mantém com ele mesmo e com a percepção dos outros ao seu entorno. É preciso acrescentar que o *ethos* não é totalmente voluntário (grande parte dele não é consciente), tampouco necessariamente coincidente com o que o destinatário irá perceber, visto que este último pode construir um *ethos* do locutor que este não desejou.

Amossy (2011) alega, ainda, que, se para a retórica o dizer é um fazer, ele o é na medida em que agir sobre o auditório, levando-os a aderir a teses capazes de modificar comportamentos. Segundo a autora, “o orador influencia as opiniões que, no momento oportuno, traduzir-se-ão em atos, e é por isso que ele deve produzir em seu discurso uma imagem adequada de sua pessoa” (AMOSSY, idem, p. 142). A construção discursiva de uma imagem de si é passível de atribuir ao orador sua autoridade, ou seja, o poder de influenciar na opinião das pessoas e de modelar suas atitudes.

4.3.2. Construção do *Ethos* nos Aconselhamentos Sentimentais

Charaudeau (2011) discorre acerca dos diversos tipos de construções de *ethé* relacionadas ao desenvolvimento das figuras identitárias do discurso político. Considerando que o discurso político se assemelha ao discurso religioso, por ambos trabalharem com a argumentação e a manutenção de poder, no nível do convencimento das ideias, entre os vários tipos de *ethé*

possíveis, que Charaudeau propõe dividir em duas categorias - os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação -, elencaremos alguns que, mesmo se referindo às figuras identitárias do discurso político, podem ser relacionados ao discurso religioso e à construção da imagem da pastora Sarah Sheeva.

Em relação aos *ethé* de credibilidade, Charaudeau (2011, p. 119) coloca que, de modo geral, “a credibilidade repousa sobre um *poder fazer*, e mostrar-se crível é mostrar ou apresentar a prova de que se tem esse poder”. Ou seja, uma pessoa pode ser considerada digna de crédito se existirem maneiras de verificar que o que ela diz corresponde sempre ao que ela pensa (condição de sinceridade ou de transparência), que ela possui os meios de colocar em prática o que anuncia ou promete (condição de performance), e que o que ela anuncia e aplica é seguido de um efeito (condição de eficácia). Os dois *ethé* de credibilidade que podemos associar à imagem da pastora Sarah Sheeva são o *ethos* de virtude e o *ethos* de competência.

O *ethos* de “virtude” é uma “resposta a expectativas fantasiosas da instância cidadã, na medida em que esta, ao delegar um poder, procura fazer-se representar por um homem ou por uma mulher que seja modelo de retidão e honradez” (CHARAUDEAU, 2011, p. 124). Esse *ethos* exige que o sujeito demonstre sinceridade e fidelidade, às quais se deve acrescentar uma imagem de honestidade pessoal.

De maneira geral, o *ethos* de “virtude” se faz acompanhar por uma atitude de respeito para com o cidadão: o sujeito deve ser transparente, direto, e não deve se valer de embustes. O *ethos* de virtude pode ser relacionado com a imagem de Sarah Sheeva, na medida em que a mesma veicula na mídia a imagem de uma mulher que segue os próprios ensinamentos. Exemplo disso, é que ela proclama em suas entrevistas em programas de televisão e até mesmo nos aconselhamentos, como podemos visualizar abaixo, que já está há 10 anos sem sexo e 9 anos sem beijo na boca, atitudes que ela prega como ideais para as mulheres que a seguem:

(35) Eu tenho 40 anos, sou uma mulher solteira de 40 anos que vive em santidade há muitos anos. Há mais de 10 anos espero em santidade o homem de Deus que o Senhor tem pra mim, me encontrar. (AS 6)

Sarah prega essa abstinência e contenção sexual para as mulheres da igreja baseada em uma visão tradicional, conservadora, na qual a mulher deveria se guardar para o homem até o casamento, mantendo-se pura e virgem. Essa visão conservadora, por sua vez, é baseada na Bíblia, na qual, a exemplo das histórias de Rebeca e Rute, citadas por Sarah Sheeva em seu Aconselhamento Sentimental número 1, as mulheres deveriam se resguardar, se possível até dos olhos de seus futuros maridos, até o dia do casamento, quando então elas passariam a obedecer-lhes como mulheres virtuosas.

Por sua vez, o *ethos* de “competência” exige de quem o detém, ao mesmo tempo, saber e habilidade. O sujeito deve possuir um conhecimento profundo acerca do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos:

(36) Eu percebo nisso uma forma que você tem de justificar pra você mesma e pra mim né, pensando que você vai conseguir me tapear como você se tapeou esse tempo todo. Você pensa que eu vou também cair nessa conversa dele. Ele é muito bom de lábia, esse cara que você namorou e você caiu na lábia dele, você é muito boa pra cair na lábia e ele é muito bom de falar. Eu não tenho essa fraqueza, eu já treino ó, há anos meu amor, canto a musiquinha: palavras não tem valor, atitudes tem valor; não entra no meu ouvido, eu quero ver a atitude. (AS 4)

No exemplo, a pastora demonstra para a mulher que pediu o aconselhamento, e conseqüentemente para todos os internautas que assistirem a este vídeo, que ela possui conhecimento e experiência (*eu já treino ó, há anos meu amor*) acerca do comportamento masculino, o que confere para a pastora, dessa forma, a capacidade de discernir se o que este homem diz é verdadeiro ou não, ou seja, confere-lhe a competência necessária para ajudar sentimentalmente a mulher que pediu o conselho.

Em relação aos *ethé* de identificação, temos que toda construção do *ethos* se faz em uma relação triangular entre o eu, o outro e um terceiro ausente, portador de uma imagem ideal de referência, imagem esta que o *Eu* procura endossar. “É assim com os *ethé* de credibilidade e também com os de identificação, cujas imagens, dessa vez, são extraídas do afeto social: o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade com na do político”. (CHARAUDEAU, 2011, p. 137). Podemos associar cinco *ethé* de identificação à construção da imagem de Sarah Sheeva. São eles, os *ethos* de: “caráter”, “inteligência”, “humanidade”, “chefe” e “solidariedade”.

O *ethos* de “caráter” pode aparecer por meio de diversas figuras, como a da “força protetora de quem guia o rebanho, com a serenidade do pastor que sabe aonde vai” (CHARAUDEAU, 2011, p. 142-143); outra figura, similar a anterior, é a do “controle de si”, que evidencia um caráter equilibrado de quem não se deixa afetar por pequenas coisas, que mantém-se calmo em todas as circunstâncias, sem se entregar a agitações inconsequentes. Sarah Sheeva pode ser relacionada a essa força protetora que guia o rebanho, devido ao grande alcance de suas pregações, tanto físicas quanto virtuais, o que pode ser comprovado, por exemplo, pelo fato de que seus cultos e ministrações possuem instruções⁴¹ que devem ser seguidas pela igreja que a convida para ministrar a palavra, tamanha a procura pelos seus eventos:

⁴¹ Essas instruções podem ser encontradas tanto no site, quanto no blog da pastora. Disponível em: <http://sarahsheeva.wordpress.com/condicoes-para-a-realizacao-do-culto-das-princesas/>. Acesso em: 14/09/2013.

(37) O Culto das Princesas só pode ser realizado em locais fechados (que não sejam ao ar livre), com um mínimo de estrutura para comportar pelo menos 1.500 mulheres sentadas. Ele é uma campanha que precisa ser realizada à portas fechadas, num local onde não vaze o som. Não poderá ser gravado, filmado ou transmitido. [...] O local precisa ter a capacidade para (no mínimo) 1.500 (mil e quinhentas) mulheres, pelo menos mil e quinhentos assentos (cadeiras) devido a grande procura deste trabalho. (Sarah Sheeva Blog Oficial⁴²)

Além disso, no Aconselhamento Sentimental 26/10/11, Sarah Sheeva responde para uma mulher que diz não conseguir esquecer o ex-noivo, por mais que ela tente, e que ainda sonha com a transformação da vida dele e com o casamento que eles teriam:

(38) Meu bem, a escolha é tua se você quer se relacionar com pessoas que têm esse tipo de problema. Você é a pastora dele? Você é a pessoa, o pastor dele? Você é a pessoa que vai tratar essa área da vida dele? Você é a terapeuta dele? Não é, meu amor. Então você precisa se amar mais, pra escolher uma pessoa saudável pra se relacionar com você. Pare de aceitar relacionamentos com pessoas que não querem ser curadas. Isso é um sentimento de auto-destruição que você tem, aceitar um relacionamento que te faz mal, com uma pessoa que não quer ser resolvida, é muito ruim isso pra você. (AS 4)

Nesse aconselhamento, percebemos a figura da força protetora de quem guia o rebanho, pois Sarah aconselha a mulher no sentido de que ela deve procurar se relacionar com pessoas saudáveis, de que ela deve se amar mais. Sarah aconselha essa mulher como uma amiga o faria, acolhendo-a e

⁴² Blog pessoal da pastora Sarah Sheeva. Disponível em: <http://sarahsheeva.wordpress.com/condicoes-para-a-realizacao-do-culto-das-princesas/>. Acesso em 14/09/2013.

confortando-a. Essa figura da força tranquila, da força protetora vem corroborar com a construção do ethos de caráter de Sarah Sheeva.

O *ethos* de inteligência pode despertar a admiração e o respeito dos sujeitos por aqueles que demonstram possuí-lo, fazendo assim com que esses sujeitos venham a aderir às ideias propostas. Segundo Charaudeau (2011), uma das maneiras deste *ethos* se manifestar é através da confirmação, por comportamentos atuais, de um capital cultural herdado da origem social e de uma boa formação. Esse *ethos* pode ser identificado nos Aconselhamentos Sentimentais, quando Sarah Sheeva cita, em algumas passagens, o livro, de sua autoria, *Defraudação Emocional*:

(39) é um comportamento super comum nas mulheres, no livro Defraudação Emocional eu falo sobre isso, tem um capítulo inteiro dedicado a esse assunto, o nome do capítulo é: *O homem procura, a mulher espera*. (AS 1/ parte 1).

(40) Quando há as afinidades há paz, tranquilidade, o relacionamento, leia lá no meu blog, complemento do livro Defraudação Emocional, tem os oito sinais que Deus dá. Você vai entender do que eu estou falando, ok? (AS 4).

(41) Esse pecado eu descrevo ele claramente, com base bíblica no livro, primeiro livro que eu escrevi, chamado “Defraudação Emocional”. O que é defraudar? Gerar expectativas que não podemos suprir. O que é auto defraudação? É quando a expectativa parte de nós [...] (AS 5).

Citando o livro de sua autoria para aconselhar as mulheres que a procuram, Sarah Sheeva demonstra possuir o *ethos* de inteligência, o que acaba por despertar o respeito e a admiração de seus seguidores, levando-os a adotarem as ideias dela.

O *ethos* de “humanidade” refere-se à capacidade do ser humano de demonstrar sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem, confessar suas fraquezas, demonstrar quais são suas preferências. Podemos perceber exemplos do *ethos* de humanidade na seguinte passagem dos aconselhamentos:

(42) [...] eu recebo muitos e-mails pedindo aconselhamento, pedindo uma, uma palavra, uma direção, apesar de eu ser apenas uma pregadora, uma missionária. Eu não sou uma pastora de igreja, mas muitas pessoas me pedem né, conselhos [...] (AS 1/ parte 1)

(43) Talvez essa seja a tua dúvida, essa seja a tua crise, o momento que você tem vivido, então talvez eu possa lhe ajudar. (AS 4)

(44) Deus vai tirar do teu coração esse sentimento, eu creio porque eu já passei por isso algumas vezes na minha vida, eu também já fui auto defraudadora, tá bom? Tem solução, tem jeito. É um treino e você vai conseguir, se Deus quiser, em nome de Jesus, amém? (AS 5)

Nos dois primeiros exemplos, Sarah Sheeva demonstra compaixão com as mulheres que pedem os aconselhamentos ao se dispor a tentar ajudá-las. No terceiro exemplo, podemos perceber o *ethos* de humanidade quando a pastora confessa uma fraqueza: já ter sido, também, uma auto defraudadora, assim como a mulher a quem ela está aconselhando.

O *ethos* de “chefe” é direcionado ao cidadão e se manifesta por meio de diversas figuras - de guia, de soberano e de comandante. Nos deteremos, aqui, a figura de guia, que é a que mais se relaciona com a imagem da pastora Sarah Sheeva. Segundo Charaudeau (2011, p. 54), a figura do *guia supremo* é uma necessidade para a permanência de um grupo social. “É como se, consciente de sua incapacidade de se determinar e de ver qual é o

seu destino, o grupo tivesse necessidade de ressuscitar a existência de um ser superior capaz de guiá-lo em meio aos acasos do tempo, à fortuna da vida e às peripécias do mundo”. Essa figura conhece diversas variantes: o *guia-pastor*, o *guia-profeta*, o *guia-soberano*. Destacamos a variante do *guia-pastor*,

que é aquele que reúne o rebanho, o acompanha e o precede, ilumina seu caminho com uma perseverança tranquila. Ele tem um caminhar pausado e regular, detendo-se apenas em certas etapas previamente determinadas. Transpostos para uma moral humana, esses traços tornam-se, metaforicamente, os de um condutor de homens que sabe se fazer seguir, do sábio que tem uma vida interior e do homem determinado que sabe aonde vai. (CHARAUDEAU, 2011, p. 154)

Com o impulso do movimento feminista na década de 70, as mulheres começaram a ganhar mais liberdade em todos os campos da sociedade, inclusive no sentimental. Contudo, para Sarah Sheeva, essa maior liberdade de ir à busca de parceiros afetivos trouxe não só felicidade emocional, mas também acabou acarretando muitas vezes uma frustração nessas mulheres; e é justamente contra essa frustração que Sarah Sheeva construiu seu discurso religioso, no intuito de ensinar para as mulheres o comportamento ideal para se conseguir um marido. Nesse sentido, podemos considerar que todo o aconselhamento pressupõe que Sarah Sheeva é guia, como podemos constatar na passagem a seguir:

(45) As mulheres têm sofrido. Por quê? Porque não têm aprendido a se olhar, a se valorizar. E aí o que acontece? Os homens vão ficando mal acostumados, o costume do mundo entra dentro da igreja, a mulherada começa a fazer igual as mulheres do mundo, que que acontece, meu bem? Você começa a ser tratada como uma mulher do mundo. Lógico. Princesas se comportam como princesas e aí atraem quem para elas? Os príncipes de Deus. Mas mulheres que se comportam como as mundanas, vão atrair homens

mundanos, com coração mundano, vão ser tratadas sem carinho, sem respeito. (AS 1/ parte 3)

Nessa passagem, Sarah Sheeva explica para suas seguidoras o motivo pelo qual as mulheres da igreja têm sofrido, e ensina que para serem tratadas como princesas, com respeito e carinho, essas mulheres devem aprender a se valorizar. Ou seja, podemos afirmar que a pastora tenta guiar essas mulheres para o que ela acredita ser o caminho da felicidade amorosa.

A partir da enunciação alocutiva, o sujeito falante Sarah se “enuncia em posição de superioridade em relação ao interlocutor, atribuindo a si papéis que impõem ao interlocutor a execução de uma ação (*fazer fazer/ fazer dizer*)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 82). Essa imposição de Sarah Sheeva, sobre as mulheres que pedem os aconselhamentos, estabelece entre elas uma relação de força, como podemos perceber pelo uso das modalidades de injunção e interpelação:

(46) Você acha que isso é compatível com o caráter de Deus? Você acha que o caráter de Deus combina com isso? Você acha que Deus mandaria uma mulher, princesa dele, orar por um homem que nunca olhou na cara dela? Meu bem, isso não combina com o caráter de Deus. Óbvio que foi a tua alma, óbvio que você confundiu a voz das suas emoções, a voz do pensamento da tua alma com a voz de Deus. (AS 1/ parte 2)

(47) Guarda estas palavras, ouça várias vezes, decora, escreve, faça o que você tiver que fazer e ore. Fecha os teus olhos pra quem não olha pra você. Se não serve pra ser amigo, não serve pra ser marido. (AS 1/ parte 3)

Percebemos nos trechos destacados que, através do questionamento, a pastora utiliza uma estratégia argumentativa eficaz, pois se coloca como conselheira (guia), ao mesmo tempo em que impõe um comportamento. No

ato alocutivo pode haver, também, uma simulação de diálogo direto entre os sujeitos, como podemos perceber na passagem:

(48) Você quer um príncipe de Deus, um homem de Deus, um homem consagrado, um homem santo, apaixonado por Jesus, que segue os princípios da Palavra, honesto, um caráter tratado? Sarah, eu quero. Então, meu bem, se comporte como uma princesa, e não se comporte como uma mendiga emocional, que tá aí, pelo amor de Deus olha pra mim. Isso é um absurdo, isso não é o comportamento de uma mulher de Deus. (AS 1/ parte 2)

Nessa passagem, Sarah pergunta para a mulher que pediu o aconselhamento se ela quer um homem honesto e de “caráter tratado”, mas como a situação de comunicação dos vídeos de aconselhamentos são monologais, a pastora mesmo responde o questionamento: “Sarah, eu quero”, o que nos faz identificar, neste fragmento, uma estrutura diferenciada, pois a pastora fala em nome da interlocutora.

Por fim, através do *ethos* de “solidariedade” cria-se a imagem de um sujeito que está atento às necessidades dos outros, que compartilha dessas necessidades e, por isso, se torna responsável por elas. Segundo Charaudeau:

A solidariedade caracteriza-se pela vontade de estar junto, de não se distinguir dos outros membros do grupo e, sobretudo, de unir-se a eles a partir do momento em que se encontrarem ameaçados. Aquele que é solidário não está em uma posição diferente da dos outros; ele partilha as mesmas ideias e os mesmos pontos de vista de seu grupo e vai ao encontro das ideias e dos pontos de vista dos outros grupos. A solidariedade não deve ser confundida com a compaixão. A solidariedade pressupõe um sentimento igualitário e recíproco, já a compaixão pressupõe um sentimento assimétrico entre um indivíduo que sofre e outro que, apesar de não sofrer, está, no entanto,

emocionado pelo sofrimento alheio. (CHARAUDEAU, 2011, p. 163)

Dessa maneira, percebemos que a solidariedade se caracteriza pelo fato de a pessoa se colocar no mesmo nível das outras pessoas e unir-se a estes nos momento em que se encontrarem com dificuldades. Esse *ethos* pode ser identificado na seguinte passagem dos aconselhamentos de Sarah Sheeva:

(49) *O homem procura, a mulher espera.* Este valor foi perdido na humanidade, este valor é um valor hoje totalmente destruído no mundo, mas dentro da igreja nós precisamos restaurar este valor. Dentro da igreja, também o mundo, o costume do mundo tem entrado dentro da igreja, né, o costume mundano, que não é dos princípios da Palavra. Então as mulheres, cada vez mais, tem tido esse comportamento, comportamento de procurar homem, comportamento de tomar a iniciativa, quando ela na verdade deveria esperar o homem tomar a iniciativa. E a primeira iniciativa que muitas mulheres tomam, que é o caso desse e-mail dessa irmã, uma iniciativa terrível, é um problema sério isso, isso é uma grande rebelião, muito sutil, muito disfarçada que as mulheres tem, estou falando especificamente agora para as mulheres da igreja, as mulheres fora da igreja elas não tem nenhum objetivo em seguir nada disso, mas nós, mulheres de Deus, que queremos agradar o coração de Deus, precisamos seguir esse princípio. (AS 1/ parte 1)

Nesse trecho do aconselhamento 1, Sarah, por meio do *ethos* de solidariedade, se mostra preocupada com o comportamento indevido das mulheres da igreja em relação aos relacionamentos amorosos. Dessa forma, ela demonstra estar alerta a essa necessidade de, segundo ela, restaurar o valor de que cabe ao homem a conquista, e à mulher ser conquistada, em outras palavras: o homem procura e a mulher espera, pelo menos dentro da

igreja, já que, segundo ela, as mulheres de fora da igreja não têm interesse em seguir esses ensinamentos.

O *ethos* de credibilidade se constrói na interação entre identidade social e identidade discursiva, entre o que o sujeito quer parecer e o que ele realmente é em seu ser psicológico e social. Esse *ethos* pode ser identificado na pastora a quando ela cita, em seu Aconselhamento 1, a história de duas mulheres da Bíblia (Rute e Rebeca), no intuito de demonstrar que o comportamento destas seria o comportamento ideal de uma mulher da igreja. Sarah Sheeva também tenta provar sua competência e conhecimento da tese que defende - *O homem procura e a mulher espera* -, quando cita, em seu Aconselhamento Sentimental 1, o livro que escreveu:

(50) [...] no livro *Defraudação Emocional* eu falo sobre isso, tem um capítulo inteiro dedicado a esse assunto, o nome do capítulo é: *O homem procura, a mulher espera*. Este valor foi perdido na humanidade, este valor é um valor hoje totalmente destruído no mundo, mas dentro da igreja nós precisamos restaurar este valor. (AS 1/ parte 1)

Nesta passagem do livro, podemos perceber que ela faz assertivas - *esse valor foi perdido na humanidade; este valor é um valor hoje totalmente destruído no mundo* – que irão corroborar com a opinião dela de que é preciso restaurar o valor de que é o homem quem procura e a mulher espera dentro da igreja. Através dessas assertivas tão enfáticas, ela procura atribuir credibilidade aos seus aconselhamentos e pregações, pois, já que é preciso restaurar este valor na igreja, ninguém melhor para ajudar do que alguém que restaurou este valor em sua própria vida.

Dessa forma, Sarah Sheeva não tenta esconder o seu passado, pelo contrário, em suas biografias, no site, blog, e no livro *Defraudação Emocional*, faz questão de ressaltar que atuou por cinco anos no grupo musical “SNZ”, o qual deixou em 2003, para seguir seu chamado

Ministerial. Em suas entrevistas em programas de televisão e nos seus testemunhos, ela afirma ter sido mundana na época do SNZ, inclusive ninfomaníaca; contudo, atualmente ela defende a castidade e a contenção sexual: “Eu era promíscua, não parava com homem. Minha vida era vazia e eu procurava o sexo masculino para preencher esse vazio. Então comecei a orar, ler as escrituras e minha vida tomou outro rumo”, afirmou em uma entrevista ao programa de Marília Gabriela⁴³. Assim, assumindo o seu passado ao invés de escondê-lo, a pastora mostra que a transformação é possível.

Além disso, no decorrer de todos os Aconselhamentos Sentimentais, Sarah Sheeva demonstra um profundo conhecimento sobre a Bíblia. Ao adotar a Bíblia como argumento de autoridade, a pastora acaba por conferir maior credibilidade ao seu discurso, principalmente porque, em determinadas passagens, ela menciona a fonte exata de onde retirou a citação, como podemos perceber em “*Sobre todas as coisas que se deve guardar, guarde o teu coração. O que quer dizer isso? Provérbios 4:23, quando fala pra gente guardar o coração, está falando pra gente guardar os nossos pensamentos, coração na bíblia é alma*”. (AS 2/ parte 1).

Destacamos que a credibilidade deve atender algumas condições, como: sinceridade (dizer a verdade), performance (aplicação do que se promete) e eficácia (possuir meios para realizar o que é prometido). No que concerne à identificação, podemos inferir que essa se relaciona a imagens que o enunciador busca construir para se mostrar próximo do destinatário, participante de sua realidade, e digno de crédito.

A construção da imagem de Sarah Sheeva passa também por uma composição de sua imagem física. Para entender como essa construção ocorre, é interessante recorrer ao trabalho de Maingueneau (2011), que opta por uma concepção “encarnada” do *ethos*. Para o autor, a noção de *ethos* engloba tanto a dimensão verbal, quanto o “conjunto de determinações

⁴³ Entrevista disponível em http://www.youtube.com/watch?v=wH_5BiN2V7U. Acesso em 20/09/2013.

físicas e psíquicas ligados ao ‘fiador’ pelas representações coletivas estereotípicas” (MAINGUENEAU, 2011, p. 19). A noção de fiador para Maingueneau corresponde a uma caracterização do corpo do enunciador construída pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação. Dessa maneira, para o autor, atribui-se ao fiador:

Um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à corporalidade, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. (MAINGUENEAU, 2011, p. 18)

Ou seja, de acordo com Maingueneau, o *ethos* não se constitui apenas na enunciação, mas também na forma de vestir-se e no comportamento. Podemos perceber, através das imagens a seguir, que a imagem/ aparência física de Sarah Sheeva passou por uma grande transformação quando ela deixou o grupo SNZ para se tornar pastora.



Figura 7 – Contraposição da imagem de Sarah Sheeva⁴⁴

⁴⁴ Fonte: <http://primeirojornal.com.br/noticias/noticias/espaco-mulher/3318-famosos-que-viraram->

Na foto, temos uma contraposição da imagem de Sarah Sheeva quando ela fazia parte do grupo SNZ com sua imagem, atualmente, como pastora. Percebemos claramente a mudança radical pela qual ela passou para assumir seu chamado Ministerial. Através desta atitude da pastora, de assumir e ressaltar o seu passado, podemos estabelecer uma possível comparação, mesmo que implícita, com a parábola do Filho Pródigo⁴⁵, em que a narração de Jesus sobre a reação positiva do pai, diante da volta do filho suscita algumas reflexões a respeito dos pecadores, entre elas, que⁴⁶:

- O pecador ou desviado é como o filho mais jovem da parábola, que em busca dos prazeres do pecado, desperdiça os dotes físicos, intelectuais e espirituais que Deus lhe deu. O resultado é desilusão e tristeza e, às vezes, condições pessoais degradantes, e, sempre, a falta da vida verdadeira e real, que somente se encontra no relacionamento correto com Deus.

- Quando o pecador, de coração, volta para Deus, Ele sempre está plenamente disposto a acolhê-lo com perdão, amor, compaixão, graça e os plenos direitos de um filho. A alegria de Deus pela volta dos pecadores é imensurável.

Desse modo, através de sua própria experiência de vida, Sarah Sheeva mostra para as mulheres mundanas que a conversão é possível, e que qualquer uma delas pode ser tornar uma princesa, desde que se arrependa dos seus pecados e que mude o seu comportamento, passando a agir de acordo com o esperado de uma mulher da igreja. Assim, Sarah tenta resgatar as pecadoras do “mundo”, tenta captar esse público para sua crença.

Associando essa noção encarnada do *ethos* de Maingueneau (2011) com o nosso corpus, verificamos que a pastora Sarah Sheeva, além de aparentemente se comportar como uma “princesa do Senhor”,

[evangelicos](#)

⁴⁵ Essa parábola conta a história de um homem que tinha dois filhos. O filho mais novo resolve pedir ao pai sua parte da herança e vai para uma terra distante viver sua vida como achava que deveria viver. Nessa terra distante ele vai gastando cada centavo do seu dinheiro com seus prazeres, até que todo o seu dinheiro acaba e ele vira quase um mendigo. No momento mais crítico ele sente atração até pela lavagem que era dada aos porcos, tamanha era a fome que sentia. Ele, então, se lembra da casa do pai e resolve voltar arrependido. É recebido com muita festa pelo pai e rejeitado pelo seu irmão mais velho.

⁴⁶ Salmos Reflexões. Disponível em <http://www.salmos.reflexoes.nom.br/filhoprodigo.htm>. Acesso em 20/09/2013.

também se veste de forma contida, assemelhando-se a mesma forma em que se vestem as princesas dos contos de fada, ou mesmo as princesas da vida real como Kate [Middleton](#). Podemos perceber essa semelhança nas imagens a seguir:



Figura 8 – Princesas da Disney⁴⁷

A figura mostra três princesas dos contos da Disney: *Branca de Neve*, *Cinderela*, e *Bela* da história *A Bela e a Fera*. Podemos notar que a semelhança entre os vestidos reside principalmente no formato acinturado e no rodado da saia. Além disso, não há decotes muito marcados, são vestidos coloridos, e as princesas ainda usam acessórios nos cabelos. Abaixo temos três fotografias de Kate Middleton, Duquesa de Cambridge, esposa do príncipe William e considerada uma princesa da vida real:

⁴⁷ Fonte: <http://www.imagenswiki.com/disney/imagens-princesas-disney>.



Figura 9 – Kate Middleton⁴⁸

Podemos notar que os vestidos de Kate, assim como os das princesas da Disney também têm a cintura bem marcada, as saias são rodadas e de comprimento mediano; e, assim como as princesas da Disney, Kate também utiliza, frequentemente, acessórios no cabelo, como os chapéus das fotografias acima. Se observarmos as roupas de Sarah Sheeva, veremos que elas são muito semelhantes aos vestidos das princesas da Disney e de Kate Middleton. A pastora, inclusive, postou uma foto em seu *Facebook* (vestido bege com casaco azul da imagem a seguir) com o seguinte comentário⁴⁹: “Como chamar à atenção sem ser sensual? Sem ser cachorrote? (miXtura de cachorra + piriguete). Ah é fácil: SEJA PRINCESA! Paz!”. Esse comentário

⁴⁸

Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=kate+m Middleton&espv=210&es_sm=122&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=uAH7UrmTMYqlkOeG3IDoDA&ved=0CAkQ_AUoAQ&biw=1517&bih=704&dpr=0.9#q=kate+m Middleton+vestidos&tbm=isch

⁴⁹

Disponível

em

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=533776630010668&set=a.170386793016322.50924.167117100009958&type=1&theater>. Acesso em 25/09/13.

de Sarah Sheeva demonstra que, para ela, o modo de se vestir influencia no comportamento da mulher e é, também, uma maneira de separar as mulheres princesas das consideradas “cachorras”.



Figura 10 – Vestuário de Sarah Sheeva

Ainda em sua rede social, Sarah publicou sobre seu modo de se vestir:

(51) Roupas é uma forma de comunicação da alma, e cada uma se expressa de uma forma. Quem (como eu) gosta de ser extravagante, tem a opção de usar coisas que fiquem lindas, sem ser vulgar. Por isso eu sempre posto fotos com ideias para as mulheres que se identificam com isso. Quem não se identifica não é obrigada. Entendeu agora? Um abraço, Paz!⁵⁰

⁵⁰

Disponível em

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=533776630010668&set=a.170386793016322.50924.167117100009958&type=1&relevant_count=1. Acesso em 25/09/13.

Dessa forma, podemos concluir que os *ethé* relacionados com a imagem de Sarah Sheeva são construídos não apenas pelo do que ela diz, através do seu discurso, mas também pelo comportamento que ela deixa transparecer e pelo modo como ela se veste.

Tal fato nos leva a assumir uma visão da vestimenta como signo, tal qual propõe Barthes (1979) em *Sistema da Moda*. Para esse autor, a indumentária deve ser vista como um sistema, cujos elementos são significativos por estarem interligados por um conjunto de normas coletivas. Assim, a forma como um indivíduo se veste, em determinada conjuntura, pode expressar obediências, proibições, mas também transgressões.

Relacionada a essa visão, também temos a noção de distinção de Bourdieu (1983). Para ele, a representação que o sujeito constrói de si e do grupo se traduz a partir do seu estilo de vida (*habitus*) que o identifica com um determinado grupo e, ao mesmo tempo, o distingue dos demais. Esse estilo se manifesta, entre outras escolhas, no consumo de roupas.

Igualmente importante ao *ethos*, na análise do discurso da pastora Sarah Sheeva, temos o *pathos*, que se refere as emoções que a pastora visa provocar em seus ouvintes através do seu discurso. É a análise do *pathos* que nos dedicaremos nas páginas seguintes.

4.4. A dimensão do *Pathos* nos Aconselhamentos Sentimentais

4.4.1. *Pathos*: da Retórica ao Discurso

Abordaremos a questão da patemização/emoção enquanto estratégia de caráter persuasivo. Aristóteles, em sua obra *Retórica das Paixões*, se dispõe a mostrar “que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer”. (ARISTÓTELES, 2000, p. XLI). Para o autor,

as paixões seriam todos aqueles sentimentos que “tanto alteram os homens como afetam seus julgamentos, e que são acompanhadas também pelo prazer e pela dor, tais como a raiva, a compaixão, o medo e semelhantes, bem como seus opostos”. (ARISTÓTELES, 2007, p. 82). Dessa forma, se a argumentação baseia-se no estado emocional do auditório, dizemos que ela funda-se no *pathos*. Uma argumentação fundamentada no *pathos* busca obter a persuasão utilizando o discurso para tentar provocar, no auditório, sentimentos propícios à recepção da tese que se quer transmitir, ou seja, um estado de espírito favorável à aceitação das ideias do orador. A argumentação através do *pathos*, centrada no auditório, deverá fornecer os meios necessários para que o enunciador seja capaz de produzir um discurso que impressione ou empolgue os interlocutores, mobilizando as suas emoções e sentimentos – alegria, tristeza, desejo, orgulho, entre outros.

Para Aristóteles, as paixões não são entendidas como virtudes ou vícios permanentes, mas estão relacionadas com situações transitórias, provocadas pelo orador. Faz-se necessário, então, mesmo que brevemente, descrever as paixões aristotélicas (ARISTÓTELES, 2000):

i) Cólera: é um brado contra a diferença imposta, “injusta” ou como tal sentida. Daí o desejo de vingança. Ela reequilibra a relação proveniente do ultraje, da afronta, do desprezo.

ii) Calma: é a aceitação de uma relação e, com isso, constitui a melhor expressão da indiferença. Ela é a ausência de toda paixão, o contrário absoluto daquilo que arrebatava os homens. É o contrário e talvez o antídoto da cólera.

iii) Amor: é certamente um vínculo de identidade mais ou menos parcial. É o próprio lugar da conjunção, da associação.

iv) Ódio: é puramente dissociador.

v) Temor: é certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente. Tememos aquelas coisas que parecem possuir grande

capacidade de arruinar, ou de causar danos. Até os indícios de tais coisas são temíveis.

vi) Confiança (Segurança): é uma forma de amizade mais remota e também uma evidência de assimetria na relação.

vii) Vergonha: reforça a importância do olhar do outro. É uma reação à imagem que o outro faz de mim. A interiorização do olhar do outro desenvolve uma imagem inferior de mim mesmo.

viii) Impudência: é também uma reação à imagem que o outro faz de mim. Pela impudência assimilo a imagem que o outro forma de mim como nula, indiferente. Afirmando minha superioridade sem atentar para o outro. Consagra a não essencialidade do outro, ou seja, a imagem que ele tem de mim carece de importância.

ix) Favor (obsequiosidade): é uma resposta a outrem. Atende a sua pretensão, ao seu caráter passional; é prestar serviço, descobrir a necessidade alheia, entendendo-se que quem responde dessa maneira não o faz por interesse.

x) Compaixão (piedade): concerne, antes de tudo, àqueles que se julgam de tal maneira acima dos outros que se mostram inconscientes das desventuras, das reviravoltas, em suma, das paixões que podem sobrevir. Tudo o que diz respeito à desventura dos homens, forçosamente não voluntária, excita a piedade.

xi) Indignação: reflete a não-aceitação (moral) do espetáculo das paixões, de sua desordem. Ela decorre da ideia de que “isso não deveria ter acontecido”.

xii) Inveja: ocorre quando se quer tirar do outro o que ele tem.

xiii) Emulação: ocorre quando se quer imitar o outro, seguir o seu modelo.

xiv) Desprezo: tende para a ruptura, não desejando nem a diferença nem a identidade.

Conforme Plantin, apud Amossy (2000, p. 164), três operações discursivas são necessárias para se obter a persuasão completa em uma

enunciação: o discurso deve *ensinar, agradar e tocar*. Segundo Plantin, a razão não é suficiente para desencadear a ação. Sendo assim, surge a dupla atividade *convencer-persuadir*, a primeira ligada às faculdades intelectuais e a segunda, à emoção.

Charaudeau (2007) estuda a emoção sob o ponto de vista discursivo, utilizando os termos “pathos”, “patemização” e “patêmico” para denominá-la, pois segundo o autor, isso permite que ele insira a análise do discurso em uma perspectiva de visada e efeitos, e que ele separe a análise do discurso de outras áreas do saber, como a psicologia (ponto de vista social) e a sociologia (ponto de vista interpretativo e interacionista). Contudo, mesmo com essa separação, a análise do discurso ainda necessita da psicologia e da sociologia, na medida em que “suas análises evidenciam os mecanismos de intencionalidade do sujeito, os da interação social e a maneira como as representações sociais se constituem” (CHARAUDEAU, 2007, p.2), o que denota a capacidade de interdisciplinaridade da emoção.

Nesse contexto, podemos afirmar que as representações patêmicas são sociodiscursivas. Segundo Charaudeau (2007, p. 5), uma representação pode ser considerada patêmica quando ela descreve uma situação “a propósito da qual um julgamento de valor coletivamente partilhado e instituído em norma social envolve um actante que é um ser beneficiário ou vítima e ao qual o sujeito da representação se encontra ligado”. Ainda segundo o autor, as representações podem ser chamadas de sociodiscursivas, quando essas representações levam o sujeito “a tomar partido no que diz respeito aos valores, em oposição aos conhecimentos que lhe são exteriores, não lhe pertencem, vêm até ele e não o envolvem”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 5). Sendo assim, as representações sociodiscursivas podem ser consideradas como “mini narrativas que descrevem seres e cenas da vida, fragmentos narrados do mundo que revelam sempre o ponto de vista de um sujeito” (idem, p. 6). Compartilhamos a opinião de Charaudeau, de que é possível estudar a emoção sob a perspectiva de um estudo languageiro, considerando

essa abordagem através de uma situação de comunicação particular, no caso desta pesquisa, o discurso religioso.

Sobre os efeitos patêmicos do discurso, Charaudeau (2007) sugere tratar a patemização discursivamente como uma categoria de efeito, que por sua vez irá depender das circunstâncias contextuais. Dessa forma, a organização do universo patêmico irá depender da situação social e sociocultural na qual se inscreve a troca comunicativa, o que faz com que um mesmo enunciado possa produzir diferentes efeitos patêmicos que, por sua vez, vão variar de acordo com a cultura. Para Charaudeau (2007, p. 8), o efeito patêmico depende de três tipos de condição:

(i) que o discurso produzido se inscreva num dispositivo comunicativo cujos componentes (sua finalidade e os lugares que são atribuídos antecipadamente aos parceiros da troca) predisponham ao surgimento de efeitos patêmicos;

(ii) que o campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo comunicativo preveja a existência de um universo de patemização e proponha uma certa organização dos tópicos (imaginários sociodiscursivos) susceptíveis de produzir tal efeito;

(iii) que, no espaço de estratégias deixado disponível pelas restrições do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação utilize uma encenação⁵¹ discursiva com finalidade patemizante.

As emoções são, dessa forma, simultaneamente, a origem de um comportamento, na medida em que se manifestam através das disposições de um sujeito, e moderadas pelas normas sociais resultantes das crenças. Assim, podemos obter o efeito patêmico tanto pela utilização de determinadas palavras que podem remeter ao universo emocional, ou seja,

⁵¹ Tradução para a expressão *mise en scène*.

por um discurso direto e explícito, quanto através de enunciados em que essas palavras não são utilizadas, isto é, no qual a seleção lexical pareça neutra deste ponto de vista, constituindo, assim, um discurso indireto e implícito.

Contudo, podemos identificar três problemas nesta obtenção do efeito patêmico: (i) algumas palavras descrevem as emoções, como raiva, medo, entre outras, mas isso não significa que a pessoa esteja realmente sentindo a emoção que elas representam, nem significa que essas palavras vão produzir um efeito patêmico no interlocutor, principalmente quando são empregadas insistentemente pelos meios de comunicação; (ii) a orientação patêmica de uma palavra pode se alterar ou até mesmo se inverter, segundo seu contexto e sua situação de emprego; por fim, (iii) há enunciados que, apesar de não comportarem palavras patemizantes, ainda assim, são suscetíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos conhecimento da situação de comunicação.

Vale lembrar que a Teoria Semiolinguística não possui os meios metodológicos para estudar a emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito. O que a Análise do Discurso Semiolinguística irá estudar é o “processo discursivo pelo qual a emoção pode ser colocada, ou seja, tratar esta como um *efeito visado* (ou *suposto*), sem nunca ter garantia sobre o *efeito produzido*” (CHARAUDEAU, 2007, p. 7). Sendo assim, não vamos considerar, em nossa análise, os efeitos provocados, as reações dos internautas que têm acesso aos aconselhamentos de Sarah Sheeva; identificamos e analisamos apenas os efeitos possíveis, os efeitos visados pelo discurso da pastora. Dessa forma, a TS se detém ao plano do *Eu enunciator* e do *Tu destinatário*, não do *Tu interpretante*.

Por conseguinte, percebemos que a construção discursiva do sentido como construção de efeitos intencionais visados depende das inferências que podem produzir os parceiros do ato de comunicação, e essas inferências, por sua vez, dependem do conhecimento que os parceiros possam ter da

situação de comunicação. Segundo Charaudeau (2007, p. 8), há uma dupla enunciação de efeito patêmico:

(i) uma enunciação da expressão patêmica, que pode ser ao mesmo tempo elocutiva e alocutiva, e que visa produzir um efeito de patemização, seja pela descrição ou manifestação do estado emocional no qual o locutor se encontra, seja pela descrição do estado emocional no qual o outro deveria se encontrar;

(ii) uma enunciação da descrição patêmica, enunciação que propõe ao destinatário a narrativa (ou um fragmento) de uma cena dramatizante suscetível de produzir um tal efeito. Nesse caso, o efeito patêmico é construído por uma construção identitária entre os interlocutores, ou seja, depende do elo que se supõe unir o destinatário à situação descrita e aos protagonistas.

A questão do efeito patêmico deve, então, ser abordada segundo a situação de comunicação, os universos de saber partilhado e a estratégia comunicativa. Dessa forma, poderão ser tratadas a diversidade dos efeitos de um mesmo ato de enunciação e suas especificidades culturais, visto que a organização do universo patêmico depende da situação social e sociocultural na qual se inscreve a troca comunicativa.

Assim sendo, emoções podem estar ligadas a conhecimentos de ordem racional, mas podem também não ter explicações plausíveis, racionais. A emoção se instaura sobre crenças e resulta da atividade inferencial que um sujeito está prestes a desenvolver. Ou seja, os efeitos patêmicos são o que o *EU* quer transmitir em termos de emoção através do seu texto.

4.4.2. A patemização na fala de Sarah Sheeva

Pensando nos elementos patêmicos presentes nos Aconselhamentos Sentimentais, percebemos que a argumentação de Sarah Sheeva é construída não só a partir de uma lógica, mas também pautada no emocional. Os textos que utilizam a primeira pessoa, na modalidade elocutiva, geralmente levantam elementos de ordem patêmica, e a pastora constrói seu aconselhamento dessa forma, utilizando o pronome eu (*eu penso que encalhado não é o solteiro*); o possessivo meu (*O meu conceito de encalhado*), e a expressão para mim (*Pra mim, no meu conceito*).

A primeira condição para o surgimento de efeitos patêmicos, de acordo com Charaudeau (2007), é que o discurso produzido se inscreva num dispositivo comunicativo cujos componentes (sua finalidade e os lugares que são atribuídos antecipadamente aos parceiros da troca) predisponham ao surgimento de efeitos patêmicos. O gênero situacional Aconselhamento Sentimental envolve preceitos de ordem não só religiosa, mas também moral, e sua finalidade é aconselhar as mulheres a respeito de como elas devem se comportar em um relacionamento amoroso, dentro dos preceitos da moral e da religião.

Dessa forma, percebemos que a própria temática dos Aconselhamentos Sentimentais já é suscetível de provocar um efeito patêmico, principalmente porque a pastora ressalta diversas vezes o seu estado de espírito em relação ao que está aconselhando. Na situação de comunicação dos aconselhamentos, a pastora Sara Sheeva (Eu-comunicante), assume a postura de um enunciador que não se “esconde” ou se apaga por detrás do aconselhamento, mas que, pelo contrário, através das marcas formais como o uso de 1ª pessoa e também da modalidade alocutiva (“meu bem”; “minha querida”), faz questão de se mostrar como amiga, confidente, alguém íntima do *TUc*, que conhece seus problemas, desejos e anseios a fundo, e tem as respostas que ele procura. O sujeito questionante, por sua vez, assume, no circuito interno, a imagem de uma mulher que está

em busca de algo, na maioria dos aconselhamentos, a realização no relacionamento amoroso. É um sujeito cheio de expectativas, e que conta com a ajuda de Sarah Sheeva para concretizá-las.

A segunda condição para o surgimento de efeitos patêmicos é que o campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo comunicativo preveja a existência de um universo de patemização e proponha uma certa organização dos tópicos (imaginários sociodiscursivos) susceptíveis de produzir tal efeito. Ora, o campo temático em que estão inseridos os aconselhamentos é o religioso, campo este altamente emocional; além disso, o próprio título das postagens de Sarah Sheeva – *Aconselhamento Sentimental* –, já antecipa que os conselhos da pastora são da ordem do sentimental, dos relacionamentos interpessoais dos sujeitos. A pastora aconselha pessoas fragilizadas emocionalmente sobre temáticas altamente patemizantes, como traições, relacionamentos amorosos, ciúmes e brigas de casais. Dessa forma, o Aconselhamento Sentimental privilegia a exploração do efeito patêmico como forma de seduzir os fiéis, provocando neles uma adesão às ideias que serão apresentadas na fala da pastora.

Por fim, a terceira condição para a existência do efeito patêmico é (iii) que, no espaço de estratégias deixado disponível pelas restrições do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação utilize uma encenação discursiva com finalidade patemizante, o que propicia, através da utilização de várias estratégias no espaço da encenação discursiva, o surgimento de efeitos patêmicos. Encontramos nos aconselhamentos uma seleção lexical que remete ao campo da emoção. As palavras e expressões que compõem esse campo podem ser divididas em dois grupos opostos: um com termos de sentido positivo, como: *princesa, querida, meu bem*; e outro grupo com palavras e expressões de sentido negativo, tais como: *mendiga emocional, cachorras, espírito de burrice, mulheres mundanas*. Essa oposição

representa os dois pólos opostos nos quais podemos inserir, respectivamente, as mulheres da igreja⁵², e as mulheres do mundo.

As duas palavras mais utilizadas de sentido negativo e positivo são, respectivamente, *cachorras* e *princesas*. A primeira com 26 e a segunda com 43 ocorrências nos 6 aconselhamentos analisados. Podemos perceber que, com a utilização da palavra *cachorra*, Sarah Sheeva traz para o aconselhamento o conceito negativo já disseminado no senso comum da cultura brasileira, de uma mulher que se afasta dos valores cristãos de fidelidade, lealdade, castidade e comportamento contido. Já com a palavra *princesa*, a pastora evoca para o aconselhamento o sentido dos relacionamentos dos contos de fadas, nos quais a princesa traz em si os valores de bondade, beleza, castidade, fidelidade, e têm sempre um final feliz. Com a utilização dessas palavras, Sarah Sheeva pode evocar nas mulheres que pediram o aconselhamento e nos internautas que o assistem, a constatação de que só depende delas/deles ter um relacionamento de uma princesa ou o relacionamento de uma cachorra. Esse efeito é obtido através de vários recursos como a seleção lexical, a temática abordada, o tom injuntivo da enunciação e, principalmente, a expressão do estado emocional da pastora, com o objetivo de provocar no interlocutor o sentimento de identificação. Assim, Sarah Sheeva visa emocionar os destinatários, para provocar neles uma mudança efetiva ou a predisposição à mudança necessária.

Além disso, a pastora, através da seleção lexical de expressões como *meu bem*, *amada*, *minha querida*, da escolha do pronome *nós* e da expressão *a gente*, se coloca em grau de proximidade com a internauta, o que estabelece em seu discurso um processo de inclusão, através do qual a pastora se coloca no mesmo patamar das mulheres que pediram os aconselhamentos e das internautas. Isso provoca nas ouvintes do aconselhamento uma identificação, ou seja, as internautas não estão mais

⁵² Termo que Sarah Sheeva utiliza nos aconselhamentos para diferenciar as mulheres que seguem os ensinamentos da igreja das que não seguem.

sozinhas, fazem parte de um grupo, pois Sarah Sheeva e as outras mulheres compartilham dos problemas sentimentais que elas vivem:

(52) Eu sei que é difícil, eu sei que desde que a gente é adolescente, nós somos bombardeadas com esses costumes [...]. Isso é um vício feminino, nós temos que rejeitar esse vício, tá errado, tá errado, não é saudável, não é certo a gente criar uma paixão platônica, uma fantasia com uma pessoa que não existe, que nunca olhou na nossa cara, é ignorância, é burrice. (AS 1/ parte 1)

Complementando o exposto, Charaudeau (2007, p. 14) ressalta que uma condição para que haja efeito de patemização é

o contato (ou sua ilusão) que o telespectador pode ter com a intimidade do outro (quer ela seja dolorosa ou feliz), de modo que esta possa fazer eco à sua, ou até mesmo entrar em sintonia com a sua e encontrar ali ‘a verdade do vivenciado’ (ou pelo menos sua representação).

Percebemos que o aconselhamento é configurado de forma que os internautas possam ter a ilusão de proximidade com o problema da mulher que pede o aconselhamento, e Sarah Sheeva, através do *ethos de humanidade*, também estabelece essa proximidade, demonstrando compaixão com os que sofrem ao mesmo tempo em que se coloca em posição de humildade, como podemos perceber nas passagens a seguir:

(53) [...] eu recebo muitos e-mails pedindo aconselhamento, pedindo uma, uma palavra, uma direção, apesar de eu ser apenas uma pregadora, uma

missionária. Eu não sou uma pastora de igreja, mas muitas pessoas me pedem né, conselhos [...] (AS 1/ parte 1)

(54) Talvez essa seja a tua dúvida, essa seja a tua crise, o momento que você tem vivido, então talvez eu possa lhe ajudar. (AS 4)

(55) Deus vai tirar do teu coração esse sentimento, eu creio porque eu já passei por isso algumas vezes na minha vida, eu também já fui auto defraudadora, tá bom? Tem solução, tem jeito. É um treino e você vai conseguir, se Deus quiser, em nome de Jesus, amém? (AS 5)

Nos exemplos (53) e (54), Sarah Sheeva demonstra compaixão com as mulheres que pedem os aconselhamentos ao se dispor a tentar ajudá-las. Como vimos, a compaixão é uma das paixões descritas por Aristóteles (2000, p. 53), a qual, segundo ele, demonstra “certo pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso e atinge quem não o merece, mal que poderia esperar sofrer a própria pessoa ou um de seus parentes”. Sarah Sheeva aconselha as mulheres, objetivando que o seu conselho possa ajudar outras pessoas que estejam enfrentando o mesmo problema.

No exemplo (55), podemos perceber o sentimento de compaixão quando esta confessa uma fraqueza - já ter sido, também, uma auto defraudadora (pessoa que cria expectativas amorosas sobre alguém, que não podem ser supridas) assim como a mulher a quem está aconselhando -, ou seja, a pastora configura o aconselhamento de forma a deixar transparecer nos seus comentários a expressão do seu estado emocional como enunciativa. Além disso, podemos perceber, também, no exemplo anterior, enunciados altamente patemizantes - *Deus vai tirar do teu coração esse sentimento; talvez essa seja a tua dúvida, essa seja a tua crise; você vai conseguir, se Deus quiser* -, que fazem com que o espectador do

aconselhamento se identifique ou se solidarize com o problema do sujeito que pediu o conselho.

No Aconselhamento Sentimental 2, essa relação de proximidade também ocorre. Sarah Sheeva começa o aconselhamento direcionando-o para os internautas, em um comportamento alocutivo: “Bom queridos, ai ai, é dose”. Na sequência, a pastora mescla o direcionamento, ora falando com os internautas (destaque em negrito), ora com a mulher que pediu o aconselhamento (destaque em itálico), como podemos perceber na passagem:

(56) Ela começa o e-mail dela, dizendo que em outubro do ano passado ela começou a orar com esse rapaz, ela já tinha contato com esse rapaz pela internet, e já sabia algumas coisas da vida dele, como por exemplo, que ele ainda tinha mágoa, muito rancor da ex dele. Óbvio. Ela percebeu que ele sentia alguma coisa pela ex. Por que, gente? Porque uma pessoa que fala muito mal do ex, ou da ex, tá mostrando que não perdoou, tá mostrando que aquilo ainda dói, e se ainda dói, a ferida não tá curada. É óbvio, né? Aquilo ainda tá vivo dentro da pessoa. Aí ela continua o e-mail dizendo: "mas eu acreditei que ao me pedir para orar, estava tudo resolvido no seu coração". No coração do cara. *Primeira coisa que você errou aí minha linda, esse primeiro, teu primeiro grave erro, você saiu acreditando em qualquer coisa. Você saiu acreditando. Não é assim! Não se acredita, em qualquer coisa, assim, que o cara fala. Não é assim, meu bem! Sabe? Ele pediu pra orar com você? Tudo bem, não se feche, mas guarde o teu coração.*(AS 2/ parte 1)

Podemos perceber que Sarah Sheeva se coloca em posição de proximidade, tanto com a mulher a quem está aconselhando, quanto com os internautas, por meio de uma linguagem direta e coloquial. Através dessa

relação de proximidade, Sarah assume a imagem de que está atenta às necessidades dos fiéis e de que compartilha dessas necessidades. Em alguns aconselhamentos, ela adota sua história de vida como parâmetro para dar credibilidade ao próprio dizer, como vemos nesta passagem:

(57) vamos falar uma coisa que irrita terrivelmente as mulheres solteiras, eu estou entre essas mulheres que se irritam, ok? Eu tenho 40 anos, sou uma mulher solteira de 40 anos que vive em santidade há muitos anos. Há mais de 10 anos espero em santidade o homem de Deus que o Senhor tem pra mim, me encontrar. Preste muita atenção nisso. Uma das coisas mais terríveis, eu posso falar como mulher solteira também, posso até dar o meu testemunho aqui, uma das coisas mais irritantes para as mulheres solteiras são homens que fazem elas perderem seu tempo. (AS 6)

No excerto, Sarah Sheeva deixa transparecer o que está sentindo, expressando assim uma emoção e materializando o ethos de humanidade. Charaudeau (2007, p. 7) caracteriza essa situação como uma dupla enunciação do efeito patêmico:

enunciação ao mesmo tempo elocutiva e alocutiva que visa produzir um efeito de patemização quer pela descrição ou pela manifestação do estado emocional no qual o locutor se encontra (“tenho medo”, “me emociono”, o corpo que treme, imagem de pânico no rosto), seja pela descrição do estado no qual o outro deveria se encontrar (“não tenha medo!”, “tenha compaixão!”, “tenha piedade!”)

Retomando o fragmento do aconselhamento que destacamos anteriormente, percebemos que é exatamente isso que Sarah Sheeva faz, ao

inserir as próprias emoções no Aconselhamento Sentimental, nas passagens: “Eu tenho 40 anos, sou uma mulher solteira de 40 anos que vive em santidade há muitos anos. Há mais de 10 anos espero em santidade o homem de Deus que o Senhor tem pra mim, me encontrar”, e “eu posso falar como mulher solteira também, posso até dar o meu testemunho aqui”.

No trecho “*Não é possível gente, como é que pode uma pessoa achar que Deus nunca iria deixar [a pessoa se iludir], vamos entender que Deus faz o impossível, mas cabe a nós fazer o possível*”, a pastora deixa transparecer sua indignação perante o comportamento da mulher que pediu o aconselhamento, visando despertar no internauta o mesmo sentimento. A indignação é definida por Aristóteles (2000, p. 59) como um “sentimento de pesar pelos infortúnios imerecidos e [...] pelos sucessos imerecidos. Ambos os sentimentos decorrem de um caráter honesto”. Dessa forma, o internauta é mobilizado, em função de seus valores e crenças, a estabelecer uma opinião favorável ou não a respeito da mulher que pediu o aconselhamento, baseado nas emoções que Sarah Sheeva manifesta e intenta provocar em seus espectadores (indignação, pena, compaixão, revolta).

A pastora faz uso, também, do marcador conversacional “né”, o qual busca envolver o ouvinte, chamando sua atenção e permitindo que o enunciador prossiga sua argumentação, pressupondo uma aceitação por parte do outro. O uso desse marcador faz com que o discurso da pastora tenha um tom de diálogo, o que facilita a interação com o espectador do aconselhamento:

(58) Dentro da igreja, também o mundo, o costume do mundo tem entrado dentro da igreja , né, o costume mundano, que não é dos princípios da Palavra. (AS 1/ parte 1)

(59) Meu bem, se você estava com ele, na internet, orando há três meses, eu não sei se você estava conhecendo ele há três meses, né, e totalizando desde a hora que vocês se conheceram pela internet até se

encontrarem pela primeira vez são três meses, ou se você já conhecia ele antes e estavam há três meses orando, né? Primeiro, que oração é essa? (AS 2/ parte 1)

Outra emoção visada por Sarah Sheeva, em algumas passagens, é o temor. Consoante Aristóteles, para que os espectadores sintam temor, é necessário colocá-los nessa disposição de espírito, afirmando-lhes que podem “sofrer algum mal, pois outros mais fortes que eles sofreram; e mostrar-lhes que pessoas como eles sofrem ou sofreram, por parte de quem não imaginavam, essas provações e em circunstâncias que não esperavam” (ARISTÓTELES, 2000, p. 35). A pastora busca despertar essa emoção nas mulheres, quando “profetiza” o que irá acontecer com elas caso elas não se comportem sentimentalmente como princesas do senhor:

(60) As mulheres têm sofrido. Por quê? Porque não têm aprendido a se olhar, se valorizar. E aí o que acontece? Os homens vão ficando mal acostumados, o costume do mundo entra dentro da igreja, a mulherada começa a fazer igual as mulheres do mundo, que que acontece, meu bem? Você começa a ser tratada como uma mulher do mundo. Lógico. Princesas se comportam como princesas e aí atraem quem pra elas? Os príncipes de Deus. Mas mulheres que se comportam como as mundanas, vão atrair homens mundanos, com coração mundano, vão ser tratadas sem carinho, sem respeito. (AS 1/ parte 3)

Neste trecho, percebemos que Sarah Sheeva é enfática ao afirmar que, se as mulheres da igreja se comportarem como as mulheres mundanas, elas serão tratadas sem carinho e sem respeito, e isso pode fazer com que as ouvintes do aconselhamento sintam medo de que isso aconteça com elas. Na passagem final do trecho destacado – *vão atrair homens mundanos, com*

coração mundano, vão ser tratadas sem carinho, sem respeito -, percebemos que, através da utilização do verbo *vão*, Sarah Sheeva faz uma afirmativa que se configura como uma generalização, já que nem todas as mulheres que não seguem uma religião são tratadas sem carinho e sem respeito, assim como não são todas as mulheres da igreja que têm esse respeito e cuidado por parte de seus parceiros. Percebemos nesse trecho um tom de ameaça por parte da pastora, o que acaba por configurar o discurso como autoritário.

Sarah Sheeva aproveita o espaço dos aconselhamentos para divulgar seu livro *Defraudação Emocional*. Em diversas passagens, ela explica sobre a defraudação para as mulheres, que seria, como vimos, um costume de gerar expectativas amorosas que não podem ser supridas. No Aconselhamento Sentimental 5, uma menina escreve para Sarah Sheeva contando que está apaixonada por um rapaz que toca violão no altar da igreja e que ela fica olhando enamorada para ele durante o culto. Sarah Sheeva, então, explica para ela sobre a defraudação, e diz que *“as mulheres têm muito maior esse costume por serem sonhadoras. Isso é um pecado. Isso não é algo [...] que acontece naturalmente, não. Isso é um pecado. Isso é uma coisa ruim, do mal”*. Nessa passagem, o efeito patêmico, materializado pelas palavras “pecado”, “ruim”, “mal”, insere no discurso o sentido de que a menina, ao olhar enamorada para o rapaz quando ele está tocando no altar, está fazendo algo muito errado, e que se ela continuar com esse comportamento estará desagradando Deus, pois Deus não quer que sejamos pecadores.

A utilização dessas palavras pode suscitar na menina sentimentos de culpa e de vergonha, pois, segundo Sarah Sheeva, ela está tendo um comportamento contrário à vontade do Senhor. Para Aristóteles (2000, p. 39), a vergonha seria “certa tristeza ou perturbação com respeito aos vícios presentes, passados ou futuros, que parecem levar à desonra”. É provavelmente esse sentimento que Sarah Sheeva tenta suscitar na menina que pediu o conselho, já que, como veremos no trecho a seguir, em que a

pastora faz uma comparação entre o comportamento de uma princesa e de uma mulher viciada em relacionamentos, a pastora chega até mesmo a utilizar a palavra “vício” para descrever o comportamento da menina. Dessa maneira, essa construção pode provocar nos internautas tanto efeitos positivos, de concordância com a opinião da pastora, quanto efeitos negativos, de indignação com o modo “radical” com que a pastora trata a questão.

Como explicitado acima, no aconselhamento 5, Sarah Sheeva faz uma comparação entre o comportamento adequado de uma “princesa” e o comportamento de uma mulher “viciada em relacionamentos”:

(61) Porque uma mulher quando é princesa, ela não fica procurando o homem pra gostar. Essa é uma característica de princesa. Princesa espera o homem procurar. Princesa espera o cara tirar ela pra dançar. É uma forma de expressar, né? Espera pra ver se ela vai realmente se interessar por ele. Mas já as mulheres viciadas em relacionamento, eu já fui uma dessas, elas são acostumadas a ter sempre alguém pra ocupar a história do coração delas, pra ocupar a vaga emocional, ocupar a mente, ocupar a história, e querem sempre alguém pra estar gostando. É um vício feminino. Isso é uma rebelião. (AS 5)

Nesse trecho, através do argumento de comparação, Sarah Sheeva estabelece um paralelo entre o comportamento esperado de uma princesa – positivo -, e o comportamento de uma mulher viciada em relacionamentos - negativo -, o que é potencializado pelo efeito patêmico das palavras “vício” e “rebelião”. Ao utilizar a palavra vício, a pastora evoca, para o campo sentimental, o universo das drogas, podendo despertar sentimentos/ideias de culpa-pecado; da mesma forma, a palavra rebelião carrega consigo uma carga negativa, pois significa que alguém está indo contra a norma vigente, que, neste caso, seria “*o homem procura e a mulher espera*”, tese defendida

pela pastora em todos os aconselhamentos. Ou seja, se a mulher elege alguém para gostar, e ocupa o seu coração com essa pessoa, segundo a pastora, ela está indo contra o princípio básico de que ela deve esperar até que o homem a encontre. Percebemos que a seleção lexical de Sarah Sheeva, nos aconselhamentos, está relacionada também a um procedimento discursivo que compõe o *logos* - o argumento por definição -, visto que a escolha feita pela pastora, entre as várias possibilidades de sentido, também propicia elementos argumentativos que corroboram com a tese defendida por ela.

Sarah Sheeva pauta a maioria de seus argumentos na Bíblia Sagrada, o que denota um recurso patêmico muito eficaz, pois presume-se que o fiel adote os mesmos preceitos de sua religião. Nos 6 aconselhamentos analisados, encontramos 11 ocorrências da palavra *Bíblia* e 27 ocorrências de *Igreja*. Sendo assim, ao adotar a Bíblia como modelo de comportamento, se a pessoa se considerar um verdadeiro cristão, ela estará automaticamente atrelada aos dogmas vigentes. Ou seja, se a pessoa foge a esse comportamento, será considerada uma pecadora, o que desperta, mais uma vez, o sentimento de temor no sujeito. Sarah Sheeva utiliza esses sentimentos para propagar suas opiniões e levar o interlocutor a aderir a elas: “*Você está muito errada, comece se arrependendo desse pecado, primeira coisa*”.

Ao final dos aconselhamentos, encontramos enunciações de caráter injuntivo, como “*Guarda estas palavras, ouça várias vezes, decora, escreve, faça o que você tiver que fazer e ore. Fecha os teus olhos pra quem não olha pra você.*” e “*Peça perdão a Deus, vá até ele, peça perdão a ele, porque você deu um mau exemplo de cristã pra ele*”. Essas enunciações demonstram a emoção do “amor” por parte de Sarah Sheeva, pois a pastora se coloca na posição de um amigo. Sobre a emoção do amor, ou a amizade, Aristóteles (2000, p. 23) explicita que “é nosso amigo aquele que se regozija com nossos bens e sofre com nossas tristezas sem outra razão que o nosso interesse”. Sarah se posiciona dessa forma no discurso visando

provocar, nos ouvintes do aconselhamento e na mulher que o pediu, uma reação, um comportamento de entrega total a Deus, através dos ensinamentos da pastora, entrega esta acompanhada do arrependimento pelos pecados cometidos por quem pediu o conselho.

Constatamos, então, que Sarah Sheeva, através da socialização das histórias e dos problemas sentimentais de sujeitos anônimos, provoca uma espécie de identificação por parte dos espectadores dos aconselhamentos. Verificamos, também, que a pastora utiliza o recurso à emoção como uma pertinente estratégia para captação de fiéis. Por sua vez, essa captação dos fiéis, através da emoção, pode se sustentar nos valores e crenças partilhadas pelos sujeitos que compartilham dos mesmos dogmas pregados por Sarah Sheeva, como a fidelidade, virgindade, santidade, pureza. Sendo assim, o que a pastora tenta fazer é articular a razão e a emoção com a finalidade principal dos aconselhamentos, que seria manter os sujeitos que já a seguem e captar os fiéis que ainda não compartilham dos seus preceitos.

Através da Argumentação (*ethos, logos, pathos*), percebemos a construção de um certo imaginário sobre a mulher. É justamente essa descrição que irá nos permitir, no capítulo a seguir, abordar e interpretar a construção dos imaginários sociodiscursivos acerca da mulher nos Aconselhamentos Sentimentais.

CAPÍTULO 5

Os Imaginários Sociodiscursivos acerca da mulher nos Aconselhamentos da pastora Sarah Sheeva.

5.1. Imaginários: saberes de crença e de conhecimento

Charaudeau (2011) considera que os imaginários são decorrentes da intersubjetividade das relações humanas, das representações sociais, e que por meio deles, constrói-se a significação dos objetos no mundo, dos fenômenos que são produzidos, dos seres humanos e dos seus comportamentos. Podemos dizer, dessa maneira, que é através dos imaginários, originados e difundidos pelos discursos que circulam na sociedade, que os sujeitos conferem significação ao mundo que lhes é apresentado. Charaudeau usa a expressão “imaginários” porque estes se ancoram em saberes que, “enquanto representações sociais, constroem o real como universo de significação, segundo o princípio da coerência” (CHARAUDEAU, 2011, p. 203). Tendo em vista que os imaginários são identificados por “enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis” (idem, 2011, p. 203), são “imaginários discursivos”. Por fim, considerando que estes imaginários circulam “no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros” (ibidem, p. 203), Charaudeau prefere denominá-los “imaginários sociodiscursivos”.

Os imaginários ancoram-se em dois tipos de saberes – os de conhecimento, e os de crença. Para discorremos acerca da construção dos imaginários sociodiscursivos sobre a mulher, decorrentes do discurso de doutrinação religioso da pastora Sarah Sheeva, faz-se necessário, primeiramente, realizar uma reflexão sobre estes *saberes*.

De acordo com Charaudeau (2011, p. 191), o homem constrói seu *saber* “sob a dependência da realidade, pois não pode pensar a si próprio

senão mediante as representações que ele se dá”. Dessa forma, Charaudeau entende por *saber* as representações socioculturais que determinado grupo tem sobre o mundo – o espaço, o tempo, os indivíduos, os comportamentos e valores. O autor formula a hipótese de que as representações consistem em “*maneiras de ver* (discriminar e classificar) e de *julgar* (atribuir um valor) o mundo, mediante *discursos* que engendram *saberes*” (ibidem, p.197). Os *saberes* são, assim, responsáveis por elaborar sistemas de pensamento, “misturas de conhecimento, de julgamento e de afeto” (ibidem, p. 197). Dessa forma, para Charaudeau, os *saberes* não podem ser considerados categorias abstratas da mente, mas sim *maneiras de dizer* que são configuradas pela linguagem e dependentes da mesma e que, simultaneamente, corroboram na construção dos sistemas de pensamento. Esses *saberes*, que podem ser divididos em *saberes de conhecimento* e *saberes de crença*, serão identificados, na sequência, nos Aconselhamentos Sentimentais da pastora Sarah Sheeva.

Os *saberes de conhecimento*, segundo Charaudeau (2011), são pautados na verificação e tomados como verdades objetivas. Já os *saberes de crença* são configurados por julgamentos subjetivos sobre os fatos do mundo. Os *saberes de conhecimento* visam, portanto, estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo, independente da subjetividade do sujeito. Esses saberes abarcam o *saber científico*, que é comprovado, demonstrado; e o *saber de experiência*, que se orienta pela experimentação.

Por sua vez, os *saberes de crença* visam sustentar um julgamento sobre o mundo, pautado em apreciações, avaliações e valorizações dos sujeitos que lhes atribuímos, e não ao conhecimento sobre o mundo. Dessa forma, incluem o *saber de revelação* – que se refere ao movimento de adesão do sujeito a uma verdade; e o *saber de opinião* – referente aos posicionamentos do sujeito com relação aos fatos do mundo. De acordo com Charaudeau (2011), é a partir dos *saberes de crença e conhecimento*, que os imaginários sociodiscursivos são construídos, com o papel de criar valores e justificar as ações dos sujeitos e dos grupos sociais. Tentaremos, a partir de

agora, identificar em quais saberes Sarah Sheeva apoia seus argumentos, e quais imaginários sociodiscursivos são construídos a partir do seu discurso.

5.2. A mulher nos Aconselhamentos Sentimentais

O discurso de Sarah Sheeva versa sobre relacionamentos amorosos e, conseqüentemente, acaba por abordar a questão da sexualidade. A pastora prega a contenção sexual total antes do casamento. Na sociedade contemporânea, a sexualidade experimenta novos olhares e valores, resultantes de significativas mudanças sociais, culturais, tecnológicas, econômicas e religiosas. Contudo, apesar dos avanços em relação à igualdade de direitos entre homens e mulheres, em muitas culturas, o regime machista e autoritário, que se sustenta através da tradição e da religião de cada sociedade, sujeita a mulher a humilhações, violência e/ou submissão. De acordo com Loyola (1998, p. 13), “repensar as relações entre os sexos, a sexualidade e a reprodução biológica e social é repensar as relações de dominação de um sexo sobre o outro e toda a estrutura de relações sociais montadas a partir dessa relação”. Sarah Sheeva, apoiando-se no Catolicismo, também propaga a submissão da mulher, como podemos perceber na passagem:

(62) Dentro da igreja, também o mundo, o costume do mundo tem entrado dentro da igreja, né, o costume mundano, que não é dos princípios da Palavra. Então as mulheres, cada vez mais, tem tido esse comportamento, comportamento de procurar homem, comportamento de tomar a iniciativa, quando ela na verdade deveria esperar o homem tomar a iniciativa.
(AS 1/ parte 1)

No trecho destacado, percebemos o imaginário de mulher submissa, tão difundido em nossa sociedade, mesmo que atualmente seja mais velado que nas últimas décadas. De acordo com a pastora, as mulheres não deveriam tomar a iniciativa em um relacionamento amoroso, e sim esperar, em santidade, que o homem as encontre. Esse tipo de discurso, vindo de uma figura pública como Sarah Sheeva contribui para o atraso de anos de conquistas das mulheres. Além do imaginário da submissão, encontramos no discurso da pastora o imaginário de superioridade do homem em relação à mulher, no que se refere aos relacionamentos amorosos:

(63) A defraudação, auto defraudação, ela é gerada por nós, por você mesma. A pessoa cria uma fantasia com alguém que nunca olhou na cara dela. É muito comum nas mulheres, os homens já não tem esse costume. As mulheres têm muito maior esse costume por serem muito sonhadoras. Isso é um pecado. Isso não é algo, vamos dizer, que acontece naturalmente, não. Isso é um pecado. Isso é uma coisa ruim, do mal. (AS 5)

Percebemos através do excerto que, para construir a tese de que o *homem procura e a mulher espera*, Sarah Sheeva pressupõe uma posição de inferioridade da mulher perante o homem, dando a entender que esta não consegue controlar seus sentimentos, por ser muito sonhadora, característica que a pastora descreve como algo ruim, como um pecado. A construção do discurso é feita de modo a enaltecer as características positivas do homem em detrimento das características negativas da mulher:

(64) O homem é mais pé atrás e deve ser, porque emocionalmente o homem, ele é forte pra fase da conquista, ele é frio pra fase da conquista, ele consegue na fase da conquista ser mais racional, mas a mulher não, a mulher na fase da conquista já está sonhando. (AS 1/ parte 1)

Além de serem considerados, pela pastora, como racionalmente superiores que as mulheres, os homens ainda são retratados como intelectualmente mais espertos:

(65) [...] eles [os homens] não dizem isso para as mulheres, porque eles não são bobos, eles são inteligentes, não é atoa que **Deus escolheu os homens para serem o cabeça da mulher**. Deus dotou eles de um racional que a gente não tem, eles são muito espertos. (AS 2/ parte 1)

Mais uma vez, Sarah Sheeva reforça o imaginário de que os homens seriam mais inteligentes que as mulheres no que diz respeito a relacionamentos, sugerindo ainda que as mulheres devem obedecer aos homens dentro do casamento, já que Deus os escolheu para serem o “cabeça” da mulher. Nessa afirmativa, destacada em negrito no excerto, identificamos o *saber de crença de revelação* que, segundo Charaudeau, refere-se a uma verdade interior ao sujeito, não verificável, que pode ser compartilhada e sobre a qual o homem pode se impor e opinar. O *saber de crença revelação* expressa uma crença à qual se tem reverência absoluta, que é o caso do trecho destacado. Ao afirmar que Deus escolheu o homem para ser “o cabeça” da mulher, Sarah Sheeva coloca essa informação com um valor de verdade para os seus seguidores que, se não concordarem, estarão contestando um dizer que foi atribuído ao próprio Deus.

Da mesma forma enfática, Sarah Sheeva faz assertivas sobre a tese que defende, de que *o homem procura e a mulher espera*. No Aconselhamento Sentimental 1, a pastora explicita:

(66) [...] no livro Defraudação Emocional eu falo sobre isso, tem um capítulo inteiro dedicado a esse assunto, o nome do capítulo é: *O homem procura, a mulher espera*. Este valor foi perdido na humanidade, este valor é um valor hoje totalmente destruído no

mundo, mas dentro da igreja nós precisamos restaurar este valor. (AS 1/ parte 1)

Através das assertivas “*este valor foi perdido*” e “*é um valor hoje totalmente destruído no mundo*” Sarah Sheeva desperta nas mulheres uma preocupação de que estejam agindo errado, o que as leva a refletir sobre os próprios atos, e assumir uma posição de responsabilidade sobre a restauração do valor de que o *homem procura e a mulher espera*, já que a pastora afirma que cabe às mulheres da igreja essa restauração. Constrói-se, então, um imaginário sobre a condição pecaminosa em que essas mulheres podem estar vivendo, já que o valor de se resguardar para o homem certo, até que este apareça, segundo a pastora, foi perdido.

Sarah Sheeva, por meio de seu discurso, acaba por modelar os papéis sociais das mulheres, no que se refere a relacionamentos amorosos. Em seus aconselhamentos, ela dita normas de comportamento para as mulheres, todas no sentido de que esta deve esperar, em oração e santidade, o homem que Deus tem reservado para cada uma delas, encontrá-las. Para construir esse discurso, percebemos a presença marcante da Bíblia como base para as opiniões emitidas pela pastora:

(67) Deus não deseja que as princesas dele, que as filhas dele fiquem babando um homem que nunca olhou pra cara dela, isso não vem de Deus, isso não procede. Vai ler a história de Rute⁵³, vai estudar o livro de Rute, vai ver como foi com Rute. Boaz foi o homem com quem Rute se casou, Boaz era o homem de Deus pra Rute, e a Bíblia mostra que Boaz viu Rute, tanto que Boaz virou pra Rute e disse pra Rute: não vá pegar espigas em outro campo, fique aqui, venha pegar aqui, aqui você está segura. Boaz virou

⁵³ A história de Rute passa-se no tempo em que o povo de Israel era governado por juízes. Rute, uma jovem do país de Moabe, casa com um israelita. Este morre, e então Rute se apega à sua sogra [Noemi], demonstrando profunda devoção ao Deus de Israel. Depois de algum tempo, Rute casa de novo, agora com um parente do seu primeiro marido [Boaz]. E foi por causa desse segundo casamento que Rute veio a ser bisavó de Davi, o maior rei de Israel.

pra todos os empregados dele e disse: não toquem nela. Boaz estava se agradando dela, ele já tinha gostado dela. Depois quando ela contou pra sua sogra, que era ali a figura da liderança dela, e a sogra, sabendo que Boaz era parente, sabendo do costume daquela época de haver o resgate da viúva, a Noemi orientou ela, então ela fez como Noemi orientou, e Boaz foi logo logo resolver e se casou com ela. Então sempre você vai ver na Bíblia, a mulher não procura homem, é o homem [que procura]. (AS 1/ parte 1)

Por meio da utilização de histórias bíblicas como exemplo de comportamento ideal para as mulheres, identificamos o imaginário da tradição, que Charaudeau (2011, p. 211) define como um discurso que impõe um “dever de retorno às fontes, de recuperação da origem identitária”. Esse imaginário “é sustentado por discursos que se referem a um mundo longínquo no tempo, no qual os indivíduos teriam conhecido um estado de pureza”. Além disso, esse mundo é evocado como um paraíso perdido, como o Éden da Bíblia, para o qual seria necessário voltar para reencontrar uma origem. Charaudeau afirma, ainda, que os discursos que sustentam esse tipo de imaginário são capazes de mobilizar multidões de pessoas. Ao resgatar passagens da Bíblia, Sarah Sheeva pauta seus argumentos na ética, na moral e nos bons costumes, que podem ser incluídos no *saber de crença*, já que para legitimar esse tipo de argumento é necessário que exista uma adesão dos sujeitos a essas explicações, que não podem ser comprovadas.

Através das passagens bíblicas utilizadas por Sarah Sheeva em seu discurso, percebemos também a construção do imaginário sociodiscursivo da castidade, segundo o qual, uma mulher digna de respeito, deve se resguardar e manter sua virgindade até o casamento, para, então, oferecê-la ao marido. Na passagem abaixo, Sarah exemplifica o comportamento ideal de uma “princesa do Senhor”, através da história de Rebeca e Isaque:

(68) Na história de Rebeca e Isaque⁵⁴ é a mesma coisa, a mesma coisa sempre, né? Quando Rebeca foi se aproximando, de longe ela viu Isaque quando o servo de Abraão disse: ali está o seu noivo. Quando ela de longe, a Bíblia conta que ela foi e cobriu o rosto com o véu. Por que que ela cobriu? Numa forma de que? De representar a Santidade, representar a Reverência, ela era uma princesa, “princesa”⁵⁵. Ela não ia chegando assim, aquele véu significava que ela era **a noiva, a santa, a virgem, pura, imaculada pra aquele homem. Isso tem muito valor**. Todo esse simbolismo, ele representa o que? O homem procura, a mulher espera. (AS 1/ partes 1 e 2)

Neste recorte, a pastora dita, novamente, o comportamento ideal de uma mulher respeitável se pautando na Bíblia Sagrada, sem considerar os vários séculos de evolução existentes entre o tempo em que viveram os personagens bíblicos e a época em que vivemos atualmente. Para a pastora, a qualidade primordial em uma mulher, assim como na época bíblica, continua sendo a virgindade. Se retomarmos os imaginários acerca da mulher encontrados na Bíblia, encontraremos, em primeiro lugar, uma imagem feminina negativa, já presente no judaísmo, associada ao diabo e ao pecado carnal da luxúria, cujo exemplo simbólico foi Eva. Posteriormente, caracterizou-se o seu oposto, isto é, uma imagem feminina positiva, virgem e pura, representada pela Virgem Maria. Contudo, de acordo com Santos (2001), a partir do século XII, esse dualismo não era mais suficiente abarcar todas as mulheres. Transformou-se, então, em uma tríade, com a inclusão de uma terceira imagem feminina, a da pecadora arrependida, cuja figura emblemática é Maria Madalena.

Segundo Vasconcelos (2005), o culto à Virgem Maria ganhou destaque a partir do século XII, no qual Maria representava o ideal de mulher pura,

⁵⁴ A segunda parte do livro Gênesis, do capítulo 12 ao 50, conta a história dos patriarcas hebreus: Abraão, Isaque, Jacó e os seus doze filhos, que foram o começo das doze tribos de Israel. O capítulo 24 do livro Gênesis conta a história de Rebeca e Isaque.

⁵⁵ As aspas foram transcritas aqui porque no vídeo a pastora faz sinal de entre aspas com as mãos.

assexuada, capaz de conceber sem pecar. Um ideal que deveria ser seguido pelas demais mulheres em detrimento da herança deixada por Eva, pois, enquanto essa carregava o castigo na sua sexualidade, Maria trazia a redenção às mulheres mostrando que era possível cumprir o papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal. Assim, podemos estabelecer que, no discurso religioso, os imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres se diferem, basicamente, entre a redentora e a pecadora, cuja distinção se dá pelo desejo carnal, numa conotação quase sexual.

Outro saber utilizado pela pastora foi o *saber de crença opinião coletiva* que, segundo Charaudeau, é usado para fundamentar argumentos que buscam consolidar uma identidade para determinado grupo. Essa identidade visa demarcar qual a característica que essencialmente diferencia um grupo de outro. Este saber foi utilizado em nosso corpus para demarcar a diferença entre as mulheres da igreja e as mulheres mundanas:

(69) estou falando especificamente agora para as mulheres da igreja, as mulheres fora da igreja elas não tem nenhum objetivo em seguir nada disso, mas nós, mulheres de Deus, que queremos agradar o coração de Deus, precisamos seguir esse princípio. (AS 1/ parte 1)

Nesse trecho, Sarah Sheeva faz uso do *saber de crença opinião coletiva* para demarcar a diferença entre o grupo de mulheres da igreja e o grupo das mulheres fora da igreja (mundanas), sendo que, para ela, somente as mulheres da igreja têm que seguir o princípio de que o *homem procura, e a mulher espera*, uma vez que inferimos, pela fala da pastora, que as mulheres de fora da igreja não querem agradar o coração de Deus, já que a pastora foi enfática ao afirmar que as mulheres de fora da igreja não tem nenhum objetivo de seguir esse princípio.

Encontramos também, no discurso da pastora, o imaginário sociodiscursivo da mulher como mercadoria:

(70) Ele queria saber se você era uma princesa, que valeria a pena **ele pagar o preço por você**, ou se você era mais uma cachorra, como tantas cachorrinhas que tem por aí. (AS 2/ parte 2)

(71) Porque eu acho que você queimou o teu filme com ele de uma forma terrível, se sujeitando durante 6 anos, não foram 6 meses querida, 6 anos você acostumou mal ele, acostumou ele a ter você **sem pagar nenhum preço por você**. (AS 3)

(72) E comece a **pagar um preço de santidade**, ser uma mulher santa, se guardar que o Senhor vai te honrar (AS 3)

(73) por favor, peça perdão a Deus por tudo que você fez porque **você se desvalorizou** muito e você feriu o Espírito Santo, porque **você foi comprada por preço de sangue**. (AS 4)

Através dos trechos, notamos que a mulher é retratada como se tivesse um valor material. Esse tipo de argumento faz com que a mulher seja comparada a uma mercadoria, passível de desvalorização, um produto que o homem pode adquirir e usufruir da maneira que lhe aprouver, já que a pastora prega, igualmente, baseada na Bíblia, a submissão da mulher ao sexo masculino. Utilizar esse tipo de argumento, na época em que vivemos, é insistir na reprodução de um discurso que há muito tempo vem sendo combatido, que evoca toda uma ótica moral-machista, que há séculos vem se reconfigurando apenas para agir de outro modo igualmente repressor. Dessa maneira, preceitos bíblicos e preconceitos históricos contra as mulheres são inseridos como verdades na vida cotidiana. Lima (2010, p. 7-8) cita e comenta alguns provérbios ou crenças utilizados na atualidade que demonstram essa submissão:

“O chefe da casa é o homem”. Mesmo quando a chefia doméstica é feminina, as mulheres costumam

afirmar: “aqui eu sou o homem da casa”, reforçando a visão que esta é primordialmente a função social do homem.

“Aquela mulher está muito histérica (ou amarga): é falta de homem”. Tal afirmação remonta a Grécia antiga e a Aristóteles para quem o homem, através do esperma, era o responsável pela saúde dos órgãos femininos.

“Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. A violência doméstica, apesar de inúmeras campanhas ainda é vista como assunto privado.

“Ruim com ele, pior sem ele”. Tal frase reforça a indissociabilidade do casamento e a necessidade da mulher aguentar “qualquer coisa” por parte do homem, pois ficar sem ele, é sempre pior.

Podemos perceber, através das citações, que os preconceitos histórico-religiosos continuam ativos e que crenças consideradas superadas ainda estão vivas e presentes no dia a dia, regulando nossas relações sociais. Sarah Sheeva reproduz ainda, opondo-se ao imaginário de superioridade intelectual dos homens, o imaginário sociodiscursivo de inferioridade intelectual da mulher (que ela chama de espírito de burrice), como podemos visualizar nos recortes a seguir:

(74) porque tem gente que, parece que o espírito de burrice encosta e não quer entender o que eu falo, acredita (AS 1/ parte 3)

(75) Isso é espírito de burrice, meu bem. Como que pode Deus virar pra uma mulher e dizer sim, sim e sim, sendo que não existe nenhuma atitude daquele homem? (AS 1/ parte 2)

(76) A auto defraudação ela cega, né? Eu brinco com o pessoal, chamo isso de espírito de burrice, mas na

verdade é um espírito de cegueira, né? É uma cegueira, é uma ignorância que vem, e muitas pessoas caem nessa ignorância. (AS 2/ parte 1)

(77) Deixa eu te dar uma dica: se faz de burra, se finge de burra, dá uma de João sem braço, e finge que você não tá percebendo. Ah, mas é horrível, [...] dá uma angústia, porque ser mulher não é fácil. É, não é fácil, ter que esperar o homem tomar iniciativa [...] dá vontade de sacudir, de perguntar: você não tá afim de mim? Dá vontade. Mas a gente não pode fazer isso. (AS 1/ parte 3)

Nos excertos, Sarah Sheeva explicita que esse espírito de burrice seria uma cegueira por parte da mulher em relação a certas coisas que elas simplesmente não querem enxergar sobre os seus companheiros; seria uma ignorância sobre fatos que acontecem no relacionamento amoroso de cada mulher, em um aspecto negativo. No exemplo (77), Sarah Sheeva já trata a burrice como algo que pode beneficiar as mulheres, quando esta aconselha a mulher a se fingir de “burra” para esperar o homem tomar a iniciativa no relacionamento, atitude ideal, segundo ela.

Por fim, encontramos também um imaginário sociodiscursivo de degradação moral da mulher, através do qual Sarah Sheeva julga e deprecia uma mulher que relatou ter tido relação sexual com seu ex-noivo em um réveillon, após eles terem terminado o noivado:

(78) Nunca, depois de você ter tido acesso a um relacionamento de compromisso com ele, como é que você aceitou a migalha de passar como ficante dele num réveillon? E ainda por cima permitir que ele fizesse sexo com você? Você se reduziu abaixo, abaixo, bem abaixo, você foi bem se humilhando, abaixo, abaixo, abaixo, do cachorro, da cachorra, da cachorra, da cachorra. Que que foi isso que você fez com a tua

vida, meu amor? Acorda. Que isso foi um horror, eu tô escandalizada com esta história. Você nunca poderia ter feito isso, ali você acabou com a tua moral, você acabou com a tua reputação, você acabou com o respeito que esse homem podia ter por você e você ainda acabou de tal forma que você acredita que ele tem alguma consideração por você. (AS 4)

Através da análise do excerto acima, percebemos o tom agressivo que a pastora utiliza ao se referir a mulher que pediu o aconselhamento. Por meio de construções como – “*você se reduziu abaixo, abaixo, bem abaixo, você foi bem se humilhando, abaixo, abaixo, abaixo, do cachorro, da cachorra, da cachorra, da cachorra*”; e, “*ali você acabou com a tua moral, você acabou com a tua reputação, você acabou com o respeito que esse homem podia ter por você*” -, a pastora pode despertar nessa mulher sentimentos de culpa pela decisão de manter relações sexuais com o ex-noivo e levá-la a se sentir extremamente inferiorizada em relação as outras mulheres que seguem a mesma religião, o que pode provocar um sentimento de desonra moral nesta mulher. Nessa linha de pensamento, as relações sexuais só têm alguma dignidade para a reprodução da espécie, o resto enquadra-se no pecado carnal da luxúria.

Buscamos identificar, também, imaginários sociodiscursivos construídos através do *saber de conhecimento*. Contudo, não verificamos ocorrências desse *saber* em nosso *corpus*, o que provavelmente se deve ao fato de o Aconselhamento Sentimental ser um gênero subjetivo, pautado nas opiniões pessoais de Sarah Sheeva. Além disso, por ser um gênero de doutrinação religioso e moral, dificilmente encontraremos argumentos baseados na razão científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho objetivou analisar a argumentação presente no discurso de doutrinação religioso e moral da pastora Sarah Sheeva. Para tal, coletamos os vídeos dos Aconselhamentos Sentimentais do *Youtube* e os transcrevemos do lócus oral para o estrato verbal. Após a transcrição do corpus, que reuniu um total de 6 (seis) aconselhamentos, nós buscamos (i) descrever a organização discursiva dos Aconselhamentos Sentimentais; (ii) verificar a forma como Sarah Sheeva utiliza a Argumentação para captar fiéis e manter os que a seguem; e (iii) identificar como ocorre a construção dos imaginários sociodiscursivos acerca da mulher no discurso da pastora.

Em relação à análise da dimensão do *logos* nos Aconselhamentos Sentimentais, percebemos que o discurso da pastora se pauta em vários argumentos descritos na Retórica de Aristóteles, na Nova Retórica de Perelman e no Modo Argumentativo de Charaudeau para comprovar a principal tese que Sarah Sheeva defende nos Aconselhamentos Sentimentais, que é: *o homem procura, a mulher espera*. Através da análise das asserções de partida, asserções de chegada e asserções de passagem, constatamos que Sarah Sheeva tenta demonstrar que não podemos conhecer um homem por suas palavras e sim por suas atitudes, e que o comportamento ideal de uma mulher, em relação a relacionamentos amorosos, é se resguardar para o marido, comportando-se de maneira discreta e recatada.

Os principais argumentos utilizados pela pastora para comprovar a sua tese foram: o *argumento por comparação*, através do qual ela contrapôs, entre outros, o comportamento ideal de uma mulher da igreja (princesas), e o comportamento inadequado das mulheres mundanas (cachorras), e o *argumento de autoridade*, evocando principalmente a Bíblia Sagrada para dar credibilidade ao seu discurso. Através da análise do *logos*, percebemos que o dizer de Sarah Sheeva não é ingênuo, pois ela utiliza diversos argumentos lógicos na construção do seu discurso.

No que se refere à dimensão do *ethos* nos aconselhamentos, constatamos que os principais *ethé* relacionados à imagem de Sarah Sheeva foram o de *virtude, solidariedade e credibilidade*. Através do *ethos de virtude*, ela demonstra seguir os próprios ensinamentos, visto que está há mais de 10 anos sem praticar sexo e sem beijar na boca. Por meio do *ethos de solidariedade*, criou-se a imagem de que a pastora é um sujeito que se responsabiliza pelas necessidades dos outros, já que ela se preocupa com o comportamento indevido das mulheres da igreja nos relacionamentos amorosos e se mostra atenta à necessidade de restaurar, dentro da igreja, o valor de que o homem deve procurar a mulher e conquistá-la e de que cabe à mulher esperar ser encontrada pelo marido que Deus escolheu para ela.

Por sua vez, mediante o *ethos de credibilidade*, Sarah Sheeva atribui valor ao seu discurso, ressaltando o seu passado ao invés de escondê-lo, pois se para ela é preciso restaurar o valor da castidade e da contenção sexual dentro da igreja, ninguém melhor para auxiliar nessa restauração do que alguém que conseguiu recuperar esse valor em sua própria vida, uma vez que ela se assume com uma ex-ninfomaníaca que hoje vive em santidade a espera do homem que Deus tem para ela. Dessa forma, ela pode provocar uma identificação nas mulheres que a seguem, mostrando que a transformação é possível. Constatamos ainda que, além de aparentemente se comportar como uma “princesa do Senhor”, Sarah Sheeva também se veste de forma discreta, assemelhando-se as vestimentas das princesas dos contos de fada, ou mesmo das princesas da vida real, como Kate [Middleton](#). Assim, concluímos que os *ethé* relacionados à imagem da pastora são construídos não só pelo seu discurso, mas também pela sua forma de se vestir e de se comportar.

Concernente à dimensão do *pathos* nos Aconselhamentos Sentimentais, observamos, através das três condições propostas por Charaudeau (2007a), o caráter patêmico dos aconselhamentos. Percebemos que todas as condições propostas por Charaudeau foram atendidas, uma vez que os sujeitos envolvidos na situação de comunicação do aconselhamento

estavam previamente afetados emocionalmente; as temáticas envolvidas no dispositivo comunicativo dos aconselhamentos, sobre relacionamentos amorosos, fidelidade, casamento, também predispunham o surgimento de efeitos patêmicos, e a encenação discursiva, no espaço das estratégias tinha finalidade patemizante, pois visava atingir o ouvinte através da utilização da modalidade alocutiva, elocutiva e delocutiva. Dessa maneira, percebemos que a argumentação de Sarah Sheeva é construída não só a partir de uma lógica, mas também pautada no emocional, e que ela intenta articular a razão e a emoção com a principal finalidade dos aconselhamentos, que seria manter os sujeitos que já a seguem e captar os fiéis que ainda não compartilham dos seus preceitos.

A análise dos discursos existentes em nossa sociedade nos permite reconhecer as características identitárias de uma determinada comunidade e suas discrepâncias em relação a outras comunidades. Esse entrecruzamento de olhares nos faz identificar os imaginários existentes. Como vimos, os imaginários são classificados como sociodiscursivos porque circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, ou seja, os imaginários se constituem no domínio de prática social através dos vários discursos – religiosos, políticos, jurídicos, artísticos, entre outros.

O que percebemos através da análise da construção dos imaginários sociodiscursivos sobre a mulher é que, por meio do discurso de Sarah Sheeva, há uma reprodução de um ponto de vista tradicional que condena a liberdade feminina, duramente conquistada ao longo dos anos. Percebemos que todo o esforço da pastora é para caracterizar o homem como uma espécie de “inimigo” com o qual é necessário ter cuidado. Encontramos vários imaginários relacionados à imagem da mulher veiculados pelo discurso de Sarah Sheeva. Entre eles, o de *mulher submissa*, através do qual a pastora veicula a ideia de que a mulher deve “obedecer” ao homem e esperar que parta dele as iniciativas e atitudes do relacionamento; o *imaginário da tradição*, por meio do qual veicula-se a ideia de que o

comportamento ideal, nos relacionamentos amorosos, é o dos personagens bíblicos; e o *imaginário da mulher como mercadoria*, uma vez que, segundo a pastora, o homem deveria “pagar um preço” pela mulher, o que não ocorre quando a mulher age como “mundana”. Nesse sentido, o corpus resgata imaginários sociodiscursivos do campo de *saberes de crença* da doutrina religiosa que enaltecem a dominação masculina frente à submissão e estagnação social da mulher.

Contudo, devemos nos atentar ao fato de que os imaginários podem fazer com que um *saber de crença* passe por um *saber de conhecimento* e vice-versa, ou com que um *saber de opinião* passe por um *saber de revelação* ou um *saber teórico*. Dessa forma, devemos procurar identificar como aparecem esses imaginários, a qual situação de comunicação eles pertencem, qual a visão de mundo eles retratam. Não devemos tomá-los como verdade sem entender o contexto social, histórico e social ao qual eles estão atrelados, aspectos de fundamental importância para compreendermos e situarmos os imaginários na comunidade em questão.

Ninguém está livre dos discursos hegemônicos, como o discurso patriarcalista, pois são séculos e séculos de reprodução do mesmo discurso, que apenas se reconfigura para retornar de outro modo. Entretanto é necessário romper com a aceitação indiferente e não reflexiva de discursos normatizadores e opressivos; é necessário questionar, argumentar, para que haja mudanças com relação ao lugar que a mulher ocupa na sociedade. Devemos nos perguntar em que medida é viável utilizar a Bíblia, atualmente, como parâmetro para interpretar os sujeitos contemporâneos demarcados pelo gênero e sexualidade? Como podemos utilizar, hoje, valores morais que foram estabelecidos em um momento histórico no qual a concepção de sujeitos dignos de direitos e respeito era diferente?

Para que consigamos viver em um mundo igualitário e justo para todas as pessoas, em que estas possam escolher livremente as suas opções, não podemos aceitar submissamente falácias que se transvestem nos discursos religiosos. Devemos combater essas diferenças de gêneros e

evidenciar que esse tipo de discurso intenta, na maioria das vezes, reproduzir as desigualdades de uma sociedade patriarcalista e capitalista, principalmente contra a mulher.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2011.

AMOSSY, R. Le pathos ou le rôle des émotions dans l'argumentation. In: **L'argumentation dans le discours: discours politique, littérature d'idées, fiction**. Paris: Nathan Université, 2000. p. 163-182.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007. (Coleção biblioteca clássica)

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Clássicos)

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. **Sistema da Moda**. São Paulo: Companhia Editora Nacional – USP, 1979.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BAZERMAN, C. Systems of Genres and the Enactment of Social Intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (orgs.). **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994, p. 79-101.

BENNÀSSAR, B. **Ética e moral cristã em diálogo: uma nova cultura moral para sobreviver humanamente: diálogo (e diapraxis) ante a intransigência e a irresponsabilidade**. [tradução José Afonso Beraldin]. São Paulo: Paulinas, 2002.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, P. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. – 2ed. – São Paulo: Contexto, 2010a.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010b.

CHARAUDEAU, P. **Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos**. In "Revista Signos", vol. 43, PUC, Valparaíso, 2010c.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, M. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES E. & MACHADO I. L. (org.). **As emoções no discurso**. Mercado Letras, Campinas (SP) 2007a. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html>. Acesso em 13/03/2013.

CHARAUDEAU, P. Pathos e discurso político. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.) **As emoções no discurso**. Mercado Letras: Campinas (SP). p. 240-251, 2007b. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Pathos-e-discurso-politico.html>. Acesso em 20/08/2013.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. Tradução de Renato de Melo. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Org.). **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MACHADO, I. L. *et al.* **Análise do Discurso**: Fundamentos e Práticas. Belo Horizonte: Col NAD/FALE/UFMG, 2003.

CHARAUDEAU, P. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, H. *et al.* (Org). **Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges – Núcleo de Análise do Discurso. Fale-UFMG. 1999.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise de Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London/New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução (Org.). Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FAUSTO NETO, A. **Processos Midiáticos e construções das novas religiosidades**. Revista Galáxia, n. 3, p. 151-164, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1 - A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FOUCAULT, M. Sexualidade e Poder. Em **Ética, Sexualidade, Política: Coleção Ditos & Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 [1978].

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GASPARETTO, P. R. **Mediatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, Mar/Abr, 1995.

GOMES, P. G. **Processos midiáticos e construção de novas religiosidades: dimensões históricas**. Cadernos IHU, ano 2, nº 8. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

KOCH, I. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2006.

KRESS, G. Genre as social process. In: **The power of literacy: a genre approach to teaching writing**, org. B. Cope and M. Kalantzis, 22-37. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1993.

LIMA, H. Patemização: emoções e linguagem. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.) **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 140-149, 2007.

LIMA, R. L. **O imaginário Judaico-Cristão e a submissão das mulheres**. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=149. Acesso em 25/02/14.

MACHADO, I. L. **Algumas reflexões sobre a Teoria Semiolinguística**. Uberlândia: Letras & Letras, jul./dez. p. 13-21, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R. e SALGADO, L (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2011.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. SP: Contexto, 2011.

MARIANO, R. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MELO, M. S. S. **Argumentação e construção do ethos no programa Direção Espiritual**. Expressão (Santa Maria), v. 1, p. 115-125, 2011.

MELO, M. S. S. **Estratégias discursivas em publicidades de televisão**. 2003. 302f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). FALE - UFMG, Belo Horizonte, 2003.

MENDES, E. **Ethos, imagem icônica e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010.

MILLER, C. R. **Genre as social action**. Quaterly Journal of Speech 70, 1984, p. 151-167.

MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (org.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração. V. 1, No 3, 2º sem/ 1996.

ORLANDI, E. P. (org.). **Palavra, fé, poder**. São Paulo: Pontes, 1987.

PATTON, M. (1986). *Qualitative evaluation methods*. Londres: Sage Publications. In: ALVES, A. J.; MAZZOTI; GEWANDESZNAJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**. Pesquisa Cuantitativa e Cualitativa. 2.ed. São Paulo: Afiliada, 1999.

PLANTIN, C. **A argumentação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERELMAN, C. **Tratado de argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REY, F. L. G. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

SAMPSON, P. *Qualitative research and motivation research*. In: **Consumer Market Research Handbook**. 3rd Edition, Amsterdam: ESOMAR, 1991.

SANTOS, D. O. A. O corpo dos pecados: as representações femininas nos reinos ibéricos (1250-1350). In: *Textos de História*, vol 9, nº 1/2, 2001.

SILVA, W. A. S. **Religião e Sociedade contemporânea: uma análise da religião no mundo atual**. Aparecida do Taboado: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer de Aparecida do Taboado – MS, 2007.

SWAIN, T. N. **Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”**. *História: Questões & Debates*. Curitiba: UFPR, n. 34, 2001, p. 16.

VASCONCELOS, V. N. P. **Visões sobre as mulheres na sociedade Ocidental**. *Revista Ártemis*, n. 03 dez/ 2005 (B), p. 06. Disponível em: <<http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2014.

XAVIER FILHA, C. **A sexualidade feminina entre práticas divisoras: da mulher “bela adormecida” sexualmente à multiorgástica – imprensa feminina e discursos de professoras**, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3297--Int.pdf>>. Acesso em: 05/02/2013.

ANEXOS

Transcrições dos Aconselamentos Sentimentais

Aconselhamento Sentimental nº1 – Pra. Sarah Sheeva - Parte 1 - 16/08/2010 (40.389 visualizações⁵⁶)

Olá, queridos. Eu estou aqui tentando responder o e-mail que eu comecei lá no meu tweet cam e não consegui terminar; deu algum problema. E eu recebo muitos e-mails pedindo aconselhamento, pedindo uma, uma palavra, uma direção, apesar de eu ser apenas uma pregadora, uma missionária. Eu não sou uma pastora de igreja, mas muitas pessoas me pedem né, conselhos, e eu não consigo tempo pra parar pra responder todo mundo e acho que dessa forma, através de vídeo, talvez seja mais fácil. Então, eu vou voltar lá pro e-mail dessa irmã que me enviou pedindo aconselhamento; a história dela é a seguinte:

“Querida Sarah, me ajude, meu nome é Fulana (não vou citar os nomes tá), sou da igreja tal, tenho 29 anos e um filho de 8 anos. Eu tive todo cuidado com a área sentimental da minha vida, mas acho que fiz besteira. Vi uma rapaz uma vez, três vezes, e constantemente o pedi para Deus em oração. Pedi o que significava aquilo e Deus disse: ore por ele. Eu orei, orei, orei, mas ia ficando mais forte; aí eu resolvi pedir confirmação se era o meu futuro esposo ou não. Deus disse: sim, sim e sim. Acontece que ele não me conhecia, aí eu fui procurá-lo e contei parte de meus sentimentos por ele, mas ele não está como sonhei, acho que ele não gostou de mim. Ele disse que vai me observar. Sarah, eu tenho certeza que foi Deus, Deus jamais iria deixar eu me iludir. Por favor me ajude, preciso muito de uma palavra, o que eu devo fazer, o que eu faço?”. Ela termina o e-mail dela me fazendo a pergunta: “o que eu faço?”.

Bom, do início do e-mail dela, nós já podemos observar algumas coisas sérias, é um comportamento super comum nas mulheres, no livro *Defraudação Emocional* eu falo sobre isso, tem um capítulo inteiro dedicado a esse assunto, o nome do capítulo é: *O homem procura, a mulher espera*.

⁵⁶ O número de acessos a esse e aos próximos Aconselhamentos foram verificados no *youtube* no dia 17/02/2014.

Este valor foi perdido na humanidade, este valor é um valor hoje totalmente destruído no mundo, mas dentro da igreja nós precisamos restaurar este valor. Dentro da igreja, também o mundo, o costume do mundo tem entrado dentro da igreja, né, o costume mundano, que não é dos princípios da Palavra. Então as mulheres, cada vez mais, tem tido esse comportamento, comportamento de procurar homem, comportamento de tomar a iniciativa, quando ela na verdade deveria esperar o homem tomar a iniciativa. E a primeira iniciativa que muitas mulheres tomam, que é o caso desse e-mail dessa irmã, uma iniciativa terrível, é um problema sério isso, isso é uma grande rebelião, muito sutil, muito disfarçada que as mulheres tem, estou falando especificamente agora para as mulheres da igreja, as mulheres fora da igreja elas não tem nenhum objetivo em seguir nada disso, mas nós, mulheres de Deus, que queremos agradar o coração de Deus, precisamos seguir esse princípio. Veja bem, primeira coisa errada que as mulheres estão fazendo é tomar iniciativa em começar a sonhar com uma pessoa que elas elegeram. E tudo começa quando você empresta os seus olhos e começa a fantasiar com um cara. Aaah, é ele, ah. Meu bem, não faça isso. Eu sei que é difícil, eu sei que desde que a gente é adolescente nós somos bombardeadas com esses costumes, são muitos filmes, é Crepúsculo, é Lua Nova, é Eclipse, entendeu? É muito, são bandas, eu lembro que quando eu era adolescente tinha os Menudos, no tempo da minha mãe tinha os Beatles. E as mulheres todas são bombardeadas com essa coisa de olhar um homem e desejar, e colocar ele num lugar. Isso é um vício feminino, nós temos que rejeitar esse vício, tá errado, tá errado, não é saudável, não é certo a gente criar uma paixão platônica, uma fantasia com uma pessoa que não existe, que nunca olhou na nossa cara, é ignorância, é burrice. Então voltando ao e-mail dessa irmã, vamos lá do começo quando ela diz assim, ela fala assim pra mim, é: “eu tive todo cuidado com a área sentimental da minha vida”, quer dizer, ela estava, ela tá querendo dizer o que, que ela realmente se preocupou com essa área da vida dela, mas ela acha que ela fez besteira. Por que que ela acha que ela fez besteira? Com certeza, eu não tenho a menor

dúvida, porque ela agora sente que ela tá encrencada emocionalmente, né? Ela diz assim: “eu vi um rapaz uma vez, três vezes, e constantemente o pedi para Deus em oração”. Pedi ele pra Deus, em oração, que que quer dizer isso? Ai, meu Deus, que, que coisa séria isso. Ela, quer dizer que ela, foi orar à Deus assim: Deus, faça com que fulano seja meu. Senhor, se puder eu quero ele, eu quero ele. Não é assim que funciona. Na verdade, é muito desafiador ser mulher nessa área, porque pra nós mulheres é muito fácil tomar iniciativa, nós somos muito corajosas na área sentimental. O homem é mais pé atrás e deve ser, porque emocionalmente o homem, ele é forte pra fase da conquista, ele é frio pra fase da conquista, ele consegue na fase da conquista ser mais racional, mas a mulher não, a mulher na fase da conquista já está sonhando. Enquanto o homem está pensando em levar ela pra jantar a primeira vez, ela já está sonhando com o casamento, com as bodas de ouro, velhinha do lado dele, com filho e com neto. A realidade é que na fase da conquista o homem é mais seguro, ele é mais firme, ele é mais racional, nós mulheres não. Porém quando há um envolvimento, quando se apaixonam, quando se envolvem, muda tudo, a mulher se torna mais confiante e o homem fica mais sensível. Por isso o homem deve realmente ter o pé atrás, isso é bom, não é ruim; e nós mulheres é que temos que aprender a vigiar nessa questão. Quer ver, que coisa séria. Ela começou a olhar pra ele e começou a pedir ele pra Deus em oração. Provavelmente, nessa, nesse pedido pra Deus, ela não se tocou, ela não, não percebeu, que se fosse o homem de Deus pra ela, a primeira coisa que Deus faria, é um princípio, Deus abre os olhos do homem, o homem olha e vê a mulher. Se ele fosse o teu, querida, ele teria visto você, seria ele que teria olhado pra você, ele teria se aproximado de você, ele teria vindo falar com você, nem que fosse como amigo. Sabe, outro dia, uma amiga, Thalita, ela disse uma frase que resumiu tudo que eu sempre preguei, em uma frase, ela disse assim: se não serve pra ser amigo, não serve pra ser marido. Que que quer dizer isso? Se não há uma aliança de amizade, se não há um conhecimento do íntimo, do emocional um do outro antes de haver contato físico, o

relacionamento vai por água abaixo, porque a base vai ser contato físico, e quando o contato físico ficar balançado, o relacionamento vai ruir, porque a base sobre o qual está fundado é contato físico. Tem que começar na amizade. O cara nem chegou em você pra ser teu amigo, o cara é só uma paixão platônica. Meu bem, não procede de Deus. Deus não deseja que as princesas dele, que as filhas dele fiquem babando um homem que nunca olhou pra cara dela, isso não vem de Deus, isso não procede. Vai ler a história de Rute⁵⁷, vai estudar o livro de Rute, vai ver como foi com Rute. Boaz foi o homem com quem Rute se casou, Boaz era o homem de Deus pra Rute, e a Bíblia mostra que Boaz viu Rute, tanto que Boaz virou pra Rute e disse pra Rute: não vá pegar espigas em outro campo, fique aqui, venha pegar aqui, aqui você está segura. Boaz virou pra todos os empregados dele e disse: não toquem nela. Boaz estava se agradando dela, ele já tinha gostado dela. Depois quando ela contou pra sua sogra, que era ali a figura da liderança dela, e a sogra,, sabendo que Boaz era parente, sabendo do costume daquela época de haver o resgate da viúva, a Noemi orientou ela, então ela fez como Noemi orientou, e Boaz foi logo logo resolver e se casou com ela. Então sempre você vai ver na Bíblia, a mulher não procura homem, é o homem.

Na história de Rebeca e Isaque⁵⁸ é a mesma coisa, a mesma coisa sempre, né? E quando Rebeca foi se aproximando, é, é, de longe ela viu[...].

Aconselhamento Sentimental nº1 - Pra. Sarah Sheeva - Parte 2 - 16/08/2010 (35.579 visualizações)

⁵⁷ A história de Rute passa-se no tempo em que o povo de Israel era governado por juízes. Rute, uma jovem do país de Moabe, casa com um israelita. Este morre, e então Rute se apegua à sua sogra [Noemi], demonstrando profunda devoção ao Deus de Israel. Depois de algum tempo, Rute casa de novo, agora com um parente do seu primeiro marido [Boaz]. E foi por causa desse segundo casamento que Rute veio a ser bisavó de Davi, o maior rei de Israel.

⁵⁸ A segunda parte do livro Gênesis, do capítulo 12 ao 50, conta a história dos patriarcas hebreus: Abraão, Isaque, Jacó e os seus doze filhos, que foram o começo das doze tribos de Israel. O capítulo 24 do livro Gênesis conta a história de Rebeca e Isaque.

[...] de longe ela viu Isaque quando o servo de Abraão disse: ali está o seu noivo. Quando ela de longe, a Bíblia conta que ela foi e cobriu o rosto com o véu. Por que que ela cobriu? Numa forma de que? De representar a Santidade, representar a Reverência, ela era uma princesa, “princesa”⁵⁹. Ela não ia chegando assim, aquele véu significava que ela era a noiva, a santa, a virgem, pura, imaculada pra aquele homem. Isso tem muito valor. Todo esse simbolismo, ele representa o que? O homem procura, a mulher espera. Ela foi ser, é, procurada, Rebeca foi procurada, sempre assim. Então primeira coisa querida, que você vai ver que não é de Deus, não é de Deus, é você ir pedir a Deus constantemente em oração um homem que nunca olhou na tua cara. Nós mulheres não temos estrutura pra ficar procurando homem, tá errado, mulher que é princesa não procura homem, não fica olhando, não fica se deixando levar pelas fantasias, seja inteligente. Continuando o e-mail, aí ela diz assim: “então eu pedi a Deus o que significava aquilo e Deus disse: ore por ele”. Humm, meu bem, sinto muito, sinto muito te desiludir, mas não foi Deus que falou com você. Como é que você sabe Sarah, que não foi Deus? Primeiro, Deus não viola o princípio que Ele estabeleceu. Ele estabeleceu esse princípio, é o homem que procura e a mulher espera. Outro princípio, como que Deus vai querer pra uma princesa dele que ela fique procurando e orando pedindo à Deus um homem e Deus vire pra ela e fala: ore por ele, ora por ele. Não é orar por ele como, pra, por um perdido, não é orar por uma pessoa pra que Deus alcance, pra que Deus cure, não, é orar sentimentalmente, em termos de relacionamento e até de futuro casamento. Você acha que isso é compatível com o caráter de Deus? Você acha que o caráter de Deus combina com isso? Você acha que Deus mandaria uma mulher, princesa dele, orar por um homem que nunca olhou na cara dela? Meu bem, isso não combina com o caráter de Deus. Óbvio que foi a tua alma, óbvio que você confundiu a voz das suas emoções, a voz do pensamento da tua alma com a voz de Deus. E agora, Sarah? Como que eu vou fazer pra descobrir quando for a minha alma e quando for Deus que tá

⁵⁹ As aspas foram transcritas aqui porque no vídeo a pastora faz sinal de entre aspas com as mãos.

falando comigo? Gente, esse é o maior desafio de todos da vida cristã. O nosso maior desafio é fazer a vontade de Deus e não a nossa, discernir a voz de Deus para obedecer a voz dele, o comando dele e não a nossa, nossa vontade, nossa voz. E como? Bom, três vozes podem sempre falar com a gente, “vozes”⁶⁰, presta atenção, em forma de pensamento. Primeiro, a voz da nossa alma. Segundo, a voz do Espírito Santo. Veja bem, a voz da nossa alma inclui a voz da carne também, a vontade da alma, a vontade da carne. Segundo, a voz de Deus, a voz do Espírito Santo. Terceiro, a voz do inimigo. A Bíblia fala que o inimigo lança setas, setas são pensamentos na primeira pessoa do verbo. Ele não chega e diz assim: ah, fulano é o cara pra você; não, ele chega e fala assim: eu acho que fulano é o cara pra mim. Por que? Porque ele quer que você pense que aquele pensamento veio de você ou até mesmo de Deus. O diabo não brinca em serviço não, ele não brinca de ser diabo; e muita gente tá brincando de ser crente. Então continuando o e-mail da irmã, ela disse que orou à Deus e que Deus disse, pense, botou a responsabilidade em Deus, Deus disse: ore por ele. “Então eu orei, orei, orei, Sarah, mas ia ficando mais forte, aí eu resolvi pedir confirmação se ele era o meu futuro esposo ou não”. Olha onde ela já estava? Olha o tanto que ela alimentou isso. “Então Sarah, Deus disse”, botou Deus na história, botou a responsabilidade que não cabe a Deus em Deus ó. “Deus disse sim, e sim e sim”. Meu bem, quantas vezes eu preciso usar a expressão espírito de burrice, é uma expressão, não é um espírito, é uma expressão. Isso é espírito de burrice, meu bem. Como que pode Deus virar pra uma mulher e dizer sim, sim e sim, sendo que não existe nenhuma atitude daquele homem? Aquele homem nunca nem olhou pra você, isso não combina com Deus, isso não tem nada a ver com o caráter de Deus. Claro que não é a voz de Deus, você precisa ler mais a Bíblia. Continuando o e-mail, depois que Deus disse sim, sim e sim pra ela, ela diz assim: “acontece, Sarah, que ele não me conhecia”. Sim, eu já percebi que ele não te conhecia. “Aí eu fui procurá-lo e contei parte de meus sentimentos por ele, mas ele não está como sonhei”.

⁶⁰ As aspas foram transcritas aqui porque no vídeo a pastora faz sinal de entre aspas com as mãos.

Não, não, vamos corrigir isso aqui. Querida, não é que ele não está como você sonhou, ele não é como você sonhou. Você criou uma fantasia, você criou um sonho, você criou uma idealização, uma fantasia sobre a imagem desse cara. Ele não é, você não o conhece, ele nunca nem olhou pra você. Deus não tem nada a ver com isso, Deus não tem nada a ver com o fato de você querer gostar de alguém que nunca olhou na tua cara, que nunca te procurou, que nunca demonstrou interesse por você. “E aí eu fui procurá-lo, contei parte dos meus sentimentos, ele não está como eu sonhei, acho que ele não gostou de mim”. Não, ele não gostou de você não, querida. Não é que acho, acho não, presta atenção, certeza que ele não gostou. Ah, mas por que que ele não gostou de mim, será que eu não sou bonita, será que eu não sou especial? Não, não é nada disso. Você provavelmente é uma mulher especial, uma mulher linda, Deus tem, cada uma de nós somos únicas no universo, Deus tem alguém que vai te amar, que vai te achar linda. Acontece que não é esse, porque se fosse ele os olhos dele tinham se aberto pra você, ele tinha visto que era você, ele tinha pelo menos se interessado por você. Então, meu bem, é óbvio que ele não se interessou por você, é óbvio que ele não gostou de você. Você tá, é, colocando Deus numa história e fantasiando e misturando tudo, embolando tudo. No final ela continua dizendo assim: “acho que ele não gostou de mim e ele disse que vai me observar”. Olha que horror, mendigância espiritual, mendicância espiritual, mendicância emocional. Você está pedindo pelo amor de Deus, uma coisa que você nunca deveria fazer, pedindo pelo amor de Deus olhe pra mim. Hã? Meu bem, isso não é o comportamento de uma princesa. Você quer um “príncipe”⁶¹ de Deus, um homem de Deus, um homem consagrado, um homem santo, apaixonado por Jesus, que segue os princípios da Palavra, honesto, um caráter tratado? Sarah, eu quero. Então, meu bem, se comporte como uma princesa, e não se comporte como uma mendiga emocional, que tá aí, pelo amor de Deus olha pra mim. Isso é um absurdo, isso não é o comportamento de uma mulher de Deus. No final ela diz assim: “Sarah, eu tenho certeza que

⁶¹ As aspas foram transcritas aqui porque no vídeo a pastora faz sinal de entre aspas com as mãos.

foi Deus”. Não foi Deus querida, tá? Aí ela continua dizendo: “Deus jamais iria deixar eu me iludir, por favor me ajude, preciso muito de uma palavra, o que eu faço?”. Então vamos lá, Deus jamais iria deixar eu me iludir. Meu bem, você não conhece então a personalidade de Deus, você não conhece o caráter de Deus, você tem que ler mais a Bíblia. É obvio que Deus permite que você se iluda. Por que? Porque Deus não viola o livre arbítrio de ninguém. Deus te deu o direito de escolha, ele te deu, ele te deu o direito de se iludir se você quiser, se enganar se você quiser, se você quiser ficar cega você tem esse direito, se você quiser ir pro inferno você tem esse direito. Deus não obriga ninguém a passar a eternidade com ele, Deus não obriga ninguém a nada. Não é possível gente, como é que pode uma pessoa achar que Deus nunca iria deixar, vamos entender que Deus faz o impossível, mas cabe a nós fazer o possível. Ele tem a parte d'Ele, mas nós temos a nossa parte, cabe a você, meu bem, usar a sua inteligência, usar a sabedoria. Seja inteligente, você é uma princesa, princesa não fica olhando pra homem que nunca olhou pra ela, meu bem. A partir do momento que o cara chegar pra você, demonstrar interesse por você, aí você vai olhar, aí você retribui, aí você também pode, né, retribuir a partir da iniciativa do cara. “Sarah, o que que eu faço? Me ajude por favor, preciso muito de uma palavra, o que que eu, o que eu faço?”. Então vou te dizer o que você faz: pare. Pare agora. Pare com esse sentimento criado por você. Pare de olhar, pare de fantasiar, vai pra cruz com esse sentimento, vai pra cruz com esse hábito de fantasia. Olha pra Jesus, minha filha, olha pra Jesus. Vai chegar alguém querendo [...].

Aconselhamento Sentimental nº1 - Pra. Sarah Sheeva - Parte 3 – 16/08/2010 (29.410 visualizações)

Vai chegar alguém querendo orar com você, aí você vai olhar e vai ver, se é isso que você quer, se você quer orar, se você quer fazer corte, se quer namorar, namoro de crente, eu não sei. Aí você vai definir. É importante

ressaltar, tá, que quando eu digo, gente, que a iniciativa parte do homem, deve partir do homem, eu tô falando de quem ainda não está orando, de quem não tá namorando, de quem não tá fazendo a corte, e não tô falando dos casados tá, porque tem gente que, parece que o espírito de burrice encosta e não quer entender o que eu falo, acredita? Estou falando o seguinte, a partir do momento que você e a pessoa não estão orando, não há nada entre vocês, não faça nada. Mas Sarah, ele é meu amigo, ele já demonstrou que gosta muito de tá na minha companhia, mas ele não falou nada. Deixa eu te dar uma dica: se faz de burra, se finge de burra, dá uma de João sem braço, e finge que você não tá percebendo. Ah, mas é horrível, é uma angústia, dá uma angústia, porque ser mulher não é fácil. É, não é fácil, ter que esperar o homem tomar iniciativa não é fácil, dá vontade de sacudir, de perguntar você não tá afim de mim? Dá vontade. Mas a gente não pode fazer isso, porque essa é a única forma da gente saber o caráter do cara. O homem que não é homem pra tomar iniciativa não vai ser homem pra nada nunca. Você vai querer casar com um banana, minha filha? Acorda, por favor, aprenda, dá linha pra você ver quem ele é, dá linha, sabedoria, bota a cara no pó e vai orar, né. Então isso é importante porque às vezes a pessoa casada pensa assim, ah, mulher não tem que tomar iniciativa. Pelo amor de Deus, casados é outro departamento, não tem nada a ver com esse assunto aqui. Tô falando pras solteiras, mulheres solteiras, especificamente essa irmã que me pediu esse aconselhamento. Outra coisa importante, gente, muito sério, por que a mulher não pode olhar, ficar olhando, ficar viajando no cara, fantasiando, por que? Ouçam, porque o cara que você pode tá criando uma fantasia, pode ser o marido da tua irmã que tá aqui do teu lado, da tua amiga que tá aqui do teu lado, você pode tá cobiçando um futuro marido de outra mulher, e aí? Que problema, que vergonha, no futuro você vai passar vergonha. Quem não entende esse princípio gente, vai sofrer. Eu não tô profetizando, não quero profetizar nada ruim sobre a sua vida, eu estou te alertando, te alertando. As mulheres têm sofrido. Por quê? Porque não têm aprendido a se olhar, a se valorizar. E aí o que acontece? Os

homens vão ficando mal acostumados, o costume do mundo entra dentro da igreja, a mulherada começa a fazer igual as mulheres do mundo, que que acontece, meu bem? Você começa a ser tratada como uma mulher do mundo. Lógico. Princesas se comportam como princesas e aí atraem quem para elas? Os príncipes de Deus. Mas mulheres que se comportam como as mundanas, vão atrair homens mundanos, com coração mundano, vão ser tratadas sem carinho, sem respeito. Não é isso que Deus quer pra você, não é isso que Deus deseja pra você. Deus deseja pra você, querida, um relacionamento maravilhoso. Eu não estou falando que é perfeito, todo mundo tem defeitos, mas um relacionamento onde a base é o Espírito Santo, onde há respeito, onde há paixão, aonde há consideração, onde há admiração, tudo isso Deus quer pra você. Então, abra os seus olhos. E aqui eu termino o aconselhamento pra essa amada, querida irmã, que Deus te abençoe, tá? Guarda estas palavras, ouça várias vezes, decora, escreve, faça o que você tiver que fazer e ore. Fecha os teus olhos pra quem não olha pra você. Se não serve pra ser amigo, não serve pra ser marido. Deus te abençoe.

**Aconselhamento Sentimental nº2 - Pra. Sarah Sheeva – Parte 1 –
27/10/2010 (54.802 visualizações)**

Olá queridos, estou aqui em casa bem à vontade, de pijamas, por favor não reparem, mas é que toda vez que eu tenho um tempo eu procuro responder os pedidos de aconselhamento que eu tenho recebido. E uma irmã me enviou esse pedido aqui, que são muitos. Eu tento pegar aqueles que pra mim são mais práticos, alguns dão um pouco mais de trabalho. Ela diz assim:

"Olá, Sarah Sheeva, sei que você recebe muitos e-mails com esse tipo de pergunta, mas eu preciso de sua ajuda, não só por você ser uma mulher de Deus, mas porque entende de defraudação emocional. Em outubro do ano passado, comecei a orar com um rapaz, o qual eu já tinha contato pela internet, e até sabia algumas coisas da vida dele, como por exemplo, que ele ainda sentia algo (tinha algum sentimento)⁶² pela ex-namorada, pois ele falava muito dela, com muito rancor. (Falava muito não, ele falava dela com muito rancor, não muito dela, falava dela com muito rancor). Mas eu acreditei que ao me pedir para orar, estava tudo resolvido no seu coração (coração do rapaz). Depois de três meses fui à cidade dele. Nisso, aconteceu algo terrível, caímos em pecado. Depois disso, tudo ficou estranho. Eu me senti culpada, comecei a ficar dependente dele, e duas semanas depois pedi um tempo, porque estava tudo confuso para mim, e eu comecei a perceber que ele tinha mudado. Mas eu não sustentei a minha decisão (a decisão do pedido de tempo). Eu voltei atrás e pedi para que tentássemos novamente, no entanto ele não aceitou. Após muita insistência, ele me disse (insistência da parte dela), ele me disse que não voltaria porque ainda não tinha esquecido a ex-namorada. Você deve imaginar como eu me senti (imagino). Ocorre que, antes de pedir esse tempo pra ele, eu pedi uma resposta de Deus, que se os problemas que eu tive na minha viagem para a cidade dele

⁶² Estes e os próximos parêntes foram colocados aqui para destacar as interrupções e explicações de Sarah Sheeva no decorrer da leitura do e-mail da irmã que pediu o aconselhamento.

(a viagem de ida), perdi o voo, na volta a minha mala foi extraviada, que se esses problemas fossem da parte, da vontade de Deus, para algo bom na nossa relação, porque como eu sou advogada esse tipo de problema não é ruim (Hã? risos). Então eu pensei em grana para o casamento (meu Deus). Então, se fosse da vontade de Deus que a tal ação, (ação na justiça, ela entrou com uma ação na justiça), que a tal ação fosse para uma determinada vara (ela diz assim) e foi para a tal vara que eu pedi para Deus. (Né, se fosse da vontade de Deus que a tal ação que ela entrou na justiça fosse pra uma determinada vara que ela queria, e isso aconteceu, a ação foi para a vara que ela pediu para Deus, confirmando meu pedido, diz ela, tava confirmando o pedido dela.) Mas isso Sarah, não diminuiu a minha confusão. Após o término pedi um sonho com ele (pediu à quem, né?). Na mesma noite sonhei com ele me dizendo que ele era louco por mim. Também pedi uma palavra sobre realizar um concurso na cidade em que ele mora, o qual eu já havia decidido fazer quando ainda estávamos juntos (ou seja, ela estava fazendo, decidiu fazer esse concurso quando ela ainda estava com ele). E a palavra que eu recebi (que ela recebeu na bíblia) foi uma palavra tal e tal (eu não vou dizer qual foi a palavra porque o mundo é muito pequeno, então eu prefiro não citar a palavra. Segundo ela, Deus deu uma palavra pra ela na bíblia respaldando essa vontade dela de fazer concurso lá na cidade dele). Então, passei no concurso, mas como, passei como excedente da vaga, estou à espera para ser chamada. Pode ser que eu seja chamada, como pode ser que eu não seja. A dúvida é, Sarah, será que esses sinais são reais? Ou eu posso estar entendendo tudo errado? Já que nunca mais nos falamos, sendo assim acho que ele realmente não gosta de mim. Você acredita nesse tipo de sinal, ou você observa as circunstâncias? Ajude-me, por favor, eu sei que fiz tudo errado, desde o início, mas preciso de uma opinião sua. Assinado, fulana. (Não vou dizer o nome dela, é lógico)”.

Bom queridos, ai ai, é dose. Responder um e-mail desse, que tem tantas coisas óbvias, mas a auto defraudação ela tem vários efeitos sobre nós mulheres, sobre os homens também, mas sobre nós mulheres é muito pior. A

auto defraudação ela cega, né? Eu brinco com o pessoal, chamo isso de espírito de burrice, mas na verdade é um espírito de cegueira, né? É uma cegueira, é uma ignorância que vem, e muitas pessoas caem nessa ignorância. Ela começa o e-mail dela, dizendo que em outubro do ano passado ela começou a orar com esse rapaz, ela já tinha contato com esse rapaz pela internet, e já sabia algumas coisas da vida dele, como por exemplo, que ele ainda tinha mágoa, muito rancor da ex dele. Óbvio. Ela percebeu que ele sentia alguma coisa pela ex. Por que, gente? Porque uma pessoa que fala muito mal do ex, ou da ex, tá mostrando que não perdoou, tá mostrando que aquilo ainda dói, e se ainda dói, a ferida não tá curada. É óbvio, né? Aquilo ainda tá vivo dentro da pessoa. Aí ela continua o e-mail dizendo: "mas eu acreditei que ao me pedir para orar, estava tudo resolvido no seu coração". No coração do cara. Primeira coisa que você errou aí minha linda, esse primeiro, teu primeiro grave erro, você saiu acreditando em qualquer coisa. Você saiu acreditando. Não é assim! Não se acredita, em qualquer coisa, assim, que o cara fala. Não é assim, meu bem! Sabe? Ele pediu pra orar com você? Tudo bem, não se feche, mas guarde o teu coração. Sobre todas as coisas que se deve guardar, guarde o teu coração. O que quer dizer isso? Provérbios 4:23⁶³, quando fala pra gente guardar o coração, está falando pra gente guardar os nossos pensamentos, coração na bíblia é alma. Nossas vontades estão na alma, nossos desejos, nosso querer, nossos sonhos, fica se fantasiando. Primeira coisa, você não guardou teu coração. Você acreditou, acreditou naquilo que queria acreditar, né? "Ah, ele já esqueceu ela". Você se iluiu. Continuando o e-mail dela, né? Ela diz: "depois de três meses eu fui à cidade dele". Meu bem, se você estava com ele, na internet, orando há três meses, eu não sei se você estava conhecendo ele há três meses, né, e totalizando desde a hora que vocês se conheceram pela internet até se encontrarem pela primeira vez são três meses, ou se você já conhecia ele antes e estavam há três meses orando, né? Primeiro, que

⁶³ Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida. Provérbios 4:23. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/pv/4>. Acesso em 25/03/2013.

oração é essa? Tá esquisito, eu acho, pelo que eu tô entendendo, você só conhecia ele há três meses. Porque vocês dois estavam extremamente carnais, como é que eu sei que vocês estavam carnais? Pelo que você diz aqui ó: "depois de três meses eu fui até a cidade dele e nisso aconteceu algo terrível (terrível mesmo), caímos em pecado". Querida, (risos), você já mostrou tudo, você não precisa, não precisava dar uma palavra, bastava você dizer isso, você já diz tudo com essa atitude sua. Quando você chegou lá, ele queria conhecer quem você era. Ele queria saber se você era uma princesa, que valeria a pena ele pagar o preço por você, ou se você era mais uma cachorra, como tantas cachorronas que tem por aí. Cachorra é assim mesmo, entendeu? A cachorra ela faz isso, ela não é difícil, ela é fácil, ela, qualquer um consegue alguma coisa com ela, só jogar um bom papo no ouvido dela, que ela cai, ela não consegue dizer não. Essa é uma característica da cachorra, entendeu? E o que você fez? Você agiu como uma cachorra. Sarah, você tá dizendo que eu sou cachorra?. Não, não, não. Presta atenção, eu creio que você realmente pode ser uma princesa, mas você não tem agido como princesa. Você está agindo, se comportando, pensando, sentindo e vivendo como uma cachorra. Esse é um comportamento de cachorra, querida, não de princesa! Você chegou na cidade dele. Primeiro, você beijou ele. Alô - ôu? Você acabou de conhecer o cara, você não sabe quem ele é; como é que você beija um homem? Beijo é uma coisa muito íntima, troca de saliva é o início da relação sexual, é uma coisa muito íntima. Não se beija um homem que você não conhece. Você só conhecia ele pela internet, na internet, tanto há um lado bom como você conversar e conhecer a pessoa sem um contato físico, como há o outro lado, negativo, que é as pessoas podem usar máscaras com muito mais facilidade, podem enganar com muito mais facilidade. Tem que tomar muito mais cuidado. Então, você já estragou tudo na hora que você chegou na cidade dele e permitiu que ele te beijasse, permitiu que ele te tocasse. Porque para o homem isso é um sinal, ainda que eles não dizem isso, ainda que eles não digam isso, eles não dizem isso para as mulheres, porque eles não são

bobos, eles são inteligentes, não é atoa que Deus escolheu os homens para serem o cabeça da mulher. Deus dotou eles de um racional que a gente não tem, eles são muito espertos. Eles observam a gente: vamo ver se ela vai ser fácil, vamo ver se essa mulher é mais uma. Ali você já destruiu suas chances, você já destruiu sua reputação com ele, você destruiu a tua imagem com ele. Então, isso foi grave querida, né? Quando você diz: "aconteceu algo terrível", ainda bem que você sabe que foi terrível. "Caímos em pecado". Bom, terrível. Aí, você diz assim, né, continuando, dirigindo diretamente pra você: "depois disso, Sarah, tudo ficou estranho. Eu me senti culpada". É o de menos se sentir culpada, você vai pra Deus, vai pedir perdão, pronto. Mas o pior é o que vem depois, ó: "tudo ficou estranho". Tudo ficou estranho, sim, porque você perdeu já todo o brilho da princesa, já saiu se oferecendo, ficou estranho mesmo. "Sarah, eu comecei a ficar dependente dele". Sim, querida, porque se houve orgasmo sexual no contato físico de vocês, há um casamento espiritual através do orgasmo, que eu explico na minha pregação sobre sexo, uma pregação que eu não posso filmar, ainda. Em breve eu vou lançar o livro sobre ela, então, eu não posso postar na internet, vocês tem que ir pessoalmente para ver. Então, com certeza você ficou dependente. Aí, você diz assim: "e duas semanas depois, Sarah, eu pedi um tempo, porque estava tudo confuso para mim, e eu comecei a perceber que ele tinha mudado". Sim, você pediu um tempo na esperança de que? Você percebeu que ele ia pedir um tempo, você quis pedir primeiro, foi isso? Medo de ser rejeitada, rejeitou. Não sei. "Ficou confuso porque ele tinha mudado", sim, claro que ele mudou, meu bem. Ele viu quem você demonstrou ser. Talvez você não seja aquela mulher que você demonstrou ser, mas você demonstrou e pra ele é isso que você é. Você passou essa verdade pra ele, comunicação é uma arte. Continuando o e-mail: "mas eu não sustentei a minha decisão". Lógico que você não sustentou, meu amor. Você não queria terminar com ele, você queria ficar com ele, você já tava totalmente envolvida, totalmente enlaçada. Tanto que quando você chegou na cidade você foi logo fazendo sexo. Você caiu, você

se entregou. Você casou com ele, sem conhecer ele. Claro que você não sustentou a decisão do pedido de tempo, né? Continuando: "eu não sustentei a decisão, e voltei atrás, e pedi pra que tentássemos novamente". Aí você acabou com a sua vida. Já tava ruim, mas você conseguiu fazer uma desgraça em cima da outra desgraça. Por quê? "Pedi para que tentássemos novamente, no entanto ele não aceitou". Olha o que você se expôs, pediu pra voltar, sendo que foi você que pediu pra terminar. Você sentiu que o cara não tava mais igual com você, em vez de você ficar quieta pra ver se ele ia terminar, não, você adiantou com medo da rejeição. Aí não aguentou, porque tava envolvida, foi atrás pedir. Hã? Meu Deus! Mendigando amor, você tá se comportando como uma mendiga, querida. Se você não é, você tá se comportando como uma. "E, no entanto, ele não aceitou". Óbvio que ele não aceitou, meu amor. Imagina a imagem que ele tem de você: mulher fácil, oferecida, mendigando amor, indecisa, não sabe o que quer, não tem amor próprio. Continuando: "Após muita insistência", insistência tua, né, da menina que me mandou o e-mail, gente. "Após muita insistência, ele então me disse que não voltaria comigo porque ainda não tinha esquecido a ex". O que que quer dizer isso? Quer dizer que você, meu bem, começou a dizer pra ele: por quê, por que você não volta comigo? Oh, meu Deus! E aí, ele, com certeza não queria dizer isso pra você, mas acabou tendo que dizer. Ainda bem que ele disse: eu não esqueci minha ex. Tava na cara, né? Só não vê quem não quer. Sarah, você [...].

Aconselhamento Sentimental nº2 - Pr. Sarah Sheeva – Parte 2 – 27/10/2010 (22.866 visualizações)

[...] eu não esqueci minha ex. Tava na cara, né? Só não vê quem não quer. "Sarah, você deve imaginar como eu me senti". Meu bem, você já devia ter se sentido assim, ó, quando você chegou na cidade. Na hora que ele tentou beijar você, você já devia ter se sentido ofendida ali. A hora que ele tentou

tocar em você, você deveria ter falado pra ele: opa, como é que é meu filho? Tá louco? Eu não sou dessas tuas não, meu bem. Eu sou diferente. Ali você já tinha que ter se sentido ofendida. Demorou, viu fofa? Demorou para você se sentir ofendida. "Ocorre que, antes de pedir esse tempo". Isso eu não entendi, "antes de pedir o tempo", quer dizer, antes de você, vê se eu entendi, "antes de você pedir pra ele um tempo (meu Deus) eu pedi uma resposta pra Deus, que, se os problemas que eu tive na minha viagem de ida pra cidade dele, onde eu perdi o voo, e na volta minha mala foi extraviada, se esses problemas fossem da vontade de Deus para algo bom na nossa relação, então que a ação na justiça fosse pra uma determinada vara pra que isso fosse como uma forma de confirmação de Deus, de que era de Deus". Meu bem, que loucura. Em primeiro lugar (risos), você pediu isso antes de pedir o tempo, você pediu o sinal de Deus, mas aí depois você pediu pra ele pra terminar. Quer dizer, você tem que se decidir, você não sabe se você vai, se você não vai. Antes você pede um sinal pra Deus, mas aí no meio disso você termina com ele. Então você esquece o sinal. Mas não, você terminou com ele e agora você quer reaver o sinal que você pediu lá atrás? Tá esquisito, tá completamente confuso. Agora vamos analisar o sinal, que sinal mais absurdo é esse, meu bem? Tem outros sinais que você pode pedir. Eu tenho uma amiga, que ela uma vez pediu um sinal pra Deus. Isso ela já era amiga do cara, entendeu? Não dá pra você começar um relacionamento se não existe amizade. Como diz a minha amiga Talita Gandra, se não serve pra ser amigo, não serve pra ser marido. Então tem que começar a amizade, amizade é o início de qualquer possibilidade. Quando ela já era amiga do cara, ela orou assim: "Deus, se por acaso for ele...". Olha só o sinal que ela pediu para Deus, ela não falou, ela orou em pensamento com Deus, em oração no joelho: "Senhor, eu te peço que quando ele vier me encontrar amanhã, ele traga uma torta de maçã". Não, uma torta de morangos. Ela conta que ele tocou a campainha dela, quando ela abriu a porta ele tava com uma torta de morangos na mão. Isso é um sinal, absurdo. Mesmo assim, não significa que seja de Deus. Por que Sarah? Porque eu já vi o diabo falsificar

sinais com uma precisão, gente. O diabo, ele é mestre em disfarces, ele é perito em disfarces, ele sabe, ele sabe fazer, assim, é, disfarçar, enganar. Ele é muito bom nisso. Então, não se pode confiar em sinais somente, os sinais vêm como mais uma confirmação. A tua mala foi extraviada na volta. Você diz assim que isso poderia ser bom, porque essa grana poderia servir para o casamento de vocês. Meu bem, você já tava pensando em casamento com o cara que você não conhecia. Isso é o que eu chamo de auto defraudação, de sonhar com uma coisa que não existe. E aí você diz que a ação que você entrou na justiça contra a empresa foi pra vara que você pediu, e que isso para você era uma confirmação do seu pedido. Pra mim isso não é uma confirmação do seu pedido. Pra mim você manipulou os sinais, que você queria que fosse assim e o inimigo aproveitou pra te confundir. Não veio de Deus pra mim isso, de jeito nenhum. Continuando o e-mail: "mas isso, Sarah, não diminuiu a minha confusão". Lógico, porque não veio de Deus. Deus não é Deus de confusão. Quando Deus dá um sinal, ele dá o sinal para tirar a confusão, não para aumentar a confusão. "Após o término, eu pedi um sonho com ele". Pra quem você pediu? Você pediu pra Deus? Meu bem, olha só, não é assim que funciona, Deus não é o nosso empregadinho, isso é humanismo gospel⁶⁴. Deus não é o gênio da lâmpada, Deus não é a varinha de condão do Harry Potter, entendeu? Não é: em nome de Jesus, Deus, eu quero, faz o que eu quero, me diz, me dá. Deus não oráculo pra responder a gente, não é carta de cartomante, de tarô, de gospel não. Não é assim: eu vou dormir, Deus me dá um sonho com ele. Não é assim que funciona. Deus dá o sonho se Ele quiser, na hora que Ele quiser. Você pode orar e clamar e não quer dizer que Ele vai responder porque não é na hora que você quer, é na hora que Ele quer. Ele é o Senhor, nós somos os servos. Ele manda, nós obedecemos. Cuidado! Porque nisso que você pede um sonho com o cara, quem pode muito bem sondar o teu sonho, porque os demônios tem acesso

⁶⁴ O Humanismo Gospel coloca Deus a serviço do homem e não o contrário. No Humanismo Gospel o homem ganha sempre e seus caprichos devem ser sempre atendidos, afinal, ele é "filho do rei". Disponível em: <http://www.pastorramundocampos.com/2011/02/humanismo-gospel.html>. Acesso em 27/03/2013.

aos sonhos, e como tem. É o diabo que pode sondar o teu sonho. Olha o que você diz: "após o término eu pedi um sonho com ele e na mesma noite eu sonhei com ele me dizendo que era louco por mim". Na psicologia, todo mundo sabe que os sonhos também podem ser os medos e os desejos mais profundos da gente. Qual era o teu desejo mais profundo? Tá aí, no teu sonho, que ele dissesse para você que era louco por você. Isso não tem nada de Deus, não tem nenhum sinal de Deus nisso. Isso era seu inconsciente, sua alma, suas emoções, denunciando no sonho o que você sentia e o Diabo usou isso pra te confundir ainda mais. Continuando o e-mail: "também pedi uma palavra sobre realizar um concurso na cidade em que ele mora, o qual eu já havia decidido fazer quando ainda estávamos juntos". Quer dizer, querida, eu fico chocada como é que você pôde ter feito isso com você. Tipo assim, já tava arrumando um concurso pra fazer na cidade dele. Tipo, já tava fazendo tudo pra ficar perto do cara. Meu bem, não é assim. Isso não é comportamento de princesa. É o homem que vai até você, ele que tem que demonstrar esforço por você. Você já tava babando, lambendo o pé dele já, igual cachorra. Como assim, meu amor? É o fim isso, que falta de princesisse. E aí você diz que a palavra que Deus te deu na bíblia foi uma palavra tal e tal, confirmando. Hã? Não tem nada de confirmação nisso. E então você passou no concurso, mas passou como excedente de vaga, livramento puro de Deus, e tá a espera pra ser chamada, pode ser que você seja como pode ser que você não seja. Livramento de Deus que você não foi chamada. "A dúvida é, será que esses sinais são reais?". Querida, não tem sinal nenhum aí, o único sinal que eu tô vendo tá bem estampado na tua cara, esfregando assim na sua cara. Sabe qual é o sinal que eu tô vendo? O cara dizendo na sua cara: ei, eu não gosto de você, eu já tive o que eu queria com você, eu já dormi com você, já te dei uns amassos, já provei, chupei o caldo e já joguei o bagaço fora da laranja. Sarah, você tá acabando comigo. Não, minha amada, eu estou acordando você. Quem ama fala a verdade. Amigo não é aquele que passa a mão na nossa cabeça, amigo é aquele que fala a verdade. Você precisa acordar, acorda e se converte. Para de ser

cachorra, se torne uma princesa a partir de agora, em nome de Jesus. Porque se você não acordar, você vai repetir isso de novo. Porque você demonstrou ser uma mulher extremamente fraca nas tuas emoções, fracas nas tuas decisões. Por Jesus! Qualquer papinho, qualquer conversa fiada tá de deixando mole. Que que é isso, minha filha? Tá tudo errado. Não fique ferida comigo, eu falo isso por amor, é o que eu gostaria que alguém falasse pra mim se eu tivesse no seu lugar. Eu queria que me acordassem, eu estou te acordando. "A dúvida é, será que esses sinais são de Deus, ou será que eu posso estar entendendo tudo errado?". Tá entendendo tudo errado, meu amor. Isso se chama auto defraudação. "Já que nunca mais nos falamos". Hã? Você ainda tem dúvida? Ele nunca mais te procurou, querida. Homem não se conhece pelas palavras que eles dizem, se conhece pelas atitudes. Eles não demonstram o que sentem com palavras, e sim com atitudes. Quem ama casa, meu amor, quem ama não fala eu te amo, quem ama casa. "Sendo assim, Sarah, acho que ele realmente não gosta de mim". Acho não, certeza, querida, ele não gosta de você, não gosta, óbvio. Ele está demonstrando isso com as atitudes de não lhe procurar. "Você acredita nesse tipo de sinal ou observa as circunstâncias?". Eu acredito em sinais, claro que eu acredito, mas isso, que você relatou, não são sinais, meu amor, não são sinais. Você tá confundindo, você tá colocando qualquer circunstância como um sinal de Deus. Tá igual a história da irmã, que o cara toca na igreja, ela olha pra ele, elege ele, na auto defraudação, é ele, é ele, é ele, e aí ela ora, no meio do culto: senhor, se ele olhar pra mim agora, é porque é ele. Aí o cara olha pra igreja, ela acha que ele tá olhando pra ela e diz: eu creio, amém, foi confirmação de Deus. Hã? Pirou, né? "Sarah, ajude-me, por favor". Tô te ajudando. "Eu sei que eu fiz tudo errado". Sabe mesmo? Você sabe que você fez tudo errado? Eu preciso que você realmente entenda o quão cega você estava quando você fez tudo isso. Porque apesar de você dizer que sabe que fez tudo errado, você escreveu tudo isso que você escreveu pra mim. É um espírito de confusão muito grande aí na sua mente. E qual é a motivação desse espírito de confusão? O que que gera? A tua insegurança, o quanto

you do not feel deserving of love, the more you despise, the more you do not know who you are in God. Jesus died for you. You do not know who you are? You are accepting any crumb, humiliating, humiliating, humiliating. My grandmother already said a terrible proverb, she said: who humbles himself too much disappears, do not talk the name of the thing. You humiliate, you humiliate, you humiliate, it is appearing already. What is this! "I know I did everything wrong, Sarah, from the beginning, but I need your opinion". I already gave you my opinion, I hope you do not get hurt with this. I hope you understand that this is love, love is to talk the truth, love is not to touch the head. Friend is not that when people are with a piece hanging from the nose makes people pay the price, friend is that who says: take that piece from your nose. Friend is not that when you are with the zipper open, everyone is laughing at your face and the friend leaves. No, this is not friend. Friend is that who talks to you: your zipper is open. Friend is that when you have a bean in the middle of the tooth, talks to you: clean your tooth. It is what I am trying to do with you now. Remember, dear, to value, to convert. Sarah, but I am converted. It happens that when you do not value, you are despising the sacrifice of Jesus for you. Because he died for you and you are treating yourself as anything. You have to know that you are a princess. In the name of Jesus. It is good? That God blesses you. That this advice can serve for all people, especially all women. That God blesses each one of you. Each one of you, also the brothers men. In the name of Jesus, amen.

**Aconselhamento Sentimental nº3 – Pra. Sarah Sheeva - 30/09/11
(109.892 visualizações)**

Olá, queridos. Finalmente vamos voltar a responder os aconselhamentos aqui pelo youtube. Envie a tua pergunta, envie o teu pedido de aconselhamento e lembrando que eu não vou falar os nomes e não vou falar a cidade, pra evitar que você seja reconhecido ou reconhecida, ok? Ah, o pedido de aconselhamento é de uma irmã e ela diz assim:

“Bom dia, Sarah, meu nome é Fulana, sou da cidade tal e fui a uma pregação tua, mas essa pregação ela era mais direcionada para solteiros (ou seja, ela deve ter ido a ministração sobre defraudação emocional que é direcionada principalmente para solteiros e líderes). E ela diz assim: minha dúvida é a seguinte, sou separada há 6 anos, mas eu amo o meu ex-marido. Nesses 6 anos, mesmo separados eu ficava com ele as vezes, mas aí descobri a pouco tempo que ele tem namorada fixa e resolvi me afastar dele. Ele diz que me ama e que vai terminar com a outra, mas infelizmente ele não desgruda dela. Eu não sei o que fazer, sou cristã há 2 anos e o Espírito Santo já usou pessoas para falar que Deus vai restaurar o meu casamento. O que você acha, poderia me ajudar?”.

Com certeza, querida. Ah, primeira coisa que eu posso te ajudar, né, te falando é que eu creio realmente na restauração, creio. Porém, ah, muitas vezes existe um tempo e este tempo está ligado a decisão da outra parte, da outra pessoa, nem sempre a mulher ou o homem que está lutando pela restauração do casamento tem disposição para aguentar, e para esperar, para suportar o tempo que vai demorar esta restauração. As vezes demora um tempo maior do que a pessoa espera e as vezes a pessoa não resiste. Com certeza Deus restaura, porém existem outras coisas que implicam né? Você precisa orar e buscar de Deus, em primeiro lugar se realmente é da vontade de Deus. Por quê? Mas Sarah, sempre Deus não quer que restaure? Bom, se você era uma pessoa ignorante, era uma pessoa que não conhecia o Senhor e se separou, Deus não leva em conta o tempo da ignorância e realmente as

vezes é até um livramento que Deus tá te dando. As vezes esse homem não quer nada com Deus e é horrível um relacionamento onde você e a pessoa não tem a mesma fé. Cada caso é um caso, precisa ser analisado. Como você não me deu muitos detalhes, eu estou me baseando por suposições aqui, mas como eu te disse no começo eu creio na restauração de Deus, se for realmente a vontade de Deus essa. Porém tem algo aqui muito interessante de se falar porque isso pode ajudar muitas pessoas que estão no mesmo caso que você. Você diz assim: “sou separada há 6 anos”. Ok. Então pelo que eu entendi, tem 6 anos que você se separou do homem com quem você foi casada. Eu não sei, você não diz aqui se você realmente era casada com ele ou se você vivia amasiada com ele. Algumas pessoas pensam que amasiado e casado é a mesma coisa e não é. Uma pessoa amasiada é uma pessoa que simplesmente se uniu, se juntou e nunca se casou de verdade, ok? Eu espero que você esteja falando de um casamento verdadeiro. Aí você diz assim: “mas eu amo o meu ex-marido e nesses 6 anos, mesmo separados, de vez em quando eu ficava com ele”. Aí é que está um problema muito sério, um problema muito grande. Primeiro você dizer que você o ama, eu entendo perfeitamente, acho que você deve lutar por isso, lutar pela restauração, Deus realmente pode te dar. Agora, lutar em primeiro lugar pra que ele possa se converter, ok? Pra você então começar um relacionamento com alguém convertido e Deus fazer essa obra restauradora completa. Porém quando você diz que nesses 6 anos separada dele você ficava com ele, né? Pra quem não sabe ficar, né, é uma gíria que significa dar uns beijos na boca, até as vezes mesmo fazer sexo, né, partir pra uma intimidade, começar a ter uma intimidade até maior do que beijo na boca e isso, no mundo né, as pessoas chamam de ficar, é uma gíria e você diz que você ficava com ele as vezes. Querida, aqui você acabou com a tua vida. Primeiro, você foi casada com ele, você foi a esposa dele, pelo que eu tô entendendo aqui. Você teve a honra de ser esposa dele e de repente você dispôs a virar amante dele? Você nunca poderia ter aceitado isso, porque no momento em que ele se separou de você, ele te, vamos dizer que ele abriu mão de você, ele te deixou, ele

realmente não quer mais estar com você. Quando você permite que ele te toque não sendo casado com você, você está se rebaixando ao que eu sempre chamo de cachorra. O que é a cachorra em outras palavras? Mulher fácil. Você ali perdeu todo o valor pra ele, aquela mulher que você foi, com quem ele foi casado, você se reduziu à abaixo de abaixo, isso aí você destruiu tuas chances com ele, destruiu a admiração que ele poderia ter por você. A primeira coisa que você deveria ter feito, ao perceber que ele ainda te procurava, que ele ainda te desejava, era ter colocado a condição pra ele: olha, eu não ficarei com você, eu não sou mulher disso, eu sou tua esposa, eu não sou mulher de você ficar, de você dar uns beijinhos na boca, de você ter uma noite, eu sou tua esposa. Ali você deveria ter se portado, se comportado como uma princesa casada. E aí você se rebaixou, e isso destruiu com certeza as tuas chances de recuperar o teu casamento, porque você destruiu as tuas chances de recuperar o coração deste homem, né? Ele olhou pra você e viu você miserável, emocionalmente falando, migalhas emocionais, aceitando qualquer coisa dele, e isso aqui é que está revelando o grande problema no teu relacionamento. Eu posso imaginar que se você aceitou depois de separada comer essas migalhas emocionais, imagina o que você não aceitou dentro do casamento também, né? E aí você fala que, depois de ter ficado com ele várias vezes durante esses 6 anos separados, você descobriu que ele tem uma namorada fixa. Querida, é lógico que ele tem uma namorada fixa, ele colocou você como amante dele, né? Existem muitos homens que fazem isso, eu costumo dizer que são homens que fazem coleção de mulher, eles não querem perder nenhuma delas. Eles sempre elegem uma pra ser a principal e as outras fazem parte da coleção que de vez em quando eles vão ali e ciscam, e isso revela o caráter dele, revela que ele não é um homem que tem um bom caráter. Pode ser transformado? Pode, com certeza pode ser, mas isso aqui revela que ele é um cara problemático. Você tem certeza que é isso que você quer? Porque eu acho que você queimou o teu filme com ele de uma forma terrível, se sujeitando durante 6 anos, não foram 6 meses querida, 6 anos você acostumou mal ele,

acostumou ele a ter você sem pagar nenhum preço por você. Sem literalmente fazer nenhum esforço, preço quer dizer esforço por você. Absolutamente ele não teve que fazer nada por você, ele simplesmente teve você, mesmo depois de separado, isso aqui realmente é muito ruim. Por quê? Porque essa moça com quem ele está namorando, ela representa a pessoa que agora ele escolheu ter um compromisso e você não faz parte, né, dessa lista. Ele quer você só pra ter um caso de vez em quando. Eu não tenho paz disso aqui, eu acho que você realmente precisa orar e buscar à Deus uma direção específica nesse sentido. E aí você diz que ele realmente não desgruda dela e que ele diz pra você, vamos lá, que ele tem essa namorada e que você resolveu se afastar dele, e que ele diz que te ama. Querida, não acredite em palavras, homens não expressam e não revelam o que sentem de verdade com palavras; homens revelam o que eles sentem com atitudes. As atitudes dos homens revelam quem eles realmente são e o que eles querem e o que eles sentem. Eles podem falar: ah, eu te amo, eu te amo. Não acredite, acredite na atitude. Qual é a atitude dele? Ele está com quem, com ela ou com você? Com ela? Então ele não ama você, ele ama ela, ok? Não acredite nisso. Ah, mas Deus pode restaurar. Pode, mas primeiro você tem que restaurar a tua reputação, você queimou a tua reputação com ele, você simplesmente passou 6 anos queimando o teu filme, então você primeiro tem que restaurar isso, ok? E aí você diz que ele mesmo dizendo que te ama não desgruda da outra, ou seja, a atitude dele tá falando mais alto, né? E é isso que você tem que levar em consideração. E aí você diz: “eu não sei o que fazer, sou cristã há 2 anos”. Quer dizer, desses 6 anos, 4 anos você não era crente e mesmo assim, depois de convertida, você ainda insiste nesse relacionamento? Durante esses 6 anos, mesmo depois de convertida, você continuou saindo com ele? Cadê os teus pastores? Você levou isso pros teus pastores? Cadê a tua liderança que não te orientou? Claro, deve ter acontecido alguma coisa. Se você pediu o conselho deles, eles devem ter te orientado. Não sei se você pediu, né, não posso julgar daqui porque eu não sei dessa informação. Porém, como assim 2 anos,

desses 6, durante 2 anos desses 6 anos você era crente e não teve essa orientação. E aí você termina dizendo: “sou cristã há 2 anos e o Espírito Santo já usou pessoas”. Pera aí, vamos parar por aí. Cuidado, porque muitas vezes a gente quer colocar Deus numa situação que a gente não tem certeza se Deus está. “O Espírito Santo, Sarah, já usou pessoas para falar que Deus vai restaurar o meu casamento, o que você acha?”. Vou te dizer o que eu acho: as vezes não é o Espírito Santo, as vezes a alma das pessoas, se as pessoas querem te dizer algo para te encorajar, ou até mesmo para te agradar e é o que a gente chama de “profetadas”⁶⁵, né? Palavras que a pessoa diz na alma, no sentimento e não no espírito, não debaixo do espírito, governo do espírito. Então cuidado, porque as vezes as pessoas te disseram isso apenas para te agradar, né? Ore, busque a Deus nesse sentido, o que eu acho é que você deve, em primeiro lugar, cuidar da tua autoestima que tá muito, muito destruída, que você realmente se rebaixou muito. Você deve orar e pedir perdão à Deus por você ter passado por esses 6 anos, essa humilhação, de depois de ter sido casada com esse homem, ter se tornado amante dele. Peça perdão à Deus, vá até ele, peça perdão a ele, porque você deu um mau exemplo de cristã pra ele, e diga: olha, quero te pedir perdão, porque eu já era convertida, eu continuei saindo com você, pra que ele possa ter uma oportunidade de ver Jesus em você, ok? E comece a pagar um preço de santidade, ser uma mulher santa, se guardar que o Senhor vai te honrar. E que se tiver que realmente Deus restaurar esse casamento, Deus vai alcançar este homem e este homem vai se converter e Jesus vai trazer ele convertido, te respeitando e te tratando com uma princesa que você é e que você merece ser tratada dessa forma, em nome de Jesus, tá querida? Que Deus te abençoe.

⁶⁵ As aspas foram transcritas aqui porque no vídeo a pastora faz sinal de entre aspas com as mãos.

Aconselhamento Sentimental nº4 – Pra. Sarah Sheeva - 26/10/11
(255.743 visualizações)

Olá, queridos. Estamos aqui para mais um aconselhamento, lembrando que eu não vou falar os nomes, nem o local, nem a data, lógico, pra não expor, porque cada aconselhamento responde a muitas perguntas. Talvez essa seja a tua dúvida, essa seja a tua crise, o momento que você tem vivido, então talvez eu possa lhe ajudar também, respondendo a essa irmã que me enviou o pedido e sirva pra você, não sei, espero que dê certo. Vamos lá, ela diz assim:

“Oi Sarah, meu nome é Fulana, sou da igreja tal, tal lugar, a qual você ministrou no final de semana tal. Bom Sarah, eu queria conversar com você pessoalmente, mas como eu não sei se vou ter esta oportunidade, resolvi escrever, preciso muito da tua ajuda, conselho e oração. (Vamos lá. Então ela começa a contar a história dela que é de arrepiar, olha a história dessa irmã). Sarah, eu namorei um rapaz durante 5 anos, quando começamos a namorar ele não era crente, porém ele já conhecia um pouco da palavra por, às vezes, frequentar à igreja. Depois de 1 ano e meio de namoro ele resolveu se batizar por vontade própria, eu nunca o influenciei nessa decisão dele e ele se tornou uma bênção dentro da igreja, fez seminários de intercessão na Neusa Tioca (que é um nome hoje respeitado, a pastora Neusa é uma bênção, ou seja, falar que fez o seminário da pastora Neusa⁶⁶ é uma pessoa que, né, não é qualquer pessoa não), entrou no ministério de intercessão da igreja, enfim, ele se converteu de verdade, Sarah. Porém Sarah, depois que eu ouvi a tua ministração, eu percebi que ele fez tudo cedo demais, pois não tomou o leite e já foi direto pro filé, entende?, risos. Mas mesmo assim ele

⁶⁶ O ministério Ágape Reconciliação é liderado pela Dra. Neuza Itioka, bacharel em Teologia (Faculdade Metodista Livre), formada em Pedagogia pela USP e doutora em Missiologia pelo Seminário Teológico Fuller (Pesadena, California, EUA). Desde 1988 cumpre o seu chamado específico na área de Libertação e Cura Interior, atuando na área de batalha espiritual, a serviço do corpo de Cristo. Presidente do Ministério Ágape Reconciliação, tem treinado intercessores e libertadores e ativado pessoas para atuarem na área de batalha espiritual. Também coordena a Associação Transformação Brasil e pertence à Glory of Zion International, sob o comando do Ap. Chuck Pierce, cobertura e filha/herdeira do Ap. Rony Chaves. Disponível em: <http://www.agapereconciliacao.com.br/v3/equipe.asp?expandable=0>. Acesso em 31/03/2013.

era uma benção, um ótimo namorado, um bom filho pra mãe dele, um amigo extraordinário, enfim, todos gostam dele, onde ele for ele é um rapaz cativante, nós sempre nos amamos demais, era bem visível o amor que sentíamos um pelo outro, porém o nosso relacionamento nunca foi um mar de rosas, a gente se dava bem, ele sempre fez tudo por mim, ele me tratava com toda atenção e carinho, porém brigávamos muito por eu não confiar nele. Eu não confiava porque no começo do nosso relacionamento, muitas vezes, ele mentia pra mim, me deixava em casa pra sair com amigos do mundo e muitas vezes até eu ouvia dizer que ele me traía, mas ele nunca confessou isso pra mim, ele sempre negou a traição. O Fulano (o namorado dela), ele não conhece o pai, a mãe dele sempre fala que ele (o pai do Fulano, o pai do namorado dela) é um galinha, que pega todas as mulheres e que ela nem sabe quantos filhos ele tem por aí. Fala que ele é um homem sem caráter nenhum (ou seja, mau caráter, todo mundo tem caráter, ou bom ou mal caráter). Bom, o tempo passou e resolvemos marcar a data do casamento. No dia que faltava 1 ano para o casamento, nós combinamos de nos encontrarmos para orar. Ele veio até a minha casa, mas ele parecia meio ansioso, com pressa, ele fez uma oração bem rápida e foi embora, só que meu coração não ficou em paz, Sarah, e quando ele foi embora, passou uns 20 minutos e eu liguei na casa dele e a mãe dele disse que ele tinha saído. Aí meu coração bateu muito forte e nessa hora senti que tinha algo errado, peguei o carro do meu pai e saí procurando ele em todos os lugares que eu imaginava que ele poderia estar, mas não o encontrei. (Olha onde vai dar a situação). Quando eu estava voltando pra casa senti algo dentro de mim dizendo: vai até o estacionamento do prédio onde ele mora. Então eu pensei assim, ahh não vou não, ele não vai estar lá, mas a voz insistia: vai no prédio. Aí eu fui, chegando lá estava chovendo, eu vi o carro dele estacionado, passei direto pelo carro e fui em direção à escada do apartamento dele. Só que eu ouvi a voz mais uma vez dizendo: vai lá no carro. Aí eu fui, voltei e fui no carro e quando eu cheguei no carro que eu bati no vidro, o carro tinha insulfilme, por isso não dava pra ver nada

dentro. Quando eu bati no vidro, ele abriu o vidro bem devagar e para minha surpresa ele estava dentro do carro com uma garota. (Aí ela diz assim) Surpresa nada né, Sarah, Deus já tinha até me falado. Ele não conseguia Sarah, olhar pra mim direito, ele estava branco, pálido, não imaginava que eu ia chegar ali. Quanto a garota (em relação a garota, que estava no carro com ele), quando ela me viu ela saiu correndo do carro, não deu nem tempo de falar com ela. No começo ele dizia que não tinha ficado com ela, que estavam apenas conversando e que ela era apenas uma amiga, mas depois ele começou a chorar e dizer que ele não valia nada mesmo, que ele era um ninguém, que ele não sabia porque ele estava fazendo aquilo, que ele me amava muito, e começou a chorar muito, soluçava, de repente ele foi perdendo o ar (olha essa história), foi desfalecendo, e ficou paralisado, estava com os olhos fechados, quase sem respiração, só escorrendo a lágrima no olhar. Eu comecei a chamar o nome dele, ele não respondia, fui ficando desesperada, tive a impressão que ele ia morrer. Foi quando eu tive a ideia de ligar pra líder da intercessão do ministério que ele fazia parte. Ela pediu pra eu colocar o telefone no ouvido dele, ela começou a falar o salmo 23⁶⁷, pedia pra ele repetir, e nisso começou a entrar um monte de bichinhos no carro. Depois de muito custo ele começou a repetir bem devagar, ele parecia bêbado, aí começou a entrar uns mosquitos no carro, falando aos poucos e ele foi voltando ao normal. Quando ele voltou a si, ele me pediu perdão e falou que eu podia confiar que daquele dia em diante ele nunca mais ia me fazer sofrer e que a gente ia casar e ser muito feliz, que eu era a mulher da vida dele. Depois disso, ele realmente mudou muito comigo, a

⁶⁷

Salmo 23.

1 O SENHOR é o meu pastor: nada me faltará.

2 Ele me faz descansar em pastos verdes e me leva a águas tranqüilas.

3 O SENHOR renova as minhas forças e me guia por caminhos certos, como ele mesmo prometeu.

4 Ainda que eu ande por um vale escuro como a morte, não terei medo de nada. Pois tu, ó SENHOR Deus, estás comigo; tu me proteges e me diriges.

5 Preparas um banquete para mim, onde os meus inimigos me podem ver. Tu me recebes como convidado de honra e enches o meu copo até derramar.

6 Certamente a tua bondade e o teu amor ficarão comigo enquanto eu viver. E na tua casa, ó SENHOR, morarei todos os dias da minha vida.

gente parou de brigar, ele tava uma benção na igreja, aceitou ser discipulado e ficou tudo bem. Porém Sarah, depois desse dia, eu não consegui mais confiar nele plenamente, eu mostrava pra ele que eu confiava, mas na verdade eu não confiava mais, mesmo ele mostrando mudança. Porém continuamos em frente, mesmo eu tendo essa desconfiança toda com ele. Depois disso, Sarah, nós orávamos bastante pelo nosso casamento e Deus começou a nos abençoar. Nós ganhamos tudo, a nossa casa já estava mobiliada, completa, ganhamos tudo, ganhamos o salão de festa, ganhamos a filmagem, enfim, Deus nos deu tudo, até que um dia faltando 4 meses para o casamento (4 meses faltavam), eu já tinha até o vestido de noiva, estava tudo pronto, então nós tivemos uma briga feia por eu desconfiar que ele estava mentindo pra mim, e a mãe dele estava no meio dessa briga, por algo que ela tinha me falado, e a mãe dele não aceitava o nosso casamento, ela é muito possessiva. Aí ele chegou pra mim e disse que queria terminar, porque ele não podia casar com uma mulher que não confiava nele. Eu pensei que fosse algo passageiro, e pensei que logo nós iríamos voltar, só que isso Sarah já vai fazer 1 ano mês que vem e não voltamos nunca mais. Eu entrei em crise, perdi vários quilos, fiquei super magra, sem saúde e não conseguia me conformar, pois eu acreditava na promessa de Deus na minha vida e eu pensava: como assim? Como eu não ia mais casar? Nesse 1 ano foi uma luta constante, eu tentando esquecê-lo, eu nunca consegui Sarah, é bem mais forte do que eu, e a esperança sempre está no meu coração. Hoje eu não consigo nem ouvir falar de casamento que o meu coração dói. Várias amigas minhas casaram depois disso e eu não consegui ir no casamento delas. Naquele casamento de uma amiga minha que eu consegui ir, eu chorei tanto quando eu cheguei em casa, chorei muito. Nesse 1 ano que estivemos separados ele me procurava as vezes, (agora que vem o pior, gente, olha bem) e a gente acabava ficando (ai Jesus), por isso minha líder me colocou [...] (gente eu tenho que rir porque é o seguinte, é inacreditável, olha essa história), por isso a líder dela da igreja colocou ela no banco, por esse pecado, que ela ficava com ele, porque ela faz parte do ministério de dança

(ela faz parte do ministério de dança, eu sempre falo, ministério de dança é pra mulheres casadas, não é pra menina solteira. Como é que você vai adorar com o corpo se você não tem a brecha do corpo fechado, que é o casamento, é o que fecha a brecha, mas tudo bem, vamos prosseguir, ela era do ministério de dança, ok), foi quando então Sarah eu perdi a vontade total de ir pra igreja. No final de ano agora, em dezembro, então, ele me convidou (o namorado), me convidou, o cara que já não era o namorado dela, que ela ficava de vez em quando, ele me convidou pra passar a virada de ano com ele na praia, Sarah, e eu fui. E lá (olha o que ela fez), nós caímos em pecado, tivemos relação sexual (ela coloca com exclamação pra mim), tivemos relação sexual (ela tá colocando). Quando voltamos de lá, Sarah, nunca mais nos vimos, apenas nos falamos por telefone e e-mail, ele diz que não quer me ferir por saber que eu ainda gosto dele, ele diz que prefere se afastar por isso. Porém, Sarah, ele quer saber como eu estou, demonstrando preocupação por mim, e depois que a gente se separou ele voltou pro mundo, Sarah, ele está fazendo tudo que desagrada ao Senhor. Ele faz isso para se divertir, Sarah, esquecer dos problemas, tá? Mas nessa Sarah eu também acabei me desviando um pouco, comecei a curtir as coisas do mundo também e hoje eu entendo, depois da tua ministração, que foi a transferência de espíritos na hora do ato sexual (diz ela, porque tem uma das ministrações do Congresso de Santificação nível 1⁶⁸, que eu explico isso, não só à luz da Palavra, mas também à luz da Ciência). Então desde dezembro eu não ia pra igreja, quando eu soube que você ia ministrar o Congresso, eu faltei ao trabalho pra ir na tua ministração, então estou crendo que Deus vai te usar para me aconselhar. Resumindo, eu ainda amo demais esse cara, Sarah, eu sonho com a transformação da vida dele, eu sonho com a gente casando, essa é a minha vontade, pois toda vez que eu penso e oro por ele, meu coração se enche de esperança e eu me lembro de todas as promessas que o Senhor fez para nós. Todos falam para eu esquecer

⁶⁸ Na ministração do Congresso de Santificação nível 1, Sara Sheeva fala sobre “Sexo e Transferência de espíritos”. Informação disponível em <http://sarahsheeva.wordpress.com/>. Acesso em 31/03/2013.

ele, que ele não agiu certo comigo, mas toda vez que eu decido esquecer, algo me incomoda, não me deixando esquecer. Na primeira ministração que você fez eu fui na frente, orava com toda fé, que eu não quero mais querer o que eu quero, que eu quero querer o que tu queres pra minha vida (é uma oração que eu ensino). Porém Sarah, quando eu orava isso eu não conseguia parar de pensar no Fulano, eu me sentia egoísta por não estar orando por ele, por eu estar ali recebendo algo de Deus e ele não. Toda vez que eu penso nele meu coração se enche de esperança e eu não consigo nem olhar pra ele com raiva, pelo contrário, eu olho pra ele com uma tremenda compaixão e não consigo acreditar que tudo que ele viveu com Deus foi uma mentira, por tudo que ele está fazendo hoje. Eu creio que ele está tomado de demônios, que ele ouve muito samba, muito pagode do mundo, sempre ouviu, quando ele cair na real, Sarah, e ver o buraco que ele caiu, sei que ele vai se arrepender muito, e eu não quero virar as costas pra ele, Sarah, você tá me entendendo? (Tô, querida, eu tô). Quando você falou sobre o espírito de burrice, Sarah, e deu o exemplo daquela menina que era apaixonada por um rapaz que traía ela, e ela dizia: eu sei mas eu amo ele mesmo assim, não consigo esquecer; Sarah, eu me identifiquei muito, mas realmente é isso que acontece, eu não consigo esquecer, já fiz de tudo, é algo bem mais forte que eu, o amor que eu sinto (olha o que ela chama de amor). Eu preciso de ajuda, Sarah, meu coração dói tanto, saudade, mas as vezes eu fico até com falta de ar. Sarah, sei que eu não (olha o que ela diz no final), sei que eu não consegui passar nem a metade do que eu queria passar pra você (imagina se conseguisse), mas já deu pra você conhecer um pouco da minha história, né? Será que você pode me ajudar a passar por esse deserto? Desde agora eu quero te agradecer pela tua ajuda, eu fui muito abençoada nesses 3 dias do congresso, você é especial. (Obrigada meu amor, Deus te abençoe, eu creio que o Senhor vai mudar a tua história a partir desse momento aqui, porque ele pode me usar mesmo na tua vida). E aí ela fala que convidou o rapaz e ele não foi (lógico), e enfim e assina um beijo, que Deus te abençoe (que Deus te abençoe também). Fulano”.

Ok, vamos lá. Primeira coisa que eu quero te dizer, querida, é o seguinte. Você diz aqui que quando você pensa nele, você fala que teu coração se enche de esperança. Você diz que você ama muito ele e que a tua vontade é ficar com ele porque toda vez que você ora por ele, teu coração se enche de esperança. Primeira coisa que eu quero te indicar é que você reveja novamente, veja e reveja, veja e reveja a ministração sobre governo da alma e governo do espírito⁶⁹, porque você está muito amática, querida você está muito no eu sinto, no eu quero e no eu penso, sai desse lugar. Você precisa entrar num lugar de eu creio, lugar daquilo que Deus diz, porque as vezes a nossa alma nos engana com esse negócio de eu sinto. Deus, ele não é Deus de confusão, Deus nunca vai querer pra você um relacionamento com um homem que te faz mal, um relacionamento com um homem que te prejudica, isso não vem da parte do Senhor pra tua vida. Então você começa, logo no comezinho aqui do e-mail você começa me contando que você namorou ele por 5 anos e quando vocês começaram a namorar ele não era crente, porém ele já conhecia um pouco da palavra por ele, por as vezes frequentar a igreja. Eu percebi que todo o teu e-mail você explica o tempo todo, você fala uma coisa ruim e você logo depois explica. Eu percebo nisso uma forma que você tem de justificar pra você mesma e pra mim né, pensando que você vai conseguir me tapear como você se tapeou esse tempo todo. Você pensa que eu vou também cair nessa conversa dele. Ele é muito bom de lábia, esse cara que você namorou e você caiu na lábia dele, você é muito boa pra cair na lábia e ele é muito bom de falar. Eu não tenho essa fraqueza, eu já treino ó, há anos meu amor, canto a musiquinha: palavras não tem valor, atitudes tem valor; não entra no meu ouvido, eu quero ver a atitude. E as atitudes dele mostram quem ele é. Um homem nunca nos conhecemos pelas palavras, os homens sabem o que as mulheres gostam de ouvir e sabem que a gente cai pelo ouvido, então você não pode acreditar no que um homem diz, você tem que ver o que ele faz. Você verá quem ele é pelo caráter dele,

⁶⁹ Ministração disponível em: <http://momentosdeuncao.blogspot.com.br/2010/07/pregacao-o-governo-da-alma-x-o-governo.html> . Acesso em: 31/03/2013.

na atitude dele. Quando você diz que ele não era crente, você já começou errado. Primeiro que você nunca poderia começar um relacionamento de namoro com um homem que não é cristão, porque isso é jugo desigual⁷⁰. Ah, mas eu não poderia ganhar ele pra Jesus? Ganhe primeiro, veja os frutos dignos de arrependimento e depois comece a namorar, ok? Não caia nessa bobeira, nesse engano, nesse erro de você achar que você pode namorar um ímpio, porque as vezes um homem se apaixona pela mulher, finge que se converteu somente pra ter o que ele quer da mulher e logo depois tem algumas que se casam com homens assim e depois que eles se casam com elas sabem que elas vão ter que se submeter a ele, que que ele faz? Proíbe ela de ir à igreja. Não é de Deus, cuidado, não entre nessa roubada não. E aí você diz que depois de um ano e meio de namoro é que ele resolveu se batizar por vontade própria, que você nunca influenciou. Você tá o tempo inteiro tentando me provar, Sarah, olha ele foi por vontade dele, Sarah. Você percebe o quanto, querida, você quer se convencer de que ele de verdade se converteu? Você diz que ele fez o seminário, até da pastora Neuza que é tremenda. Meu amor, acorde. Ele fez tudo pra te convencer, e ele conseguiu por um bom tempo de convencer, tá? Você realmente caiu no papo dele. Eu tenho certeza que você beijava na boca, eu tenho certeza, você não diz aqui, mas eu tenho certeza que você beijava na boca. Porque o tipo de envolvimento que você teve com ele é típico de mulheres que começaram beijando na boca, e já tá totalmente envolvida, já tá totalmente apaixonada pelo cara. Não conseguiu ter discernimento e nem ouvir a voz do Espírito Santo, porque com certeza o Espírito Santo te avisou, mas você não quis ouvir. Quem beija não escuta não, meu bem. E aí você diz que quando você ouviu a minha ministração, você percebeu que ele fez tudo cedo demais, porque ele não tomou leitinho espiritual, né, e foi direto pra feijoada espiritual. Meu amor, pare de justificar, pare de justificar. Não é que ele começou cedo demais, querida, quem se converte de verdade não larga

⁷⁰ Quando um cristão namora, ou se casa com um não-cristão. Disponível em: <http://leiaabiblia.blog.br/o-que-e-%E2%80%9Cjugo-desigual%E2%80%9D/>. Acesso em: 30/03/2013.

Jesus. Pode até mudar de igreja, pode até estar afastado da denominação e até mesmo não frequentando um templo, mas quem tem uma experiência com Jesus, nunca larga o Senhor. Quem verdadeiramente conhece o Senhor, nunca mais volta pro mundo, se apaixona por Jesus. Jesus é muito melhor do que o mundo, meu amor, acorda. E aí você diz que ele era uma benção, um ótimo namorado, quer dizer, você quer acreditar, né, nisso, e você diz que vocês se amaram demais. Agora eu quero pegar aqui uma parte que você falou, que vê claramente, tá nítida a tua contradição. Você diz assim: “Sarah, nós sempre nos amamos demais, era bem visível o amor que nós sentíamos um pelo outro, porém nosso relacionamento nunca foi um mar de rosas”. Olha, logo depois você diz assim ó: “a gente se dava bem, ele sempre fez tudo por mim, e me tratava com toda atenção e carinho”, aí você diz: “porém brigávamos muito por eu não confiar nele”. Quer dizer, que coisa estranha né, que contradição, você mesmo escreve com contradição. E aí você diz que não confiava nele no começo porque ele mentia, ele te deixava em casa pra sair com os amigos, e até diziam que ele te traía, porém ele nunca confessou. Então você está mentindo pra você mesma descaradamente aqui. Eu estou vendo aqui você mentir pra você, porque você diz assim: “mas ele nunca confessou isso pra mim, ele sempre negou a traição”. Mentira, lá na frente do e-mail você fala que ele confessou pra você. Quer dizer, você tá tão cega, minha amada, que você não quer enxergar. Cuidado viu! Princesas não são cegas, essa é uma característica das cachorras. As cachorras são mulheres fáceis, mulheres que vão de qualquer jeito. Princesas não acreditam em papo não, se comporte como uma princesa, isso aqui não é comportamento de princesa, você precisa mudar, ok? E aí você diz, explica, dá até uma explicação de que ele não conhece o pai, que o pai é mau caráter, etc e tal. Você quer explicar sempre a origem do comportamento dele, eu tô entendendo a tua intenção né, de entender, ahh ele faz isso por isso e por aquilo. Meu bem, a escolha é tua se você quer se relacionar com pessoas que têm esse tipo de problema. Você é a pastora dele? Você é a pessoa, o pastor dele? Você é a pessoa que vai tratar

essa área da vida dele? Você é a terapeuta dele? Não é, meu amor. Então você precisa se amar mais, pra escolher uma pessoa saudável pra se relacionar com você. Pare de aceitar relacionamentos com pessoas que não querem ser curadas. Isso é um sentimento de auto-destruição que você tem, aceitar um relacionamento que te faz mal, com uma pessoa que não quer ser resolvida, é muito ruim isso pra você. E aí você diz que o tempo passou, que vocês resolveram marcar a data do casamento. Eu estou chocada, eu te confesso que eu estou chocada com essa informação. Como, depois de tudo que você relatou pra mim, como que você cogitou casar com um homem desses? Eu não consigo entender como é que você quis casar com um homem desse, porque você tinha muitas dúvidas. Com certeza você beijava na boca, porque é o beijo que faz esse apego que você desenvolveu com ele, é o apego de quem deu muitos amassos, com certeza querida, isso aqui tá na cara. E aí você diz que faltava 1 ano pro casamento, que vocês combinaram de orar na tua casa, e ele apareceu ansioso e aconteceu aquele episódio, do carro, onde você acabou sentindo uma coisa estranha, uma voz que falava com você e você acabou descobrindo que ele estava lá no carro com uma mulher. E aí você conta esse episódio horrendo, humilhante, degradante, completamente absurdo, de que ele estava no carro com uma moça e que a menina saiu correndo, quer dizer, primeiro sinal de que ele tava te traindo é de que a menina saiu correndo, porque se não houvesse nada entre eles, ele, a menina teria continuado no carro. Segundo sinal, por que que ele não te ligou? Pra te falar: olha, eu vou ficar no carro. Por que ele não deixou um recado com a tua mãe? Se ela me ligar eu tô aqui no carro conversando com uma amiga. Se é uma amiga, ele não tem que ter medo de nada, se ele não deve não teme, quem não deve não teme. Então com certeza ele tava escondendo de você, ele não te contou isso, lógico, porque tem alguma coisa errada. E aí você diz que ele, primeiro, que ele tava branco, pálido, outro, terceiro sinal de que ele tava fazendo a coisa errada, ele ficou muito apavorado quando te viu, a garota saiu correndo e você diz que no começo ele negou, negou, negou, né? Negou, não fiquei com ela, não fiquei com ela,

estranho né, ele falar isso. E que depois ele começou a chorar, chorar, chorar e dizer que ele não valia nada mesmo, que ele era um ninguém e que não sabia porque ele estava fazendo aquilo, que ele te amava muito, começou a chorar, soluçar, papapá. Querida, deixa eu te falar uma coisa, quando um homem vira pra você e diz assim: eu não valho nada, é melhor você acreditar. Se ele está dizendo que ele não vale nada, acredite, meu amor. Ironicamente tá, tem muitas mulheres que escutam e não querem acreditar. Meu Deus! Um negócio de uma obsessão que você desenvolveu por esse homem, que você não conseguiu enxergar o caráter dele. Aí você conta que depois de tudo isso ele teve um piripaque, um negócio esquisitíssimo e que você ligou pra líder da intercessão. Meu bem, ou ele encenou pra você um ataque pra você ficar com pena dele, ou ele tava realmente possesso, eu não sei, você fala que entrou até uns bichinhos, pode acontecer. E aí você diz que depois disso ele realmente mudou muito, que vocês pararam de brigar, que ele tava uma benção na igreja, que aceitou ser discipulado e que ficou tudo bem, ponto. E aí você, na outra linha você diz: porém. Como assim? Se decide, meu amor. Tava tudo bem, mas porém, o tempo todo você faz isso. Veja como você é confusa. Querida, relacionamento não dá certo dessa forma. Você precisa saber o que você quer pra você. Deus não é Deus de confusão. Esse relacionamento é confuso, já tava na cara que não era de Deus. Não é, confusão não é de Deus. E aí você fala que porém, depois desse dia, você não conseguiu mais confiar nele, que você mentia pra ele que você confiava, que você mostrava, quer dizer, você mentia, fingia, mas na verdade não confiava, mesmo ele mostrando mudança. Que você continua em frente, que vocês passaram a orar muito pelo casamento e que Deus começou a te abençoar, abençoar vocês dois. Meu bem, eu quero fazer um parênteses aqui, não coloca Deus nessa história não, por favor, tá? Você diz que Deus começou a abençoar vocês e que vocês ganharam tudo, e que a casa de vocês já estava mobiliada, completa. Você tá chamando isso de benção? Meu bem, eu conheço muitas histórias onde o inimigo pra enganar forja benções e as pessoas ao redor de vocês estavam com pena as vezes de

vocês e empurraram e você interpretou como sendo Deus. Porque pro inimigo te enganar tá muito fácil. Qualquer coisa ele consegue te enganar. Esse sinal é um sinal depois de todas as afinidades, aí quando Deus abre as portas, dá provisão financeira é um dos últimos sinais que Deus dá. Quando há as afinidades há paz, tranquilidade, o relacionamento, leia lá no meu blog, complemento do livro Defraudação Emocional, tem os oito sinais⁷¹ que Deus dá. Você vai entender do que eu estou falando, ok? E aí você fala que, até que um dia, faltando 4 meses pro casamento, faltando 4 meses para o casamento, que você já tinha até vestido de noiva, que ele, de uma briga feia, por causa de uma briga feia, porque você desconfiava que ele tava mentindo para você e que a mãe dele tava no meio e etc, etc, que ele chegou pra você e disse que queria terminar porque ele não podia casar com uma mulher que não confiava nele. Meu amor, deixa eu te contar uma coisa, papo furado desse cara, ele nunca ia casar com você, ele só esperou uma oportunidade, ele causou uma situação pra você brigar com ele e pra ele terminar com você, você não sacou isso? Ele não é um homem de casar, ele não queria casar. Ele tava tentando alguma outra coisa com você, sabe, aquela coisa que você tem, aquele tesourinho que você tem aí no teu corpo, ele tava querendo isso sabe, é isso que ele tava querendo. E aí ele chegou pra você e disse que queria terminar e etc e etc. Você entrou em crise, que vocês nunca mais voltaram, que você achou que vocês iam voltar, passou mais de um ano, perdeu vários quilos, ficou magra, papapa papá, e que você não conseguiu se conformar que a promessa de Deus na tua vida não ia se cumprir. Meu bem, por que que tem que ser ele? A promessa de Deus na tua vida é um casamento com um homem de Deus, um homem certo pra você. Ele não é o cara certo pra você, tá na cara que não é. E aí você diz que não consegue esquecê-lo, papapá, que a esperança tá sempre no teu coração, teu coração dói. Deixa eu te falar uma coisa, você tem claramente aqui uma obsessão por esse rapaz, e isso pra mim ficou muito claro quando você

⁷¹ Disponível em <http://sarahsheeva.wordpress.com/complemento-do-livro-defraudacao-emocional/>. Acesso em 31/03/2013.

conta que depois de tudo isso de errado que aconteceu, porque você não teve nenhum amor próprio querida. Que depois de tudo isso você ainda aceitou ficar ouvindo, falar com ele pelo telefone, aceitou conversa, aceitou tudo isso, até que um dia ele te convidou pra passar o reveillon com ele e você aceitou. Nunca uma princesa aceitaria uma coisa dessa. Nunca, depois de você ter tido acesso a um relacionamento de compromisso com ele, como é que você aceitou a migalha de passar como ficante dele num reveillon? E ainda por cima permitir que ele fizesse sexo com você. Você se reduziu abaixo, abaixo, bem abaixo, você foi bem se humilhando, abaixo, abaixo, abaixo, do cachorro, da cachorra, da cachorra, da cachorra. Que que foi isso que você fez com a tua vida, meu amor? Acorda. Que isso foi um horror, eu tô escandalizada com esta história. Você nunca poderia ter feito isso, ali você acabou com a tua moral, você acabou com a tua reputação, você acabou com o respeito que esse homem podia ter por você e você ainda acabou de tal forma que você acredita que ele tem alguma consideração por você. Você diz assim: “Sarah, depois disso nunca mais nos vimos”. Óbvio, ele não quer mais você, ele já teve o que ele queria de você, ele só queria isso. Ele nunca se importou, ele nunca te amou. Amor não é isso, meu bem, amor não é atração sexual, não, amor inclui a atração sexual, amor respeita, é uma decisão, é uma escolha. Ele nunca amou quem você era, a tua essência, a pessoa que tá dentro desse corpo, ele queria teu corpo, é isso que ele queria, quando ele conseguiu ele sumiu. A atitude fala quem ele é, a atitude fala o que ele queria. E aí você diz que vocês nunca mais se viram, mas que vocês se falam por telefone e e-mail. E aí você diz, você fala que ele diz, ele diz que não quer te ferir. Mentira. Isso é conversa, isso é papo de homem pegador. - Não quero te ferir, é por isso que eu não te ligo. Mentira, meu amor. Mentira, o homem quando gosta ele corre atrás, ele vai atrás da mulher, o homem quando gosta ele mostra com atitudes que ele gosta, é assim que você descobre quando um homem gosta de uma mulher, ele faz, ele tem atitudes. E você fala que ele voltou pro mundo por isso, que você não quer acreditar. Acredite, esse irmão nunca se converteu de verdade. Esse

irmão foi uma cilada do inimigo contra a tua vida, ele fez tudo pra ter você e um belo dia você caiu no conto e se entregou pra ele. Querida, a minha ajuda, você no final diz: “Sarah eu preciso da tua ajuda”. A minha ajuda pra você é a seguinte: por favor, peça perdão a Deus por tudo que você fez porque você se desvalorizou muito e você feriu o Espírito Santo, porque você foi comprada por preço de sangue. O Senhor se deu por você, ele morreu por você. Você nunca poderia ter feito isso, você magoou o Espírito Santo, você tinha que se amar, você tem que se amar. A palavra de Deus diz, meu Deus, é o segundo mandamento. Primeiro mandamento: amar a Deus acima de todas as coisas. Segundo mandamento: amar ao próximo como a ti mesmo. Como você pode amar alguém se você não se ama? Você deixar alguém fazer isso com você, chegar nesse nível de humilhação, nível de cachorrice; não querida, se arrependa, ore, busque, procure tua liderança, confesse tudo pra tua liderança, peça oração com imposição de mãos na tua cabeça. Se arrependa e comece a buscar um novo tempo na tua vida nessa área. Peça ao Espírito Santo, talvez você precise mesmo de fazer alguma terapia, porque talvez as suas feridas sejam muito profundas. Eu não te aconselho fazer uma terapia com um terapeuta que não seja cristão, porque precisa de uma, desse conhecimento. Um terapeuta cristão ele vai entender todo o lado espiritual da tua vida, né? Não vai querer te dar um remedinho por você levantar os braços e ficar de olho fechado, porque quem não é cristão acha que a gente é doido. Então, meu amor, eu te aconselho talvez até mesmo fazer uma terapia, é uma benção. Eu também agradeço você por ter me enviado, por ter confiado em mim a tua história e eu quero te dizer que eu creio, meu bem, eu creio na restauração de Deus do teu sonho. Sabe, tudo que o inimigo te roubou, o Senhor é poderoso pra fazer muito mais do que você pediu ou pensou. O Senhor pode te restituir, te dar um casamento maravilhoso, um marido que te ame, que te respeite, que te trate como uma princesa que você é, como a princesa do Senhor que você é, porque princesas atraem príncipes, cachorras atraem cachorros. Você precisa se comportar como uma princesa, eu tenho certeza que Deus vai te honrar.

Honre Ele, em nome de Jesus, querida, Deus é contigo pra fazer. É o que eu peço a Ele pela tua vida agora, que Ele vá até você, te cure, te dê essa vitória, e eu profetizo que você vai vencer nessa área da tua vida, amém? E depois, quando as vitórias chegarem, me manda um e-mail também contando a benção, tá? Que Deus te abençoe e te guarde e que cada pessoa que está vendo seja abençoada também, aprenda, retenha essa palavra, não deixe o inimigo te roubar. Em nome de Jesus, o conhecimento do Senhor, reconheceréis a verdade e a verdade vos libertará. O povo sofre e é destruído por falta de conhecimento, não deixe a ignorância se chegar em você e roubar a tua felicidade. Em nome de Jesus fique na paz e até o próximo.

Aconselhamento Sentimental nº5 – Pra. Sarah Sheeva - 25/01/12 (86.167 visualizações)

Olá, queridos. Estou aqui para responder a mais um pedido de aconselhamento, e vem de uma moça, ela parece ser uma jovem, ela não diz a idade dela, mas ela diz o seguinte:

“Olá querida Sarah, gostaria que você me tirasse uma dúvida. Já faz uns dois anos que eu gosto de um garoto da minha igreja e não sei como me comportar em relação a isso, pois sou uma pessoa muito tímida e ele também, mas é claro que quero fazer tudo conforme a vontade de Deus. Esperar o momento certo. Mas não sei como me portar (como me comportar, né?). Pois às vezes chego a ser até exagerada por ficar enamorada por ele (ela tá dizendo que ela fica, né, apaixonada por ele, olhando, assim, boba). Por ficar olhando pra ele muito tempo com cara de tonta (ela tá dizendo que não sabe como se comportar porque muitas vezes ela fica até mesmo olhando pra ele com cara de tonta). Às vezes, Sarah, eu acho que ele também gosta de mim, pois é da mesma forma que vejo e sinto, da mesma forma eu vejo e sinto ele me olhar. Já coloquei isso diante de Deus, porque eu sei que se não for da vontade de Deus que esse sentimento então seja tirado do meu coração. Por favor, me responda, Sarah. Agradecida. (E ela assina o nome dela que é lógico que eu não vou revelar para vocês, ela também diz da onde que ela é, e no final ela diz, né, que já colocou diante de Deus)”.

Vamos lá, querida. Eu vou ler um pouquinho algumas coisas que eu quero te mostrar como você não sabe, talvez não tenha um conhecimento sobre um pecado chamado auto defraudação. Esse pecado eu descrevo ele claramente, com base bíblica no livro, primeiro livro que eu escrevi, chamado “Defraudação Emocional”. O que é defraudar? Gerar expectativas que não podemos suprir. O que é auto defraudação? É quando a expectativa parte de nós, não são pessoas de fora que geram uma expectativa em nós, como por exemplo, no caso da defraudação tipo cupido, quando alguém vem falar, né,

ou quando alguém vem apresentar, não. A defraudação, auto defraudação, ela é gerada por nós, por você mesma. A pessoa cria uma fantasia com alguém que nunca olhou na cara dela. É muito comum nas mulheres, os homens já não tem esse costume. As mulheres têm muito maior esse costume por serem muito sonhadoras. Isso é um pecado. Isso não é algo, vamos dizer, que acontece naturalmente, não. Isso é um pecado. Isso é uma coisa ruim, do mal. Por quê? Porque uma mulher quando é princesa, ela não fica procurando o homem pra gostar. Essa é uma característica de princesa. Princesa espera o homem procurar. Princesa espera o cara tirar ela pra dançar. É uma forma de expressar, né? Espera pra ver se ela vai realmente se interessar por ele. Mas já as mulheres viciadas em relacionamento, eu já fui uma dessas, elas são acostumadas a ter sempre alguém pra ocupar a história do coração delas, pra ocupar a vaga emocional, ocupar a mente, ocupar a história, e querem sempre alguém pra estar gostando. É um vício feminino. Isso é uma rebelião. Por quê? Porque você pode estar ocupando o teu coração com alguém que Deus não falou com ele, é o homem que procura a mulher e a mulher é procurada. O homem procura, a mulher espera, né? O cara está procurando, né? O homem é esperado por nós. E nós olhamos pro Senhor, adoramos o Senhor, prosseguimos nosso dia a dia esperando o cara certo nos encontrar. Todo o teu comportamento mostra que você é uma auto defraudadora, muito comum isso, eu preciso voltar nesse assunto, por isso escolhi responder hoje esse aconselhamento, porque é muito comum essa história. Eu vou te mostrar ponto a ponto onde você tem errado. Você fala assim ó: “já faz uns 2 anos que eu gosto de um garoto da minha igreja e não sei como me comportar em relação a isso”. Eu vou te dizer como se comportar. Primeira coisa, você precisa orar e pedir perdão a Deus, por estar a dois, DOIS, dois anos gostando de um cara que não falou com você. Meu amor, isso é um comportamento que eu chamo de comportamento de cachorra. Mulher que mendiga migalhas emocionais, que pede, que está ali aceitando qualquer olhadinha, ela “ai graças a Deus”, hã? Como assim? Que tipo de valor você se dá? Então quer dizer que você passa

DOIS ANOS deixando um homem que nunca falou com você ocupar a vaga do teu coração? O que que ele fez para merecer isso, meu amor? Você está muito errada, comece se arrependendo desse pecado, primeira coisa. Aí você continua dizendo assim que você é uma pessoa muito tímida, isso não tem nada a ver com esse assunto. Você pode ser muito tímida, meu bem, quem tem que tomar a iniciativa é o homem, é o homem que tem que chegar em você e falar: eu quero orar com você. Não é você. Mulher não toma iniciativa. Depois que ele tomar a iniciativa, aí você pode retribuir como uma linda princesa que eu creio que você é. Talvez esteja tendo um comportamento errado por não saber. Deus não leva em conta o tempo da ignorância, mas o tempo do conhecimento ele leva, então aprenda pra você não mais ser ignorante. E aí você continua dizendo, que você, você diz assim, afirma: “e ele também é tímido”. Como é que você sabe? Isso faz parte do jogo da auto defraudação que a tua alma criou. Você, eu, todo mundo, quando a gente se auto defrauda a gente cria uma personalidade pra pessoa, a gente fantasia que a pessoa é de um jeito que a gente acha que ela é. Então, você, como uma boa auto defraudadora criou uma fantasia sobre esse cara e você acredita que ele seja desse jeito. Você inclusive está declarando que ele é tímido. Não, meu bem, não se deixe enganar, pode ser que você esteja completamente enganada e ele não seja nem um pouco tímido. Porém, você acha que ele é porque você está julgando pela aparência. Ele nunca falou com você, como você pode saber se ele é tímido? Você não conhece ele, você não é amiga dele. Não, não acredito que ele seja tímido não. E aí você continua dizendo: “mas é claro, Sarah, que eu quero fazer tudo conforme a vontade de Deus”. Amém! Que bom então, eu espero que você me ouça. Algumas pessoas falam isso, mas na hora que eu dou o conselho ficam revoltadas porque não gostam do conselho. Então se você realmente quer fazer segundo a vontade de Deus, a primeira coisa, pare de olhar e de procurar homem. Princesas não procuram homem. Princesas esperam o cara encontrá-la. Amém? Então essa é a primeira coisa. Aí você continua dizendo que quer esperar o momento certo. Amém! Que não sabe

como se comportar porque às vezes você chega a ser exagerada e fica até olhando pra ele com cara de tonta. Imagina o micão que você está pagando. Se ele realmente tiver interessado em você, ele é um cara muito devagar, muito devagar, você vai ter que orar, e para de olhar pra ele. Você precisa orar assim: Senhor, se em uma semana ele não me procurar, é porque não é ele. Para de olhar pra ele, para de orar por ele, esqueça, amém? Porque se não, ele tá só te olhando como olha pra qualquer uma e você que está criando a fantasia no olhar dele. Eu já vi histórias de homens, que as mulheres inventavam, o cara tava olhando como olha pra qualquer uma e a mulher: ele tá olhando pra mim me paquerando. Alô-ôu? Se o cara tiver interessado em você, ele vai ate você. E aí você diz que acha que ele gosta de você. Eu não acho que ele goste de você, homem quando gosta toma atitude, tá? E você diz que você vê da mesma forma ele olhando pra você. Não. Eu acho que isso você interpreta que ele tá te olhando da mesma forma, mas ele não está. Eu acho que é uma fantasia da auto defraudação que você tem. A auto defraudação tem essa característica. Nós mulheres somos mais propícias e essa característica da auto defraudação é muito forte porque a gente começa a ver o que não existe. O homem passa pela mulher, olha pra ela de relance, ela entende assim um olhar apaixonado. Ele fala: bom dia, ela entende: eu te amo. É uma loucura a auto defraudação. A gente pode até ouvir e ver coisas que não existem, entendeu? E aí no final você diz que já colocou isso diante de Deus, que se não for da vontade de Deus que esse sentimento seja então tirado do teu coração. Vamos lá, eu não acredito que você tenha colocado diante de Deus de verdade. Eu acredito que você colocou diante de Deus, vírgula, orando assim como muitas auto defraudadoras fazem: Senhor, eu quero que seja ele. Ah Sarah, que esse sentimento seja tirado do meu coração. Como assim? Se foi você que colocou esse sentimento no teu coração? Sabe, não coloca Deus onde Deus não teve nada a ver com isso. Deus não colocou esse sentimento no teu coração. Foi você que colocou, foi você que olhou pra ele, emprestou os teus olhos. É assim que a gente se auto defrauda. A gente se auto defrauda

assim, tudo começa com um olhar. A gente olha e começa: ai, eu acho que é ele, ai eu acho que é, ai será que é ele? E nisso a sua mente vai, a sua alma elege uma pessoa pra gostar. Deus não tem nada a ver com isso. Quando você diz que você já colocou diante de Deus, não, a partir do momento que você pede um conselho, a partir do momento que você fala: Deus, olha só, se não for ele, Pai, então, em uma semana ele não vai falar nada e acabou. E confia que o senhor é Deus que te dá sinais. Homem quando gosta de uma mulher vai atrás. Homem não fala, não, homem faz, meu bem. Então, esse cara, pelos sinais que ele está te dando há 2 anos, esses são os sinais que comprovam que ele não gosta de você: ele nunca te procurou, ele nunca falou com você, você olha pra ele ainda com cara de apaixonada e o cara parece estar com cara de apaixonado, mas mesmo assim não fala nada com você? Nem se aproxima como teu amigo? Ele não tá afim de você. Não tá. Cuidado viu, porque tem uns que são auto defraudadores, auto defraudadores não, são defraudadores profissionais, fazem isso com milhões de meninas, dentro da igreja, tem vinte e poucas meninas apaixonadas por ele, ele não fica com nenhuma. Então, toma cuidado tá, porque pode ser que esse ainda seja um desses. Mas enfim, acredito até que não seja. Vamos ver, né? Se Deus quiser, você vai sair dessa. Ore. Peça perdão a Deus e pare de olhar pra ele. Deus vai tirar do teu coração esse sentimento, eu creio porque eu já passei por isso algumas vezes na minha vida, eu também já fui auto defraudadora, tá bom? Tem solução, tem jeito. É um treino e você vai conseguir, se Deus quiser, em nome de Jesus, amém? Que o senhor te abençoe e te guarde, que você consiga vencer. Esse desafio que você está vivendo hoje, que hoje parece um gigante, mas é que é desse tamaninho, é bem pequenininho tá? Acredite. E você vai vencer e não vai mais entrar nesse lugar. Eu profetizo sobre a tua vida que você vai ser encontrada pelo cara certo, e ele vai restituir todos esses anos que você foi roubada pelas defraudações e pelos espíritos de burrice que te cegou, que é o espírito de cegueira. Eu profetizo que Deus vai te restituir todos os anos que foram

roubados, que você vai ser muito feliz nessa área. Em nome de Jesus. Um abraço a todos que estão assistindo, e se Deus quiser, até o próximo.

Aconselhamento Sentimental nº6 - Pra Sarah Sheeva - 31/08/13 (39.125 visualizações⁷²)

Olá queridos, estou aqui para falar um pouco mais sobre vida sentimental. E hoje eu queria dar algumas dicas, quero falar sobre um tema, assim, interessante, que todos os solteiros e solteiras vão gostar. Vamos falar hoje sobre as coisas que irritam os solteiros. Vamos falar de duas coisas, assim, principais que eu considero terríveis, que irritam os solteiros, que a gente vê por aí as reclamações né, sempre nessa área; e, basicamente, das coisas que irritam os solteiros, o que mais irritam os solteiros são as pessoas que os fazem perder tempo. É se relacionar com pessoa que fazem com que eles percam aquele tempo, percam aquela dedicação daquele tempo, percam, né, o esforço dedicado ao outro, em vão. E as vezes esse tempo poderia ser aproveitado de outra forma, se tivesse havido uma melhor comunicação entre o casal, os dois poderiam ter partido pra outra, continuado como amigos e não perdido tanto tempo juntos num relacionamento que não tinha futuro. Essa, eu acredito, é a principal reclamação e é a principal causa de irritação na vida dos solteiros. É o sentimento de perda de tempo, né. Fiquei com uma pessoa um tempão, me dediquei, me envolvi e de repente aquela pessoa não era a pessoa certa. Poxa, por que que eu não vi antes que não era, né? O que que a gente pode fazer, né, pra não perder tanto tempo na vida, né, no relacionamento errado, com a pessoa errada? Bom, homens, a maioria dos homens reclamam de mulheres que não mostram o que querem realmente e não mostram quem elas realmente são. Vamos falar, primeiramente, da parte dos homens. Coisas que irritam os homens solteiros, né. Uma das coisas mais terríveis, que mais irritam os homens solteiros é mulheres que não mostram o que querem de verdade, realmente, e mulheres que não mostram quem elas realmente são. São aquelas mulheres

72

que não revelam o que realmente elas esperam de um relacionamento, são aquelas mulheres que jogam sabe, que ficam fazendo um jogo, é aquela história que não chove nem molhe, sabe, não faz, nem desocupa, entendeu? Aquela pessoa que fica em cima do muro, que não revela pro cara, não é transparente com o cara em coisas que precisam ser. Tem coisas que não é pra ser transparente de cara, porque você tem que se resguardar, mas tem coisas que é preciso ser, né, por exemplo, ao você perceber que a pessoa não combina com você em alguma áreas, você não deve enrolar a pessoa, você deve conversar sobre aquilo abertamente, pra que ninguém, nenhum dos dois, ninguém, perca seu tempo. Então os homens, eles realmente ficam extremamente irritados quando eles percebem que a mulher é, não está curtindo ele, não está gostando dele; ele achava que ele tava agradando, ele achava que ele tava assim, sendo um ótimo namorado, um cara, assim, que tava suprindo ela em várias áreas . Porém, pra ela, na verdade, ele tava deixando a desejar, e por que que ele tava deixando a desejar, né? Porque ele continuou com um relacionamento aonde ele não tava satisfazendo ela em nenhuma área que ela necessitava, né, nenhuma área emocional, nenhuma área como homem, na presença dele como homem, não tô falando na intimidade, né gente, por favor, vocês tão entendendo. Tô falando de relacionamento santo, que não tem intimidade sexual, né? Então um relacionamento santo, vocês tão relacionando, vocês estão se conhecendo como amigos e existe uma necessidade de suprimento, de companhia, nas conversas e tudo, as pessoas tem necessidades, elas querem encontrar coisas umas nas outras. Então, de repente o cara tá achando que tá agradando a menina, a menina tá fazendo caras e bocas, assim, como se tivesse super feliz e por trás, ela tá detestando, né. E por que o cara não tá agradando realmente ela? Porque na verdade ela nunca revelou o que realmente ela esperava de um relacionamento e dele. Muitos homens agem de forma errada, eles acabam fazendo um tipo, usando uma máscara, pra que a mulher acredite que ele é aquilo que ela espera. Isso é um erro, porque a máscara vai cair e ela vai descobrir quem você é e ela vai acabar te largando e vai ser

muito pior pra você. É melhor você ser você mesmo, e mostrar quem realmente você é homem, e ela vai se apaixonar por quem realmente você é, se ela tiver que se apaixonar por você. Ela não vai se apaixonar pela farsa e sim pela verdade que você é. Agora é terrível e irrita terrivelmente os homens solteiros, mulheres que não revelam o que realmente esperam do homem, mulheres que fazem um joguinho, entendeu? E que se transformam nas santas, nas puras, para ter um cara ao lado delas, mas na verdade elas querem muito mais do que elas tão mostrando. Isso não é legal e isso irrita os homens. Por quê? Faz os homens perderem seu tempo, faz os homens perderem seu ânimo, seus dias, sua força, o cara fica irritado, entendeu? Então, por favor, mulheres, parem de irritar os homens solteiros, ok? Agora vamos falar de uma área que irrita as mulheres solteiras, né, falei um pouquinho sobre o que irrita os homens solteiros, vamos falar uma coisa que irrita terrivelmente as mulheres solteiras, eu estou entre essas mulheres que se irritam, ok? Eu tenho 40 anos, sou uma mulher solteira de 40 anos que vive em santidade há muitos anos. Há mais de 10 anos espero em santidade o homem de Deus que o Senhor tem pra mim, me encontrar. Preste muita atenção nisso. Uma das coisas mais terríveis, eu posso falar como mulher solteira também, posso até dar o meu testemunho aqui, uma das coisas mais irritantes para as mulheres solteiras são homens que fazem elas perderem seu tempo. De que forma um homem pode fazer a mulher perder seu tempo, né? Já vimos como é que os homens se sentem, mas como é que a mulher pode se sentir perdendo tempo? Bom, relacionar-se com um homem que, apesar de saber que não tem a menor condição de ser casar com ela, que não tem a menor chance de se casar com ela, aquele homem insiste em tentar se relacionar com ela. Olha, não tem coisa mais irritante que isso para uma mulher solteira, por quê? Porque a gente tá vivendo a nossa vida no dia a dia, vem um cara, aparece no meio do caminho e fala com a gente: oi, tudo bem? Eu queria orar com você. No meio do caminho que eu falo assim, na vida né. De alguma forma ele consegue acesso a você, ou por e-mail, ou na rede social, ou por telefone, ou na igreja pessoalmente. Mas ele tem a

coragem né, corajoso, de chegar até a você e dizer, muito legal né, homem corajoso: oi, tudo bem, Fulana? Eu quero orar com você, eu gostaria de orar pra ver se você é a mulher de Deus pra minha vida, você gostaria de orar comigo? Quando um homem faz isso, ele, primeiro, antes de fazer isso, ele precisa, primeiro, perguntar pro pastor pra poder ele não passar vergonha: Pastor, ela está orando com alguém e tal? Tá livre aí o caminho? Pedir o pastor que sonde o território, o pastor vai sondar. Olha, Mariazinha, o Joãozinho tá querendo orar com você, que que você acha? Sem a Mariazinha saber, porque se a Mariazinha achar o Joãozinho feio, né, ou nada a ver, ou ai Deus me livre, a Mariazinha vai falar pro pastor e não pro Joãozinho e vai preservar o relacionamento. Não vai ficar aquele sentimento de rejeição, entendeu? Então é importante a gente ter essa sabedoria. Então homem corajoso, homens corajosos, que saem assim avançando, tem que tomar muito cuidado. Primeiro, porque você pode passar uma vergonha, porque a mulher pode já estar comprometida com alguém, orando com alguém e você passar vergonha. Isso primeira coisa. Mas, tudo bem, descobriu que ela não tá orando com ninguém, que ela tá solteira, né, ela é solteira, tá sem nenhum compromisso com ninguém, ok. Que que você vai fazer? Você vai olhar e observar a vida dela, será que combina com você? Será que realmente essa mulher tem a ver com você? Você acha que essa mulher é o tipo de mulher que gostaria de tá com um homem como você? Olha o estilo dela, até mesmo de se vestir. De repente você é músico e ela é mais descontraída, mais descolada, oh, tem a ver. Mas aí de repente você é um músico e ela é uma patricinha da cabeça ao pé, e ela, de repente, vai ter uma inclinação maior pelos mauricinhos, né. De repente, ela é uma menina super punk, meio rock and roll e você é um mauricinho, quadradinho e tal, de repente não é o estilo dela. Vamos falar de um outro fator importante né, condição, é, econômica, situação econômica da pessoa. As vezes a menina, uma menina mimada, criada numa família muito bem sucedida, e você, as vezes, é um rapaz com uma condição mais simples. Aí você olha e almeja, Meu Deus eu quero ela. Querido, pare, calma. Antes de qualquer coisa vai

sondar o território, conversa com o pastor, pede pra ele sondar, porque as vezes é muito ruim pra menina ver um rapaz cortejá-la que não tem a menor condição de casar com ela, né, as vezes ela tem sonhos, expectativas muito maiores do que você pode proporcionar. Isso vai gerar uma frustração dentro do teu coração e do dela. E a mulher ela fica extremamente irritada quando ela vê um cara que não tem condição de estar com ela, de casar com ela, cortejá-la. Isso é extremamente irritante, são coisas que irritam as mulheres solteiras. Então, vamos parar antes de agirmos e vamos pensar, ter sabedoria para a gente não irritar uns aos outros e pra gente ter relacionamentos mais saudáveis, menos desgaste, mais benção, mais amor, mais harmonia nas nossas igrejas, né, nas comunhões que a gente tem por aí e nas famílias, amém? Vamos ficar ligados nisso. Essa foi a dica de hoje, coisas que irritam os solteiros. Que Deus te abençoe.